



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

JAILSON TAVARES CRUZ

O LEGADO DE “NITIO-ABÁ”: MEMÓRIA DA EDUCADORA BEBERIBENSE
ANNA FACÓ QUE MARCOU A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CEARÁ ENTRE OS
SÉCULOS XIX E XX

FORTALEZA

2025

JAILSON TAVARES CRUZ

O LEGADO DE “NITIO-ABÁ”: MEMÓRIA DA EDUCADORA BEBERIBENSE ANNA
FACÓ QUE MARCOU A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CEARÁ ENTRE OS SÉCULOS
XIX E XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Maria Nobre Lopes.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C9621 Cruz, Jailson Tavares.
O legado de “nitio-abá”: memória da educadora beberibense Anna Facó que marcou a história da educação no Ceará entre os séculos xix e xx / Jailson Tavares Cruz. – 2025.
124 f.: il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Fátima Maria Nobre Lopes.
1. Educação. 2. Anna Facó. 3. Valores Morais. 4. Grupo Escolar Ana Facó. I. Título.
- CDD 370
-

JAILSON TAVARES CRUZ

O LEGADO DE “NITIO-ABÁ”: MEMÓRIA DA EDUCADORA BEBERIBENSE ANNA
FACÓ QUE MARCOU A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CEARÁ ENTRE OS SÉCULOS
XIX E XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 18/09/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Fátima Maria Nobre Lopes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Fátima Maria Leitão Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Antônio Marcos da Costa Silvano
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, esposa e filha, colegas, amigos
e família.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dra. Fátima Maria Nobre Lopes, que contribuiu com sabedoria e otimismo para a realização do trabalho.

À minha esposa Fabiana Castro Pereira Cruz, pela compreensão, incentivo e apoio familiar; à minha filha Júlia Castro Tavares Cruz, exemplo de filha amorosa, zelo pelos estudos e fé inabalável. À minha irmã Maria Virginia Tavares Cruz, a primeira doutora da família, pela ajuda e incentivo. A todos os demais membros da família, que têm um significado especial em minha vida. Em especial à minha mãe, Maria Tavares Cruz, e ao meu pai, José Francisco da Cruz, exemplos de luta, perseverança, fé e cuidado com a família.

Ao professor Dr. Adauto Lopes Filho, pela inestimável e primorosa contribuição efetivada durante o transcurso de minha pesquisa,

A todos os servidores e professores da *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.

Aos professores participantes da banca examinadora, Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade, Prof. Dr. Antônio Marcos da Costa Silvano e Prof.^a Dra. Fátima Maria Leitão Araújo, pelo tempo e pelas valiosas colaborações e sugestões.

À bibliotecária Madalena Maria Monteiro Figueiredo da BECE, pelo auxílio nos momentos da pesquisa.

Aos colegas da FACED, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

“Minha infância foi manhã clara, mas não festiva; minha mocidade, sol no pino em dia chuvoso; minha velhice, sol no accaso, em tarde sombria. Oxalá seja ao menos, sadia, placida, e não cause grande incommodo a ninguém” (*sic*) (Facó, 1938c, p. 124).

RESUMO

Mergulhando na história das educadoras cearenses no final do século XIX e início do século XX, encontramos uma mulher que contribuiu, de forma significativa, com seu trabalho e suas obras, rompendo com os paradigmas sociais da época, deixando um forte legado. Evidenciamos aqui Anna Facó, que se destacou por suas produções literárias publicadas em livros e jornais. Como professora, inovou os métodos de ensino, elaborando textos didáticos que valorizavam a formação integral da criança. Também assumiu a direção do *Primeiro Grupo Escolar de Fortaleza*, posicionando-se diante de uma sociedade conservadora marcada pelo patriarcalismo. Objetivamos, com este estudo, discutir o legado de Anna Facó, suas obras e sua trajetória profissional, refletindo sobre sua contribuição para a educação no cenário pedagógico da época, na qual utilizou a escrita como instrumento de enfrentamento às barreiras sociais impostas às mulheres no século XIX. Pretendemos, assim, conservar a memória de sua vida e obra, que representam a luta das minorias e a busca por maior participação das mulheres na sociedade. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, biográfica e documental, que utiliza fontes hemerográficas e imagéticas, buscando mergulhar em fatos históricos e tomando como referência para as reflexões propostas a bibliografia e os documentos históricos coletados na *Escola de Ensino Médio Ana Facó*, no município de Beberibe-Ceará. A contribuição de Anna Facó para a educação moral, no início do século XX, destaca-se por meio de contos publicados no *Jornal do Ceará*, com a finalidade de trabalhar os valores morais, a convivência e o agir ético dos alunos. Em nossos resultados e discussões, apontamos que Anna Facó se tornou inspiração para muitos educadores e que, em sua trajetória profissional, contribuiu para uma educação que ultrapassava os muros da escola, rompendo as barreiras de sua época ao proporcionar aos alunos um novo método de educar com lições de alfabetização e contos para a formação da consciência moral, publicados em jornais. Em nossas conclusões, evidenciamos a importância de uma educação voltada para o agir ético, considerando os caminhos para a construção de um futuro melhor na sociedade. Anna Facó foi um exemplo desse modelo de educação já no seu tempo, rompendo com os limites impostos à mulher. Por fim, destacamos o trabalho e os caminhos trilhados pela normalista Anna Facó, que, por meio do exemplo na educação e na literatura, deixou um legado que, à época, foi uma ação bastante revolucionária e ecoa até os dias atuais, materializado na fundação do *Grupo Escolar Ana Facó* em Beberibe, construído em sua homenagem e inaugurado em 1947.

Palavras-chave: educação; Anna Facó; valores morais; Grupo Escolar Ana Facó.

ABSTRACT

Diving into the history of Ceará's women educators at the end of the 19th and the beginning of the 20th century, we find a woman who contributed significantly with her work and writings, breaking with the social paradigms of her time and leaving a strong legacy. Here we highlight Anna Facó, who stood out for her literary productions published in books and newspapers. As a teacher, she innovated teaching methods by creating didactic texts that emphasized the child's holistic development. She also took on the leadership of the *First Public School of Fortaleza*, positioning herself within a conservative society marked by patriarchy. The objective of this study is to discuss the legacy of Anna Facó, her works, and her professional trajectory, reflecting on her contribution to education in the pedagogical context of her time, in which she used writing as a tool to confront the social barriers imposed on women in the 19th century. Thus, we seek to preserve the memory of her life and work, which represent both the struggle of minorities and the pursuit of greater participation of women in society. This research adopts a qualitative, biographical, and documentary approach, drawing on hemerographic and visual sources, delving into historical facts, and using as reference for the proposed reflections the bibliography and historical documents collected at the *Ana Facó Secondary School*, in the municipality of Beberibe, Ceará. Anna Facó's contribution to moral education, in the early 20th century, also stands out through short stories published in *Jornal do Ceará*, aimed at developing students' moral values, coexistence, and ethical action. In our results and discussions, we point out that Anna Facó became an inspiration for many educators and that, throughout her professional trajectory, she contributed to an education that transcended the school walls, breaking through the barriers of her time by offering students a new way of learning, with literacy lessons and short stories aimed at shaping moral awareness, published in newspapers. In our conclusions, we highlight the importance of an education centered on ethical action, as a path toward building a better future for society. Anna Facó was an example of this educational model already in her time, overcoming the limits imposed on women. Finally, we emphasize the work and the paths taken by teacher Anna Facó, who, through her example in education and literature, left a legacy that, at the time, was quite revolutionary and still resonates today, materialized in the founding of the *Ana Facó Public School in Beberibe*, built in her honor and inaugurated in 1947.

Keywords: education; Anna Facó; moral values; Ana Facó Public School.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|--|----|
| Figura 1 – | Mapa conceitual da estrutura geral da tese | 17 |
| Figura 2 – | Mapa de expansão pecuarista e povoamento | 21 |
| Figura 3 – | Desenho do Lago Canoé e a Linha Férrea (1745) | 24 |
| Figura 4 – | Mapa histórico de Beberibe | 27 |
| Figura 5 – | Casa do Lucas, pertencente a Baltazar Ferreira do Vale | 28 |
| Figura 6 – | Casa do Bom Jardim, pertencente a Pedro de Queiroz Lima | 29 |
| Figura 7 – | Casarão construído em 1862 por Brasiliano Ferreira de Araújo | 30 |
| Figura 8 – | Igreja Matriz no centro de Beberibe | 31 |
| Figura 9 – | Mapa geográfico do município de Beberibe | 33 |
| Figura 10 – | Linha do tempo da trajetória de Anna Facó | 34 |
| Figura 11 – | Genealogia da Anna Facó a partir das famílias estabelecidas em Beberibe no início do século XIX | 35 |
| Figura 12 – | Foto de Anna Facó | 37 |
| Figura 13 – | Capa do Jornal <i>Cearense</i> no dia 2 de março de 1882 | 38 |
| Figura 14 – | Anúncio da aprovação de Anna Facó na <i>Escola Normal</i> | 42 |
| Figura 15 – | Anúncio do Jornal <i>Libertador</i> sobre o início dos trabalhos letivos do <i>Ginásio Cearense</i> , localizado na Rua Conde D’Eu, nº 109, em Fortaleza – Ceará | 44 |
| Figura 16 – | Anúncio do início dos trabalhos letivos do <i>Ginásio Cearense</i> , com novo endereço, localizado na Rua Formosa, em Fortaleza – Ceará | 45 |
| Figura 17 – | Resultados dos exames finais do <i>Ginásio Cearense</i> de 1887 | 46 |
| Figura 18 – | Anúncio do início dos trabalhos letivos da <i>Escola Facó</i> | 47 |
| Figura 19 – | Homenagem ao aniversário de Anna Facó por suas alunas | 48 |
| Figura 20 – | Visita de Anna Facó ao Museu Rocha | 49 |
| Figura 21 – | Relatório da Diretoria Geral de Higiene (CE) – 1894 a 1920 do <i>Primeiro Grupo Escolar</i> | 50 |
| Figura 22 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> , primeira lição do ABC publicada em 16 de março de 1904, p. 3 | 52 |
| Figura 23 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> , segunda lição do ABC, publicada em 23 de março de 1904, p. 3 | 54 |
| Figura 24 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> , terceira lição do ABC publicada em 30 de março de 1904, p. 4 | 55 |

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 25 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> , quarta lição do ABC, publicada em 14 de abril de 1904, p. 4 | 56 |
| Figura 26 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do <i>Canto Gymnastico</i> | 57 |
| Figura 27 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> com destaque para o conto intitulado “Julinha” dedicado aos alunos de Anna Facó | 62 |
| Figura 28 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do segundo conto, intitulado “Zuza” | 63 |
| Figura 29 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do terceiro conto, intitulado “O choramingas” ... | 65 |
| Figura 30 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do quarto conto, intitulado “Escolha de flores” .. | 66 |
| Figura 31 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do quinto conto, intitulado “Dedicação fraterna” | 67 |
| Figura 32 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do sexto conto, intitulado “A greve” | 68 |
| Figura 33 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do sétimo conto, intitulado “O taramela” | 69 |
| Figura 34 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> do oitavo conto, intitulado “As duas amigas” | 70 |
| Figura 35 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> nono conto, intitulado “A desobediente” | 71 |
| Figura 36 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> com destaque para <i>Rapto Jocosos: romance popular histórico</i> , escrito por Nitio-abá | 74 |
| Figura 37 – | Recorte do <i>Jornal do Ceará</i> com destaque para o romance <i>Nuvens</i> , escrito por Nitio-abá | 76 |
| Figura 38 – | Cartograma dos cenários do romance formal cearense | 77 |
| Figura 39 – | Foto da obra <i>Rapto Jocosos: romance popular histórico</i> , de Anna Facó | 78 |
| Figura 40 – | Foto da obra <i>Nuvens</i> , de Anna Facó | 79 |
| Figura 41 – | Foto da obra <i>Poesias</i> de Anna Facó | 80 |
| Figura 42 – | Foto da obra <i>Comedias e Cançonetes</i> , de Anna Facó | 82 |
| Figura 43 – | Foto da obra <i>Minha Palmatória: contos aos meus alunos</i> , de Anna Facó | 85 |
| Figura 44 – | Foto da obra <i>Páginas Íntimas</i> , de Anna Facó | 86 |
| Figura 45 – | Convite no <i>Jornal Correio da Manhã</i> | 89 |
| Figura 46 – | <i>Jornal o Rebate</i> , 1913: o colunista Targino Filho sobre Anna Facó | 90 |
| Figura 47 – | Recorte da capa do <i>Jornal Âncora</i> , Cajazeiras, (Messejana, Ceará), com a homenagem a Anna Facó por Maria Geraldina Alves do Amaral | 91 |
| Figura 48 – | Engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó | 95 |
| Figura 49 – | Certidão do Cartório Moura Facundo de Cascavel referente à aquisição do terreno para a construção do <i>Grupo Escolar Ana Facó</i> , adquirido por Antônio Carlos de Queiroz Facó | 97 |
| Figura 50 – | <i>Grupo Escolar Ana Facó</i> | 98 |

| | | |
|-------------|--|-----|
| Figura 51 – | <i>Grupo Escolar Ana Facó</i> com alunos na inauguração | 100 |
| Figura 52 – | Solenidade de inauguração do <i>Grupo Escolar Ana Facó</i> | 101 |
| Figura 53 – | Ata de resultados finais do <i>Grupo Escolar Ana Facó</i> 1947 com o relato de um aluno do 1º ano de 1947 | 102 |
| Figura 54 – | Foto do <i>Grupo Escolar Ana Facó</i> (1947) e <i>EEM Ana Facó</i> (2023) | 103 |
| Figura 55 – | <i>Escola de Ensino Médio Ana Facó</i> (2025) | 104 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Leis de emancipação e supressão de Beberibe | 32 |
| Tabela 2 – Dados do município de Beberibe | 32 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 | O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA: O MUNICÍPIO DE BEBERIBE E A FAMÍLIA DE ANNA FACÓ | 18 |
| 2.1 | Povoamento de Beberibe: recapitulação histórica..... | 19 |
| 2.1.1 | <i>Beberibe e os povos originários.....</i> | 22 |
| 2.1.2 | <i>Emancipação da Vila Beberibe e seu entrelaçamento com a família de Anna Facó.....</i> | 26 |
| 3 | TRAJETÓRIA FORMATIVA E PROFISSIONAL DE ANNA FACÓ | 34 |
| 3.1 | Origem e primeiros estudos de Anna Facó | 35 |
| 3.2 | Percurso formativo e profissional de Anna Facó | 40 |
| 3.3 | Lições de alfabetização, além dos muros da escola..... | 51 |
| 3.4 | A formação moral das crianças por Anna Facó | 59 |
| 3.5 | Os romances de Anna Facó, publicados sob o pseudônimo Nitio-abá: “o legado de ninguém” | 73 |
| 3.6 | Obras de Anna Facó publicadas postumamente..... | 77 |
| 4 | TRIBUTOS A ANNA FACÓ | 88 |
| 4.1 | Homenagens a Anna Facó: depoimentos | 89 |
| 4.2 | Fundação do primeiro grupo escolar de Beberibe: uma homenagem a Anna Facó | 93 |
| 4.2.1 | <i>Inauguração do Grupo Escolar Ana Facó</i> | 99 |
| 5 | CONCLUSÃO | 105 |
| | REFERÊNCIAS..... | 109 |
| | ANEXO A – CERTIDÃO DE COMPRA DO TERRENO DO GRUPO ESCOLAR ANA FACÓ..... | 116 |
| | ANEXO B – DECRETO Nº 11493, DE 17 DE OUTUBRO DE 1975..... | 117 |
| | ANEXO C – HINO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ | 119 |
| | ANEXO D – BANDEIRA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ | 120 |
| | ANEXO E – ESCUDO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ..... | 121 |
| | ANEXO F – GALERIA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ | 122 |
| | ANEXO G – LEI Nº 14.986, DE 25 DE SETEMBRO DE 2024 | 123 |
| | ANEXO H – MEMORIAL GRUPO ESCOLAR ANA FACÓ (1947-2003) | 124 |

1 INTRODUÇÃO

A luta pela democratização do ensino, nas primeiras décadas do século XX, ganhou força com a adesão de políticos e educadores liberais. Segundo Brandão (2013, p. 91), “[...] eles começaram a falar de uma escola mais dirigida à vida de todo dia e mais estendida a todas as pessoas, ricas ou pobres”. Essas novas ideias para a educação do país resultaram na criação de escolas com oferta de ensino gratuito, constituindo um primeiro passo para a democratização da educação. Essa proposta possibilitou o acesso à escola às crianças provenientes das camadas mais excluídas da sociedade.

Com novas escolas, surgiu também a necessidade de ampliar os espaços de formação do professor, que traz, no exercício do magistério, o potencial de educar para a vida e emancipar os alunos na perspectiva da transformação social por meio da educação. Certo que a emancipação dos sujeitos (educadores e educandos) requer uma preparação melhor para enfrentar os desafios e obstáculos e buscar melhores condições humanas, educacionais e sociais, sobretudo para os que mais necessitam, constituindo uma tarefa essencial nesse processo de transformação.

A responsabilidade atribuída ao professor de conduzir os estudantes à aprendizagem e ao domínio de competências e habilidades tem a sala de aula como um espaço privilegiado, capaz de fomentar também o esclarecimento e o pensamento crítico dos alunos. Esse pensar crítico e reflexivo permite aos alunos uma maior compreensão da realidade social em seus diversos aspectos – político, social, econômico e cultural – com justiça e equidade, ainda que essa tarefa possa parecer um tanto utópica, no sentido do irrealizável.

No entanto, quando a educação é imaginada – agora pelo utopista social – como o único ou principal instrumento de qualquer tipo de transformação de estruturas políticas, econômicas ou culturais, sem que haja a lembrança de que ela própria é determinada por estas estruturas, estamos diante de pequeno acesso de ‘utopismo pedagógico’ (Brandão, 2013, p. 85).

Cabe esclarecer, contudo, que é também no fazer pedagógico que se pode realizar um trabalho capaz de contribuir para a transformação social. Cada ação pedagógica da escola e/ou do professor traz consigo um leque considerável de possibilidades: seja na perspectiva da reprodução das desigualdades, seja na perspectiva da transformação social. Neste último caso, quando voltada para o bem comum, a prática pedagógica tem o potencial de impactar pessoas, principalmente considerando uma educação formativa que, por sua vez, não pode ser confundida, como diz Brandão (2013), com escolarização limitada ao que é formal, oficial, programado, técnico e tecnocrático.

Essa educação mais ampla, com um olhar mais atento para a formação integral da criança, vai além do ato de ensinar, contribuindo para o esclarecimento dos alunos, a formação completa do ser humano e, por conseguinte, o desenvolvimento do bem comum na sociedade.

É nesse sentido que apresentamos a trajetória formativa e profissional da professora Anna Facó, que viveu entre os séculos XIX e XX e que, por meio do exemplo e da dedicação como educadora – e da literatura, como escritora –, deixou um legado. À época, essa atuação era bastante revolucionária, ecoando ainda nos dias atuais, especialmente com a criação do *Grupo Escolar Ana Facó*¹, construído em homenagem à sua memória, cujo nome está gravado em sua fachada desde 1947. Partimos, portanto, da história local do município de Beberibe e de seus vínculos com a família de Anna Facó até seu ingresso na *Escola Normal* e início de sua trajetória profissional em Fortaleza, para evidenciar o trabalho relevante e notável da educadora e escritora.

Na vivência cotidiana da *Escola de Ensino Médio Ana Facó*, em Beberibe, as memórias e o legado de Anna Facó são objetos de admiração por parte dos educadores que nela trabalham e trabalharam, bem como permanece na memória dos alunos e conterrâneos do município e de todos aqueles que por ela passaram, sejam munícipes ou visitantes. Assim, a história e a memória pulsante de Anna Facó despertam curiosidade e encantam todos que transitam pela escola. Movidos por essa inquietude e curiosidade, debruçamo-nos sobre o estudo da vida dessa educadora e da escola construída em sua homenagem.

Nesse sentido, algumas indagações nos sobrevieram: quem foi Anna Facó? Como foi sua infância e trajetória formativa e profissional? Qual foi o seu destaque como uma educadora em sua época? Por que o seu nome foi escolhido para a primeira escola de Beberibe? Para responder a essas perguntas, realizamos uma pesquisa qualitativa, documental e biográfica acerca da trajetória educacional e literária de Anna Facó.

Essa imersão no espaço da história e da memória, permeada por significados e reflexões, leva-nos a refletir sobre a importância do professor no processo de transformação social que se dá por meio da educação. Torna-se necessário, portanto, conhecer os exemplos de dedicação ao magistério que se apresentam como marcos relevantes na história da educação cearense, como é o caso da normalista Anna Facó.

¹ Em sua fundação em 27 de fevereiro de 1947, recebeu o nome de *Grupo Escolar Ana Facó*, depois *Escola de 1º Grau Ana Facó*, *Escola de Ensino Fundamental e Médio Ana Facó* e atualmente *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.

Importante frisar que, enquanto pesquisadores, fizemos parte dessa história ao atuarmos como professor e, posteriormente, diretor da *Escola de Ensino Médio Ana Facó* durante vinte e quatro anos. Parte da motivação para esta pesquisa surgiu de nosso primeiro contato com a história de Anna Facó, no início do exercício do magistério. Embora nascido em outro estado, Pernambuco, foi no Ceará que dei meus primeiros passos como professor, inicialmente na rede municipal de educação de Beberibe e, logo depois, atuando como professor na então instituição pública estadual *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.

Em 2009, assumi a função de diretor da referida escola, na qual foi possível conhecer de forma mais detalhada a história contada pelos professores, registrada em documentos escolares e observada na arquitetura singular do prédio, que difere das demais escolas tanto na estrutura quanto em conservação. Decorridos 78 anos de sua construção, a estrutura arquitetônica inicial da escola mantém-se preservada.

Com décadas de existência, a *Escola de Ensino Médio Ana Facó* carrega parte da história educacional do município, sendo reconhecida pela comunidade escolar pelo trabalho realizado ao longo dos anos. Diante desse cenário, direcionamos a pesquisa à vida e memória da educadora beberibense que marcou a história da educação cearense. Reconhecendo que esse legado é raro e significativo, tornou-se primaz ampliar o estudo sobre a história de Anna Facó, seu exemplo como normalista e seu pioneirismo como escritora na literatura cearense.

Partindo dessas considerações, nossa pesquisa tem como objetivo geral conhecer a trajetória de vida e as contribuições de Anna Facó para a educação cearense, destacando seu papel como educadora e sua influência na construção do *Grupo Escolar Ana Facó*, inaugurado em 1947. Seguindo com os objetivos específicos: a) identificar fatos históricos do povoamento do município de Beberibe e da família de Anna Facó; b) apontar os principais acontecimentos da vida pessoal e profissional de Anna Facó, de sua infância até sua atuação como educadora e escritora entre os séculos XIX e XX; c) apresentar os tributos a Anna Facó, destacando os depoimentos e a fundação do primeiro grupo escolar de Beberibe.

A partir desses objetivos, a questão norteadora da pesquisa é: qual é a trajetória da educadora e escritora Anna Facó e em que medida ela representa um legado histórico na educação cearense? Para direcionar essa questão, classificamos a pesquisa nas categorias relacionadas à história e à memória local. De forma reflexiva, debruçamo-nos sobre a história contada e seguimos caminhos que conduziram a uma maior compreensão dos fatos identificados, sua evolução ao longo do tempo e sua materialização na memória presente na instituição escolar, utilizando uma abordagem qualitativa.

Essa abordagem qualitativa é essencial para compreender e caracterizar os caminhos históricos percorridos, a descrição dos fatos e das percepções pessoais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa biográfica, que utiliza fontes documentais, hemerográficas e imagéticas, com o uso de materiais já publicados e explorando fontes que ainda não receberam tratamento analítico, permitindo assim um estudo amplo e detalhado.

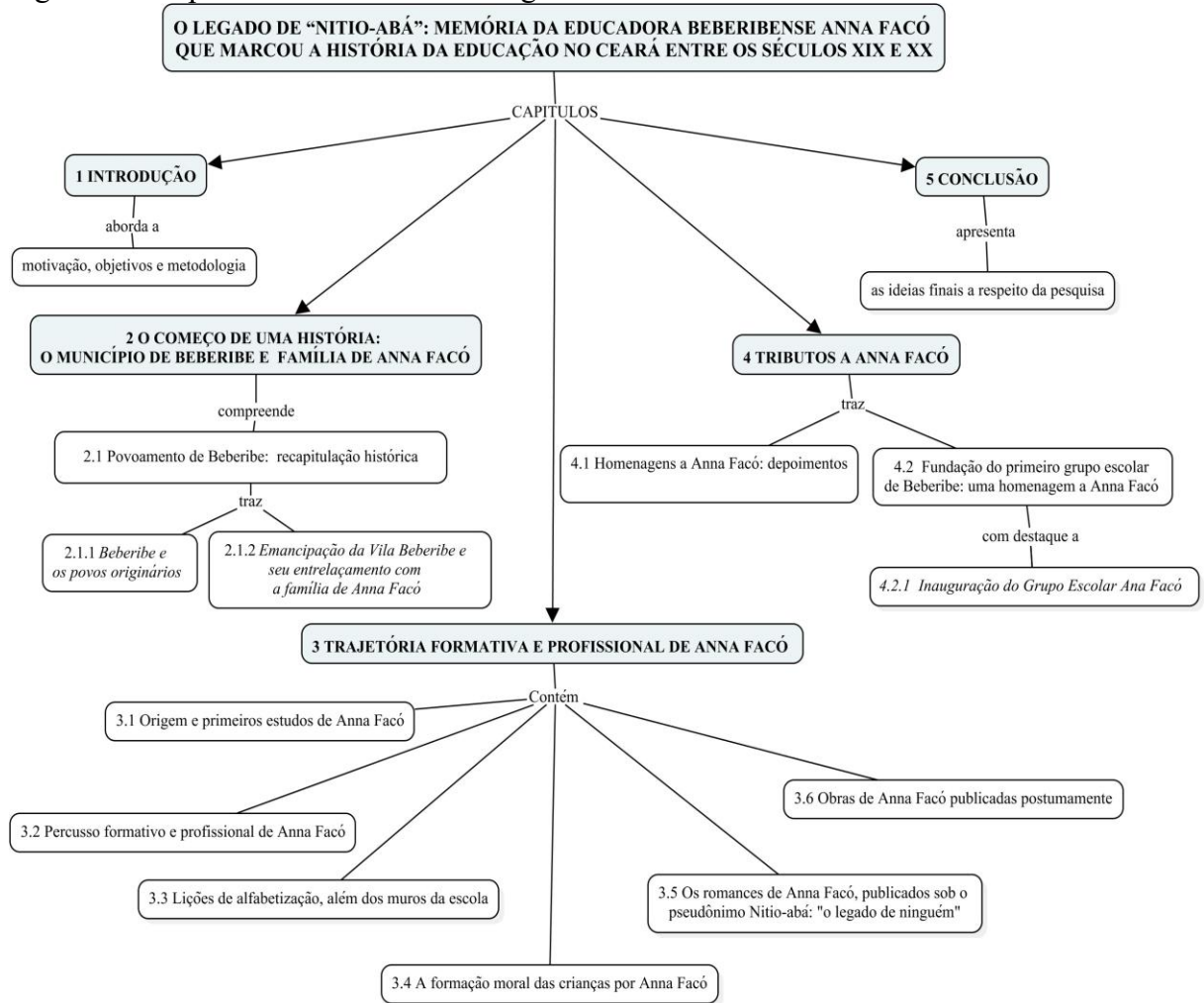
Utilizamos os registros fotográficos para auxiliar na compreensão da história, dos sujeitos pesquisados e do espaço educacional estudado. Sobre o uso de fotografias em pesquisas, Bogdan e Biklen (1994, p. 183) afirmam que a “fotografia está intimamente ligada à investigação qualitativa e, [...], pode ser usada de maneiras muito diversas. Assim, consideramos que as fotografias fornecem informações importantes e dados descritivos para o estudo qualitativo, permitindo uma melhor percepção dos sujeitos e dos eventos retratados, principalmente quando analisadas em conjunção com outras fontes, evitando a representação de um ponto de vista unilateral.

Quanto à caracterização do espaço de pesquisa, tomamos como referência a *Escola de Ensino Médio Ana Facó*, pertencente à rede pública estadual, localizada na sede do município de Beberibe, Ceará. As informações do *Memorial da Escola Ana Facó* foram utilizadas como ponto de partida, juntamente com as principais referências biográficas e arquivos consultados no Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, Hemeroteca Digital, no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE) e na Biblioteca Justiniano de Serpa, Academia Cearense de Letras, em Fortaleza, no Ceará.

Para delinear nosso trabalho, dividimos em cinco partes, conforme descrito a seguir. A primeira parte, composta por esta Introdução, caracteriza a nossa pesquisa quanto aos seus elementos centrais. A segunda parte, constituída pelo capítulo 2, identifica fatos históricos do município de Beberibe e da família de Anna Facó, destacando o povoamento, a emancipação e a contribuição dos povos originários da região. A terceira parte, constituída pelo capítulo 3, apresenta os principais acontecimentos da vida pessoal e profissional de Anna Facó, desde sua infância até sua atuação como professora normalista e escritora, entre os séculos XIX e XX, destacando seu pseudônimo “Nitio-abá” e seu papel como alfabetizadora e formadora de valores morais. A quarta parte, constituída pelo capítulo 4, trata das homenagens realizadas a Anna Facó, destacando os depoimentos sobre ela e a fundação do *Grupo Escolar Ana Facó*. Por fim, na quinta parte, temos as considerações finais, nas quais retomamos pontos de destaque e achados da pesquisa, colocando as nossas análises e conclusões.

Importante frisar que o *Grupo Escolar Ana Facó* representa um legado da memória de Anna Facó, resultado do ato filantrópico do engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó, configurando-se como marco importante na história da educação de Beberibe. Com o objetivo de facilitar a compreensão da estrutura geral da tese, apresentamos, a seguir, na Figura 1, um mapa conceitual, permitindo ao leitor uma visualização global do trabalho.

Figura 1 – Mapa conceitual da estrutura geral da tese



Fonte: Elaboração própria, 2025.

A seguir, apresentamos o capítulo 2, no qual realizamos uma imersão nos fatos históricos do município de Beberibe, abordando desde o processo de povoamento, com destaque para a presença dos povos originários na região, até a emancipação política do município.

2 O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA: O MUNICÍPIO DE BEBERIBE E A FAMÍLIA DE ANNA FACÓ

Em nossa pesquisa sobre a trajetória de Anna Facó, retomamos recortes históricos, que lançam luz sobre a origem do município de Beberibe e seus vínculos com a vida familiar de Anna Facó. Com essa imersão histórica, objetivamos não apenas compreender o processo de povoamento de Beberibe e seu entrelaçamento com as raízes da família da educadora, mas também reforçar a contribuição dos povos originários nos topônimos do município e de seus distritos, elementos que, de alguma forma, estão ligados à escolha do pseudônimo de origem indígena adotado por Anna Facó na publicação de romances no *Jornal do Ceará*, em 1907. Para tanto, trazemos alguns fatos históricos e a vinda de seus avós paternos e maternos para essas terras, que nos ajudam a caracterizar o território onde Anna Facó viveu.

Consideramos relevante compreender os acontecimentos do processo de constituição do município de Beberibe, no Ceará, pois o contexto histórico em que nasceu Anna Facó permite identificar seus primeiros desafios. Nessa imersão histórica, ao revisarmos o passado e suas narrativas, compreendemos as ideologias que retratavam o viver daquela época e seus impactos na vida de Anna Facó. Xavier, Fialho e Vasconcelos (2018) ressaltam a importância do conhecimento histórico na construção de significados reais e representativos para o sujeito e sua forma de interpretar esses fatos:

A busca do conhecimento histórico, ao procurar investigar e refletir sobre os fatos e acontecimentos do fazer-saber no mundo, entra na seara pluralista de outras várias produções de saberes. Abre-se aí um leque de possibilidades de saberes, sobretudo quando nos debruçamos na tentativa de compreender os significados reais e representativos desses fatos, saindo do maniqueísmo objetivista e adentrando nas subjetividades do humano (Xavier; Fialho; Vasconcelos, 2018, p. 10).

Assim, o conhecimento histórico revela-se necessário, diverso e fascinante, exigindo uma leitura dinâmica sobre os fatos e as pessoas situadas no tempo, reconhecendo o papel da memória como fonte primordial para a escrita da história e a produção do conhecimento. Nesse sentido, trazemos informações e acontecimentos que fizeram parte da constituição do município de Beberibe e seus entrelaçamentos com a família de Anna Facó.

Não pretendemos enaltecer de formar singular pessoas ou famílias tradicionais, mas revisitar o passado local, a fim de identificar a contribuição dos sujeitos na formação do município, buscando o entrelaçamento de fontes, informações e documentos que favoreçam

uma compreensão mais ampla e profunda do contexto histórico e das memórias de Anna Facó, esculpidas no tempo.

Ainda nessa esteira, os estudos sobre a história de vida não devem se restringir a uma abordagem individualista do sujeito, mas priorizar uma visão mais abrangente, capaz de situar o sujeito em seu contexto social mais amplo. Como destacam os autores:

[...] é valioso relembrar que não é aplicável tal abordagem a uma biografia por si só ou uma história de vida e suas individualidades, mas o seu entrelaçamento com o todo, de modo a ensejar uma compreensão geral e sua relação com o contexto social, econômico, político e cultural. Sob esse prisma, a perspectiva das pesquisas com o recurso da Micro-História a partir da biografia de um sujeito social tem como foco enxergar partes do macro a partir do micro. Assim, o ponto de partida, por mais minúsculo que seja, proporciona uma compreensão bem elástica sobre pesquisas no campo da História e seu processo interdependente com as demais áreas constituidoras do todo social (Xavier; Fialho; Vasconcelos, 2018, p. 163).

Partindo da biografia de Anna Facó, podemos, por meio de seu entrelaçamento com o contexto mais amplo, compreender melhor a educação entre os séculos XIX e XX, considerando seus aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, sem a pretensão de esgotar o tema. Cada dado coletado, cada narrativa, por menor que seja, é capaz de fornecer um vasto material para análise, envolvendo experiências e subjetividades vividas, necessárias para ampliar a visão do pesquisador e favorecer uma compreensão mais profunda dos fatos. Para isso, reconhecemos a importância da história local, revisitando as narrativas sobre a origem e o povoamento do município de Beberibe até o nascimento da educadora Anna Facó, caracterizando um recorte histórico crucial para entendermos o contexto em que ela viveu.

2.1 Povoamento de Beberibe: recapitulação histórica

A necessidade de compreender mais sobre o município de Beberibe, lócus desta pesquisa e berço de Anna Facó, onde nasceu e viveu seus primeiros anos, despertou nossa curiosidade em investigar os acontecimentos históricos que desencadearam seu povoamento. Não pretendemos analisar de forma exaustiva todo o processo histórico de povoamento da região, mas identificar fatos que ofereçam maior clareza sobre a gênese e posterior emancipação política de Beberibe.

A reconstituição histórica tem início em 1534, marco do processo de colonização do Brasil e, mais especificamente, do Ceará, com a criação do Sistema de Capitanias Hereditárias. Segundo Albuquerque *et al.* (2021), esse foi o primeiro modelo administrativo da Colônia, instituído por D. João III, rei de Portugal, que nomeou um capitão-mor como donatário para cada divisão territorial da colônia. No caso do Ceará, o

donatário foi Antônio Cardoso de Barros, que, entretanto, não conseguiu estabelecer assentamentos coloniais, devido à forte, brava e legítima resistência promovida pelos povos originários, verdadeiros donos da terra.

Anos mais tarde, ainda no contexto de tentativas de colonização da Capitania do Ceará, iniciou-se a distribuição de terras destinadas ao cultivo, conhecidas como sesmarias. Essa prática de concessão, instituída na constituição das capitanias hereditárias, prosseguiu como estratégia de estímulo à ocupação colonial. A área que hoje corresponde ao município de Beberibe foi contemplada nas “Datas de sesmarias concedidas ao capitão Domingos Ferreira Chaves, Manuel Nogueira Cardoso, Sebastião Dias Freitas e João Carvalho Nobrega pelo capitão-mor Tomáz Cabral de Olival, a 16 de agosto de 1691” (Colaço, 2008, p. 14).

Com a concessão das capitanias hereditárias e posterior distribuição das sesmarias, destinadas inicialmente para o cultivo, surgiram na região os primeiros núcleos de povoamentos, formados por sítios e fazendas. Esse processo de posse de terras seguiu seu curso, mesmo com a resistência dos povos indígenas, promovendo a negação dos direitos territoriais dos povos originários e excluindo-os dos processos de ocupação e uso da terra.

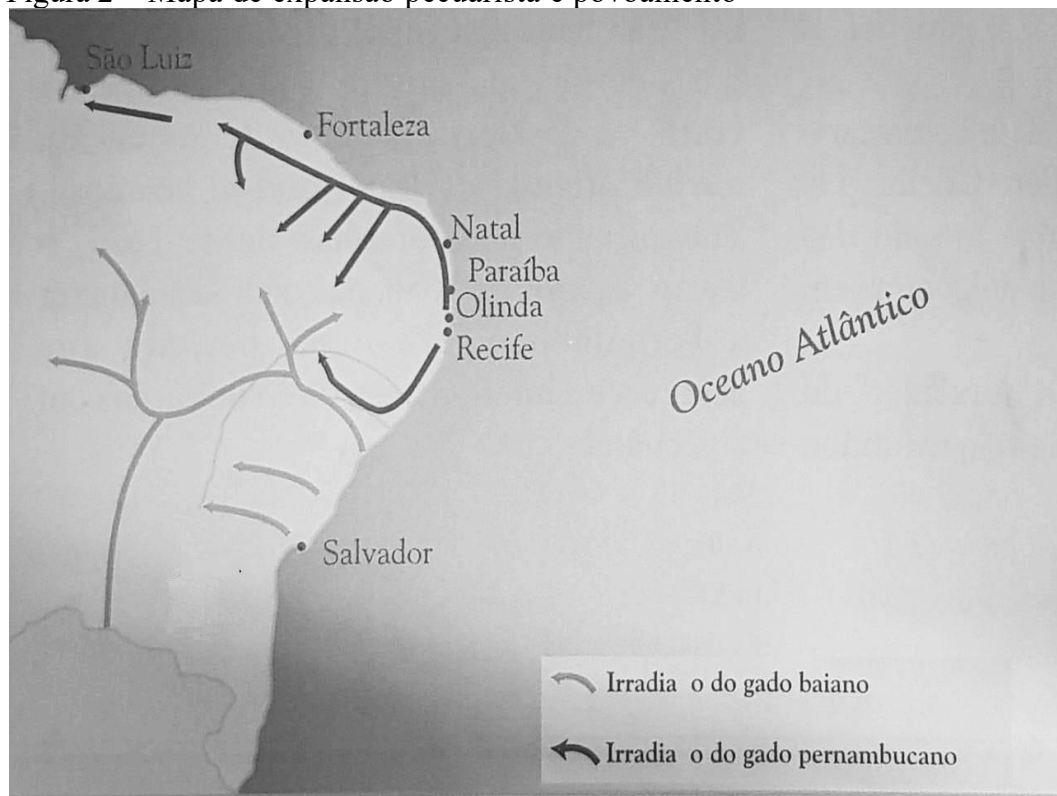
No processo de povoamento do litoral, observamos um fator adicional que favoreceu o adensamento populacional na região: a migração de colonos para essas terras, então pertencentes a Cascavel. Parte desse aumento da população se deu também por conta das rotas dos tangerinos (vaqueiros) que, vindos das margens do Rio Jaguaribe, em Aracati, conduziam o gado pelo litoral.

Bessa *et al.* (2021) afirmam que o povoado de Aracati desempenhou papel fundamental nesse processo, dada a relevância comercial vinculada ao Rio Jaguaribe, via de transporte de mercadorias, no caso em questão o gado, entre o sertão, onde era permitido estabelecer fazendas de criação de bois, e o litoral, ponto de embarque para outros destinos e desembarque de mercadorias. No trajeto fluvial, os bois desembarcavam no litoral, seguidos da condução pelos tangerinos por trilhas litorâneas, onde surgiram os primeiros núcleos de criação de gado na rota Aracati–Cascavel–Aquiraz–Fortaleza.

Embora o Rio São Francisco servisse de marco divisório entre as capitanias da Bahia e de Pernambuco, os baianos atingiram vales e até o interior do Piauí, chegando aos rios que corriam para o Atlântico, como o Jaguaribe. Era a trilha baiana buscando estabelecer fazendas de criação de gado, fator primacial do desbravamento do sertão, nos fins do Século XVI (Bessa *et al.*, 2021, p. 36-37).

Segundo Farias (1997, p. 20), na obra *História do Ceará: dos índios à geração cambéba*, “[...] a pecuária constituía-se, no período colonial, de atividade econômica secundária e complementar da cana-de-açúcar, cujo cultivo se dava sobretudo no litoral, na zona da mata nordestina”. O boi era utilizado para fornecimento de carnes, tração e para o transporte de mercadorias. “Com o tempo, porém, o gado passou a ser conduzido para o interior do Nordeste, possibilitando, assim, a ocupação deste” (Farias, 1997, p. 20). A seguir apresentamos a Figura 2, com o mapa da expansão pecuarista e povoamento do interior e do litoral.

Figura 2 – Mapa de expansão pecuarista e povoamento



Fonte: Farias (1997, p. 20).

Segundo Farias (1997), as duas rotas de povoamento apresentadas na Figura 2 favoreceram a ocupação tanto do litoral quanto do interior:

A penetração e ocupação do sertão nordestino – e por extensão, do interior do Ceará – aconteceu, conforme esquema clássico de Capistrano de Abreu, a partir de duas rotas de povoamento: a do **Sertão de Fora**, dominada por pernambucanos, vindo pelo litoral, saindo de Pernambuco em direção ao Maranhão, e a do **Sertão de Dentro**, controlada por baianos, vindos pelo interior, abrangendo a região que vai do médio São Francisco ao Rio Parnaíba (PI) (Farias, 1997, p. 21).

A rota de expansão pecuarista e povoamento, comandada por pernambucanos, favoreceu a ocupação do litoral cearense (Farias, 1997). É possível dizer que essa rota tenha,

de algum modo, influenciado a denominação do município de Beberibe, considerando o rio homônimo localizado em Recife.

Segundo Farias (1997, p. 21), a doação de sesmarias para a pecuária se deu “[...] nas imediações do Rio Jaguaribe, no sentido de Aracati para o Sul. Aliás, a colonização fez-se, sobretudo, margeando os rios, em particular aqueles com maior volume d’água, que serviam de caminhos naturais para a penetração”.

Em resumo, a ocupação resultante da distribuição das sesmarias para o cultivo e para a pecuária culminou no surgimento de núcleos que deram origem ao povoamento, tanto no interior quanto no litoral. Esse processo, por sua vez, implicou ainda mais no afastamento dos povos originários dessa região, colaborando para sua exclusão do direito a terras e sua invisibilidade histórica.

2.1.1 Beberibe e os povos originários

Nesse processo de ocupação e povoamento, não havia espaço para os indígenas, considerando que a lógica do colonizador sempre se pautou na negação dos povos originários, promovendo sua inviabilização ou irrelevância. Ao longo da história da colonização do Brasil, políticas foram criadas e implementadas de forma a prejudicar significativamente esses povos.

A negação dos indígenas, legítimos donos das terras, foi respaldada pela superioridade armamentista dos conquistadores, como afirma Farias (1997, p. 21): “[...] o grande perdedor foi o índio, exterminado impiedosamente diante do avanço branco, quando não, escravizado”. Mesmo diante dessa superioridade, os nativos resistiram. No caso do Ceará, durante mais de 30 anos “[...] os verdadeiros donos das terras resistiram e lutaram contra a presença do europeu invasor, até serem implacavelmente derrotados, chacinados e disseminados” (Farias, 1997, p. 21).

Nesse sentido, o processo de negação também se deu por meio da legislação. Segundo Oliveira (2016, p. 88), “Na sequência da Lei de Terras de 1850, as posses indígenas em áreas de antigos aldeamentos foram questionadas pelas autoridades das províncias do Norte. No Ceará, em 1863, foi decretada a inexistência de índios, e suas terras destinadas, à colonização”.

Durante o Segundo Reinado foi realizado o primeiro censo no Brasil, no qual a população indígena no território cearense representava 10% do total. Segundo Oliveira (2016, p. 175), esse censo:

[...] fornece evidências quanto à presença indígena no Brasil durante o Segundo Reinado [...]. Ao contrário da crença propagada pelo indianismo e transformada em política pública pelos governos provinciais, o censo demonstrou o não desaparecimento dos indígenas na costa atlântica. Em alguns estados, como o Ceará, os indígenas chegavam a representar 10% da população total. Na Amazônia, os resultados do censo apontavam uma distância ainda maior entre os dados estatísticos e a consciência da elite imperial. O Censo Nacional de 1872 indicava claramente que 64% da população do Amazonas era classificada como *caboclos* (isto é, índios e seus descendentes).

Justificamos esta retomada aos registros históricos dos primeiros povos por entendermos que o processo de colonização e de povoamento não ocorreu de forma pacífica, mas violenta, marcada pela imposição da cultura dos conquistadores. Embora os povos originários tenham resistido, foram vencidos, escravizados e excluídos do direito à posse de suas terras.

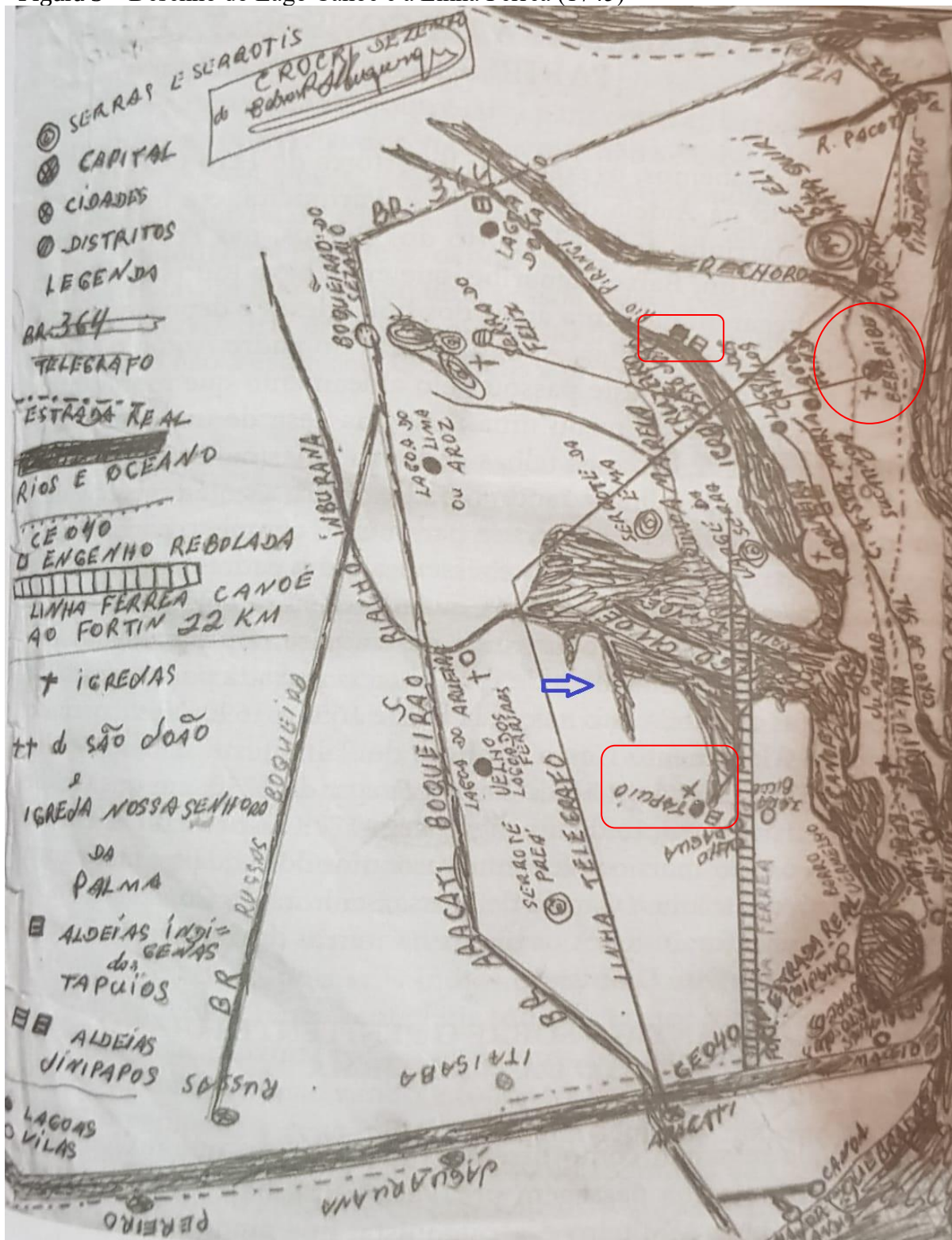
Outro processo de aculturação dos povos indígenas pode ser observado na miscigenação. Albuquerque (2018) relata que, na região onde hoje estão localizados os municípios de Beberibe, Fortim e Aracati, donos de engenhos casavam-se com indígenas, com quem tiveram filhos. Muitos desses já viviam nos aldeamentos, contribuindo para a formação dos primeiros colonos miscigenados:

Os índios Jenipapos Açus chamados de pitimares que pescava o lago do Correia, Lago córrego do Sal, palmeira do Índio e aldeias na passagem real Pirangi. Estes índios habitavam do Pirangi ao oceano e frequentavam todas as lagoas da Sucatinga a Barra, nas pedrinhas, onde era o ancoradouro dos barcos e consertos de barcos de Pero Coelho [...] hoje chamado de Volta do guajiru. Os índios que pescavam eram mansos e deram abrigo ao capitão Simão Nunes e Dantas. Simão Nunes fica em Paripueira e Dantas vai para o Córrego do Sal e estes se juntaram com as índias da tribo Jenipapos Açus, parentes do Mel Redondo na Palmeira do índio e Vargem da Serra (Albuquerque, 2018, p. 236).

Ainda segundo Albuquerque (2018), povos como os Tapuios se estabeleceram nas proximidades da Lagoa do Tapuio e desciam o Rio Jaguaribe no verão nos períodos de seca, pescavam e colhiam caju. Já no inverno, migravam para o Lago Canoé, com cerca de 25 km de extensão e até 5 km de largura, formado pela junção da barra do Rio Jaguaribe com o Rio Piranji, que corta Beberibe.

O mapa elaborado por Albuquerque (2018), apresentado a seguir, evidencia a presença dos aldeamentos indígenas das tribos Jenipapos e Tapuios no território onde hoje se situa o município de Beberibe. Essas tribos certamente contribuíram para a cultura regional e deixaram uma herança histórica preservada nos topônimos de Beberibe, em seus distritos e localidades. Uma característica marcante do município é a presença de várias lagoas, que favoreceram a pesca na região, além dos rios Choró e Piranji, fundamentais para a configuração territorial.

Figura 3 – Desenho do Lago Canoé e a Linha Férrea (1745)



Fonte: Albuquerque (2018, p. 155).

Considerando a escassez de registros históricos sobre o processo de povoamento da região que valorizem a história e a memória dos povos originários, este capítulo busca

contribuir para o reconhecimento de sua importância, evidenciada nos topônimos do município e de seus distritos. Essa influência atesta os traços da herança indígena e sua incontestável presença na história local.

Nesse sentido, destacamos o próprio topônimo de Beberibe, de origem indígena. Seus significados variam entre: “lugar onde junta água por causa da maré”, “no rio que vai e vem” e “lugar onde nasce a cana”, todos relacionados ao legado das tribos indígenas que habitavam as margens dos rios Choró e Piranji. A etimologia de Beberibe é objeto de diferentes interpretações:

Bibi = que vai e vem + mais r de rio, donde se obtém perenidade de curso dependente da maré (Silveira Bueno). Para Montoya, Beberibe significa voar em bando, de bebe, voar, pairar, e ribe em companhia, em bando. Paulino Nogueira adotou a interpretação de Martins, que dá o vocabulário como corrutela de viba, cana, de pybe, lugar onde cresce a cana. Parece-me inaceitável ‘Beberibe’, diz T. Sampaio, ‘corrucção de bibiry-pe, composto de bibi - r - y - pe, no rio vaivém; pode ser ainda corrucção de pipiri - y pe, por piripiri - y - pe, no rio dos juncos ou do juncal’. De acordo com o relato de Olavo Facó, em 1992, o significado mais correto para Beberibe é ‘Encontro dos Rios’ (Colaço, 2013, p. 56).

Segundo Colaço (2013, p. 25), o historiador e pesquisador Evânio Reis Bessa aponta ainda que “o nome Beberibe foi trazido de Recife, onde lá existe um bairro banhado pelo Rio Beberibe, com o mesmo nome. Naquela época, existiam relações estreitas entre moradores de Recife e Beberibe”.

De acordo com Colaço (2008, p. 21), “Antes de ser denominado de Lucas, Beberibe recebeu a denominação de URUANDA, nome este atribuído pelos indígenas que ocupavam a região”. No dicionário tupi (antigo) de Carvalho (1987, p. 295), o termo “Uru” é classificado como um substantivo irregular, cujos significados são: “barca, cesto, embarcação, gaiola, receptáculo, recipiente, vasilha, vaso”. Além disso, pode significar uma “ave da família dos fasianídeos, gênero *Odontophorus*”.

Embora *Uruanda* não conste nos dicionários consultados, podemos inferir que seja uma derivação de “*uru*”, em alusão às aves ou aos cestos confeccionados com folhas de carnaúba, árvore abundante em Beberibe, cujas folhas eram utilizadas pelos povos indígenas na produção de utensílios.

A presença indígena também é perceptível nos topônimos dos sete distritos do município: Beberibe (Sede), Sucatinga, Paripueira, Parajuru, Itapeim, Serra do Félix e Forquilha.

Itapeim: Distrito do município de Beberibe – traduz-se por Itá = pedra + pei = caminho batido, muito usado, caminho das pedras (de Silveira Bueno). **Serra do Félix:** Apesar do descobridor da serra ser Baltazar José da Cunha, o Sr. Félix

Bernardo por ser possuidor de maiores riquezas foi privilegiado na homenagem. **Parajuru:** Distrito do município de Beberibe, traduz-se etimologicamente de Pará = rio + juru de yuru = Galiforme da família dos fosianídeos, donde se obtém rio dos jurus (de Silveira Bueno) (*sic*). **Paripueira:** Distrito do município de Beberibe – em sua formação toponímica provém de pari = jiqui + pueira = que já foi e não é mais, donde se obtém lugar outrora piscoso (Aragão). **Sucatinga:** Distrito do município de Beberibe – em sua formação toponímica corresponde a jucá de yucá = árvore silvestre + tinga = branco, donde se obtém certa espécie de jucá branco (de Silveira Bueno). **Forquilha:** O mais novo distrito de Beberibe, emancipado recentemente, tendo pertencido ao território de Serra do Félix. Tem esse nome por parecer ter o formato de uma forquilha (Colaço, 2013, p. 56-57).

Esses dados confirmam a expressiva influência indígena na denominação dos distritos, exceto de Serra do Félix, evidenciando sua contribuição nos topônimos de Beberibe. Além dos distritos, inúmeras localidades preservam os nomes de origem indígena, como Tapuio, Andreza, entre outras, reforçando a presença e o legado desses povos na memória toponímica local.

2.1.2 Emancipação da Vila Beberibe e seu entrelaçamento com a família de Anna Facó

O crescimento da pecuária como atividade econômica no litoral e o intenso transporte de animais resultaram na formação de trilhas e estradas que favoreceram o fluxo de pessoas e mercadorias. Nesse contexto, destacamos a importância dos vaqueiros, que, ao longo dessas rotas, estabeleciam pernoites que mais tarde evoluíram para ranchos, pousadas e, eventualmente, vilas (Bessa *et al.*, 2021). Essa dinâmica fomentou os primeiros povoamentos, estimulou a migração de habitantes e impulsionou construções urbanas, dando início à formação da Vila Beberibe.

Essa formação da antiga Vila Beberibe decorreu também de sua proximidade com Aracati, então um centro próspero que influenciou o desenvolvimento das vilas no litoral leste.

A Vila de Aracati, que, em 1780, tinha cerca de dois mil habitantes, cinco ruas, trezentos prédios, sobrados azulejados e setenta empórios mercantis, chegou a ser cogitada para sediar a capital da Província, tão grande era seu desenvolvimento. Com a sua prosperidade é que, ao longo das trilhas dos tangerinos e dos núcleos criadores de gado, nasceram povoações como *Cascavel*, Sucatinga, Barrinha (Parajuru), Lucas (Beberibe) e outras (Bessa *et al.*, 2021, p. 38).

Antes da Vila Beberibe, prosperou o povoamento de Cascavel, situada entre o porto de Aracati e a capital da Província, Fortaleza. As terras de Beberibe, incluindo Sucatinga, Parajuru e Lucas, pertenciam a Cascavel. Esse cenário favoreceu a migração de famílias de localidades vizinhas para as terras de Beberibe. Colaço (2008) documenta

Vila Beberibe cresceu entre os dois sítios, processo favorecido pela intervenção de Brasiliano Ferreira de Araújo.

Não pretendemos aqui estabelecer um marco definitivo da origem de Beberibe, tampouco atribuir sua constituição exclusivamente às pessoas mencionadas. Entretanto, consideramos relevante apresentar as referências bibliográficas que dialogam com os fatos históricos vinculados ao berço familiar da educadora Anna Facó.

Os sítios Lucas e Bom Jardim tiveram papel central nesse processo. A casa que pertenceu a Baltazar Ferreira do Vale no Sítio Lucas resistiu ao tempo e permanece preservada até hoje.

Figura 5 – Casa do Lucas, pertencente a Baltazar Ferreira do Vale



Fonte: Colaço (2008, p. 16).

Nesse ponto, evidenciamos a ligação entre a constituição do município e a família de Anna Facó. A casa do Sítio Lucas, pertencente a Baltazar Ferreira do Vale e sua esposa Catarina Francisca Maria Teixeira, corresponde à linhagem paterna da educadora. De modo análogo, a casa situada no Sítio Bom Jardim, de propriedade de Pedro de Queiroz Lima, remete à linhagem materna de Anna Facó. Para o historiador Barão de Studart (1980, v. 1, p. 134-135), Pedro de Queiroz Lima “combateu ao lado de Tristão Gonçalves Pereira de

Alencar pela República do Equador – Revolução de 1824, e que depois do movimento nativista modificou o nome para Tristão Gonçalves de Alencar Araripe”. Esse movimento republicano representou importante resistência ao autoritarismo de Dom Pedro I, reafirmando o compromisso da Província do Ceará com a Confederação do Equador, juntamente com outras províncias nordestinas.

Figura 6 – Casa do Bom Jardim, pertencente a Pedro de Queiroz Lima



Fonte: Colaço (2008, p. 15).

Conforme Facó, (1962, p. 403), os Sítios “Lucas e Bom-Jardim, cujos donos por um e outro lado eram parentes próximos, ligaram-se estreitamente por novos casamentos em família”. Nesse contexto sobressaem as famílias Queiroz e Facó, sendo que a família Facó teria origem da família Queiroz.

Assim é que o primeiro FACÓ – Francisco Baltasar Ferreira, sendo Facó apelido que lhe dava sua tia materna Maria Teixeira desde menino, sem se saber a razão disso – filho do casal do Lucas, casou com Maria Adelaide de Queiroz, filha mais velha do casal do Bom-Jardim, a 25 de fevereiro de 1843. O casal Francisco Baltasar Ferreira Facó, nascido a 17 de julho de 1814, e Maria Adelaide de Queiroz, nascida a 19 de maio de 1828 (Facó, 1962, p. 403).

Dessa forma, a união de Francisco Baltasar Ferreira Facó com Maria Adelaide de Queiroz consolidou o entrelaçamento das famílias e deu origem à linhagem de Anna Facó. Essa retomada tem como propósito evidenciar como a história das famílias contribuiu para o processo de formação do município de Beberibe, reconhecendo que o construto histórico resulta das relações dos indivíduos entre si e de sua interação com o espaço natural. Podemos inferir que muitos outros atores, não mencionados aqui, também contribuíram na formação histórica do município de Beberibe.

Nessa esteira da constituição de Beberibe, segundo Colaço (2013), em 1883, foram criados os distritos de Lucas e Sucatinga, antes pertencente ao município de Cascavel, influenciados pela família Ferreira. Embora o povoamento do Lucas e do Bom Jardim tenha começado com os primeiros sítios, foi entre essas duas localidades que a Vila Beberibe prosperou, com forte contribuição de Brasiliano Ferreira de Araújo.

Brasiliano Ferreira de Araújo foi filho de Luiz Antônio de Araújo e Eustáquia Maria do Carmo, “4ª filha do casal fundador do Sítio Lucas – Beberibe, Balthazar Ferreira do Vale e Catharina Francisca Maria Teixeira” (Colaço, 2013, p. 35). Portanto, Eustáquia Maria do Carmo era tia de Anna Facó, e Brasiliano Ferreira de Araújo era, assim, seu primo.

Figura 7 – Casarão construído em 1862 por Brasiliano Ferreira de Araújo



Fonte: (Colaço, 2013, p. 84).

Entre os Sítios Lucas e Bom Jardim prosperou a Vila Beberibe. Segundo Colaço (2013), Brasiliano Ferreira de Araújo (1832-1876) era filho de Luís Antônio de Araújo e Eustáquia Maria do Carmo (quarta filha do casal fundador do Sítio Lucas). Casado com Francisca do Espírito Santo, ao se mudar para o atual Centro de Beberibe, iniciou as primeiras moradias. Em 1862, construiu sua residência e, em frente à sua casa, foi erguida uma igreja em terras doadas por ele.

Parte das terras onde atualmente se localiza a sede do município foi registrada como Sítio Beberibe. Ainda segundo Colaço (2013), Brasiliano Ferreira de Araújo construiu e reformou a Igreja Jesus, Maria e José, com a ajuda de sua tia Maria Tomásia Ferreira. Com a construção da igreja católica, aumentou o fluxo de pessoas para as celebrações e, ao seu redor, surgiram as primeiras edificações onde hoje é o Centro de Beberibe.

Figura 8 – Igreja Matriz no centro de Beberibe



Fonte: Foto do quadro da Igreja Jesus, Maria e José, acervo nº 557 do Memorial de Beberibe.

A Vila Beberibe foi emancipada, por meio da Lei nº 67/1892, pelo governador do Ceará, Benjamin Liberato Barroso (Colaço, 2013). No entanto, a emancipação política de Beberibe seguiu por décadas com avanços e retrocessos.

Tabela 1 – Leis de emancipação e supressão de Beberibe

| Lei nº | Data | Emancipação/Supressão |
|-------------------------------|------------------------|-----------------------|
| Lei nº 67 | 5 de julho de 1892 | Emancipou |
| Lei nº 1.794 | 9 de outubro de 1920 | Suprimiu |
| Lei nº 2.436 | 21 de outubro de 1926 | Emancipou |
| Decreto-interventorial nº 139 | 20 de maio de 1931 | Suprimiu |
| Lei nº 1.153 | 22 de novembro de 1951 | Emancipou |

Fonte: Elaboração própria a partir de Colaço (2013, p. 29-30).

Somente em 1951 ocorreu a emancipação definitiva de Beberibe, atendendo ao movimento emancipatório “sob a liderança do Desembargador Boanerges Facó, Pedro de Queiroz Lima e Brasiliano Ferreira de Araújo” (Colaço, 2013, p. 30). Embora emancipado em 1951, “[...] só no dia 3 de outubro de 1954, foi eleito o primeiro prefeito” (Colaço, 2008, p. 85). A seguir apresentamos dados do município de Beberibe.

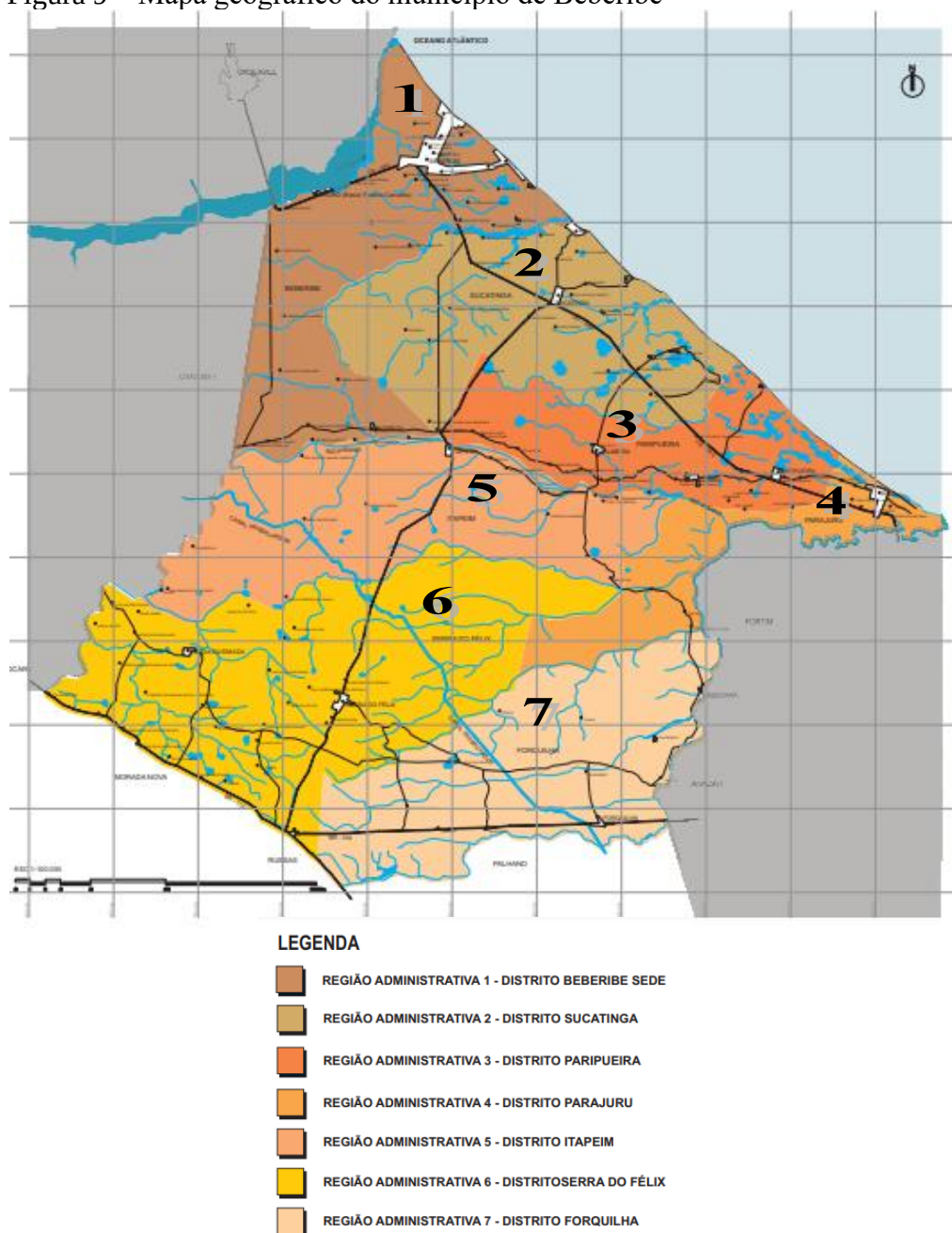
Tabela 2 – Dados do município de Beberibe

| Município de Beberibe | Dados |
|------------------------------------|---------------------|
| Fundação | 18 de julho de 1882 |
| Emancipação política | 5 de julho de 1892 |
| Unidade federativa | Ceará |
| Mesorregião | Norte cearense |
| Microrregião | Cascavel |
| Área | 1.616,00 |
| População estimada | 53000 |
| Gentílico | Beberibense |
| Distância para a capital Fortaleza | 79 km |

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa no *site*: <https://beberibe.ce.gov.br/omunicipio.php>, 2024.

Na Figura 9, apresentamos o mapa geográfico de Beberibe, no qual, além da divisão territorial por distritos, observamos a rica hidrografia com rios e lagoas.

Figura 9 – Mapa geográfico do município de Beberibe



Fonte: Prefeitura Municipal de Beberibe, arquivo da Secretaria de Administração e Planejamento, 2023.

Até aqui, retomamos a origem de Beberibe, por meio da história registrada em documentos históricos, com o objetivo de conhecer melhor o contexto em que Anna Facó nasceu. Agora, faremos uma viagem pelas escolas onde estudou e trabalhou, compreendendo o período de 1855 a 1926, de seu nascimento ao início dos estudos na *Escola Normal*, relatando fatos relevantes sobre seu trabalho, escritos e obras publicadas.

3 TRAJETÓRIA FORMATIVA E PROFISSIONAL DE ANNA FACÓ

Para compreendermos a trajetória de Anna Facó, é necessário realizar uma imersão histórica, revisitando sua infância e seus primeiros passos na educação, de modo a entender o contexto que a levou a seguir esse caminho e a se posicionar diante da sociedade patriarcal como mulher, professora e escritora.

Essa incursão pelo passado busca identificar fatos históricos que contribuam para elucidar parte do legado deixado por Anna Facó. Nesse intento, investigamos eventos significativos que atestam o trabalho desenvolvido, o qual atravessou o tempo e deixou marcas indeléveis.

Na Figura 10, apresentamos a linha do tempo com os principais marcos da trajetória de Anna Facó, que serão explorados neste capítulo.

Figura 10 – Linha do tempo da trajetória de Anna Facó



Fonte: Elaboração própria, 2025.

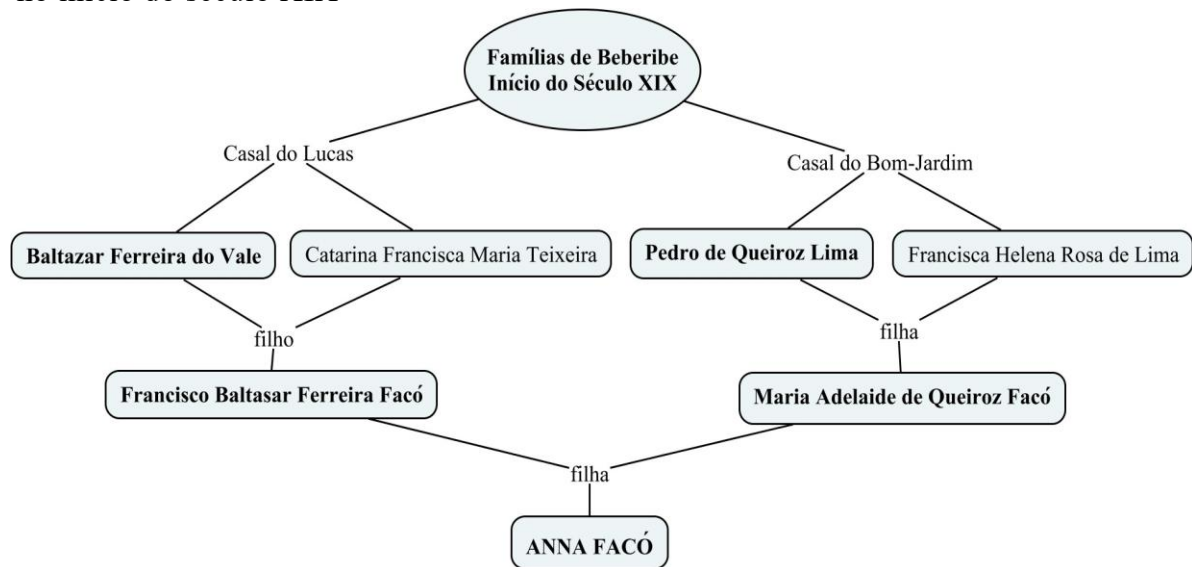
Seguido a linha do tempo, apresentamos, a seguir, os principais acontecimentos da trajetória formativa e profissional de Anna Facó de 1855, ano de seu nascimento, até sua aposentadoria em 1913.

3.1 Origem e primeiros estudos de Anna Facó

Anna Facó nasceu em 10 de abril de 1855, no Sítio Bom Jardim, localizado em Beberibe, litoral leste do Ceará, então pertencente à comarca de Cascavel. Era filha de Francisco Baltasar Ferreira Facó e Maria Adelaide de Queiroz Facó. O avô paterno era Baltazar Ferreira do Vale e o materno, Pedro de Queiroz Lima. O casamento de seus pais uniu as famílias dos Sítios Lucas e Bom Jardim.

O Sítio Bom Jardim, propriedade de seus avós maternos Pedro de Queiroz Lima e Francisca Helena Rosa de Lima, foi onde Anna Facó viveu sua infância. A seguir, apresentamos um mapa genealógico que evidencia a origem familiar de Anna Facó a partir das famílias que se estabeleceram, no início do século XIX, nos Sítios Lucas e Bom Jardim.

Figura 11 – Genealogia da Anna Facó a partir das famílias estabelecidas em Beberibe no início do século XIX



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Esse entrelaçamento histórico permite situar Anna Facó no contexto familiar do povoamento de Beberibe, facilitando a compreensão do ambiente socioeconômico em que nasceu. Nesse ínterim, para conhecer os desafios que enfrentou ao longo da vida, é necessário revisitar sua infância, identificando barreiras e obstáculos, desde seu nascimento em 1855 até o falecimento em 1926.

Anna Facó viveu em um contexto social e econômico marcado por inúmeras dificuldades, sobretudo no Nordeste brasileiro, onde as condições eram adversas e ainda mais

intensas para as mulheres. De família católica, Anna Facó “foi batizada pelo padre Francisco Porta e sendo seus padrinhos o tio paterno Severino Severiano Lopes Ferreira e o tio materno Arcelino de Queiroz Lima. Foi o nono filho dos quatorze havidos e que representa o sétimo dos que se criaram” (Stuart, 1980, v. 1, p. 135).

No entanto, Barroso (1992, p. 35) afirma que os pais de Anna Facó tiveram dezesseis filhos, sendo eles “José Baltazar, Francisco Baltazar (cedo falecidos) José Baltazar, Francisco Baltazar, Gustavo, Maria Francisca, João, Raimundo, Catarina, José, Maria da Penha, Pedro, Baltazar, Antônio, Joaquim e Ana”. Criada em uma família numerosa, realidade comum à época, sua infância decorreu no final do século XIX, período de grandes desafios para os nordestinos, principalmente para famílias com poucos recursos financeiros.

Na infância, Anna Facó não pôde frequentar escola, pois havia poucas instituições na região, concentradas em cidades como Fortaleza e Aracati. Entretanto, seu irmão mais velho José Baltazar Ferreira Facó a alfabetizou nos primeiros anos, como afirma Cunha (2008, p. 194): “[...] apesar da escassez de escolas no lugar e da deficiência visual – a miopia – desde pequena a leitura estará presente em sua vida, graças à ajuda de um irmão que a iniciou nas primeiras letras”.

Nesse anno, eu e mais quatro irmãos eramos iniciados na leitura por José Balthazar, nosso irmão mais velho, que fôra, por motivo de força maior, forçado a interromper seus estudos, temporariamente. A escola era mesmo em casa, no salão do meio, como era chamado, no qual havia janella e porta que davam para o poente, defrontando a porta com a casa da fabrica (*sic*) (Facó, 1938c, p. 101).

Stuart (1980) acrescenta que, embora alfabetizada pelo irmão, a miopia impediu maiores avanços até os doze anos. Em “1869 frequentou, de fevereiro a junho, a escola da professora pública de Cascavel (CE), Maria Carolina Pereira Ibiapina” (Stuart, 1980, v. 1, p. 135). Além da escassez de escolas, havia a desigualdade de gênero no acesso à instrução nas escolas. Como afirma Vieira (2002, p. 117), a “[...] escola na Província do Ceará, como no resto do Brasil Império, expressa de forma visível as diferenças entre gêneros”. A mesma autora acrescenta que, no *Relatório da Instrução Pública* de 1865, consta o registro de que, no Ceará, havia 86 escolas, com 4.189 matrículas de meninos e apenas 31 escolas com 1.432 matrículas de meninas.

Anna Facó enfrentou momentos difíceis com a morte de seus pais: a mãe em 1871, aos 16 anos, e o pai em 1875, aos 19 anos. A data da morte dos pais é relatada por Stuart (1980, v. 1, p. 135): “[...] Francisco Baltazar Ferreira Facó (nascido a 17 de julho de 1814 e falecido em 20 de janeiro de 1875) e Maria Adelaide Queiroz Facó (falecida em 25 de

maio de 1871)”. Anna Facó passou a ser cuidada pelos irmãos; ainda assim, manteve firme o propósito de independência. A seguir, uma foto de Anna Facó; não temos informação da idade nessa época.

Figura 12 – Foto de Anna Facó



Fonte: Colaço, Oliveira e Almeida (2003).

Um marco relevante foi o ato de alforria dos escravizados pertencentes à sua família, ocorrido antes mesmo da abolição oficial no Ceará e no Brasil, em 25 de fevereiro de 1982, data da cerimônia de casamento de João Thomaz Ferreira Filho e Maria da Penha Ferreira Facó (irmã de Anna Facó), ocorrida na igreja de Beberibe, município de Cascavel. Esse ato público demonstra que a família de Anna Facó se preocupava com a emancipação do ser humano, sobretudo no direito primordial à liberdade. Desempenhou, ainda, um papel relevante na campanha abolicionista. Segundo Castro (2019), a libertação dos escravos da família de Anna Facó ocorreu dois anos antes da libertação dos escravizados no Ceará, ocorrida em 1884, e seis anos antes do Brasil, por meio da assinatura da Lei Áurea, em 1888.

Segundo Colaço (2013), José Baltazar Ferreira Facó, irmão de Anna Facó, foi considerado um dos grandes abolicionistas cearenses, contribuindo com discursos e práticas, incluindo a alforria dos cativos da família. Em 25 de fevereiro de 1882, José Baltazar Ferreira

Facó, Anna Facó e seus irmãos assinaram a carta de liberdade, publicada no Jornal *Cearense*, em 2 de março daquele ano. Apresentamos a imagem ampliada a seguir, por consideramos de especial relevância sua leitura para a compreensão dos fatos apresentados.

Figura 13 – Capa do Jornal *Cearense* no dia 2 de março de 1882



Manumissão. — Escrevem-nos de Cascavel, em data de 26 de fevereiro :

« No dia 25 do mez passado, por occasião de celebrar-se o casamento do Sr. João Thomaz Ferreira Filho com a Exm.^a D. Maria da Penha Ferreira Facó, na igreja de Beberibe, município do Cascavel, o Dr. J. Facó e seus dignos irmãos conferiram aos ultimos escravos que possuíam a carta de liberdade, que se segue :

CARTA.

Imperio do Brazil.—Provincia do Ceará.—Municipio de Cascavel.

Por nossa espontanea vontade e independente de qualquer onus,conferimos carta de liberdade aos ultimos escravos,que,havidos por herança,ainda possuamos, e são : Maria, preta, de idade de 42 annos, e seus filhos—Rufino, preto, de idade de 18 annos, Miguel, cabra, de idade de 14 annos, e Archanjo, cabra, de idade de 12 annos, matriculados na collectoria des-

te município sob os n.ºs 656, 659, 661 e 662; e o fazemos para comemorar o aniversário do feliz consórcio de nossos virtuosos paes—Capitão Francisco Balthazar Ferreira Facó e D. Maria Adelaide de Queiroz Facó, celebrado a 25 de Fevereiro de 1843.

E para constar passou-se a presente carta, que por uma só via servirá para todos, e em que nos assignamos.

Igreja do Beberibe, 25 de Fevereiro de 1882.

José Balthazar Ferreira Fácó: ...
Gustavo Francisco de Queiroz
Fácó.

Francisco Balthazar Ferreira
Facó.

Maria Francisca Ferreira Facó.
João Balthazar Ferreira Facó.

Raimundo Facó.
Anna Facó.

• Anna Facó.
Catharina Facó.

José Aristides Ferreira Facó.

Maria da Penha Ferreira Facó.

Pedro Facó.

Balthazar Facó.

Antonio Facó.

47. G. (1992)

O gesto, realizado em data simbólica, o aniversário de casamento dos pais Francisco Balthazar Ferreira Facó e Maria Adelaide de Queiroz Facó, ocorrido em 25 de fevereiro de 1843, foi noticiado em primeira página e ecoou como incentivo a outros atos de liberdade.

Segundo Facó (1962, p. 18), José Balthazar Ferreira Facó, irmão de Anna Facó, “Entregara-se de corpo e alma à obra ingente e humanitária da libertação dos escravos, campanha que ia no auge e próxima de seu desfecho final ao tempo de sua morte”. Na manumissão, ou “carta de liberdade”, apresentada na Figura 13, foram alforriados quatro escravizados: Maria, com idade de 42 anos, e seus três filhos, Rufino, de 18 anos; Miguel, de 14; e Archanjo, de 12. Coube a Maria da Penha Ferreira Facó entregar a carta aos alforriados e, no ato, rogou para que os libertos tivessem uma vida alegre e pautada pela igualdade (Cearense, 1882).

Assim, Anna Facó, aos 26 anos, deu sua primeira contribuição significativa, juntamente com José Balthazar Ferreira Facó e seus irmãos, à causa da liberdade. Embora não se saiba exatamente seu papel na decisão, a participação dela e de seus irmãos, por meio da assinatura da carta, evidencia o compromisso familiar e adesão à campanha abolicionista.

Posteriormente, Anna Facó buscou esse mesmo engajamento para a educação, buscando, pelo magistério, auxiliar crianças invisibilizadas e desassistidas pelo poder político. As causas sociais e o bem comum passaram a ocupar espaço em sua vida, refletindo em sua trajetória educacional.

Em síntese, destacamos os principais marcos da infância e dos primeiros estudos de Anna Facó:

- a) **1855** – Nasce em 10 de abril, no Sítio Bom Jardim, em Beberibe; filha de Francisco Baltazar Ferreira Facó e Maria Adelaide de Queiroz Facó. Inicia as primeiras letras com a ajuda do irmão mais velho José Balthazar Ferreira Facó;
- b) **1867** – Aos 12 anos, já apresentava alto grau de miopia;
- c) **1869** – Ingressa, aos 14 anos, na escola da professora pública Maria Carolina Pereira Ibiapina, em Cascavel;
- d) **1871** – Aos 16 anos, perde a mãe, Maria Adelaide de Queiroz Facó;
- e) **1875** – Perde o pai, Francisco Baltazar Ferreira Facó;
- f) **1882** – Em 25 de fevereiro, concede, com os irmãos, a carta de alforria aos escravizados da família, antecipadamente à libertação no Ceará (1884) e à Lei Áurea (1888).

3.2 Percurso formativo e profissional de Anna Facó

Três anos após a alforria dos escravizados, em 1885, enfrentando as dificuldades do período e ainda dependente financeiramente dos irmãos mais velhos, Anna Facó optou por estudar em Fortaleza. Motivada por si mesma, encontrou forças para continuar os estudos e, por meio da educação, conquistar sua emancipação financeira. Na obra *Cadernos de Lembranças*, de Boanerges Facó (1957, v. 1, p. 182)², relata que “Anna Facó, ainda menor de 20 anos de idade, perdeu pai e mãe, que deixaram 14 filhos inteligentes e bons, mas pobres e na sua maioria menores”. Ela escreve em sua autobiografia *Páginas Íntimas*, sobre a possibilidade de ingresso na *Escola Normal*, fundada em Fortaleza, em 1884:

Enquanto corria o tempo, redobrava em minha cabeça o martelar de uma idéia constante, energica e pertinaz – viver a expensas de meu trabalho. Que fazer para isso? Só um recurso se me offerecia sem desdouro – seguir o magisterio. Faltava-me, porem, o exame de habilitação sem o qual me não seria concedida uma cadeira, nem podia submeter-me a elle, não tendo o necessario estudo. Este não me causaria assombro, si não tivesse em parte de ser confiado a minha infeliz memoria que se me afigurava uma peneira de largas malhas, presa á entrada do poço do esquecimento. Tudo que nella procurava reter, escapava-se-lhe de prompto pelas malhas naquelle maldito poço. Um facto inesperado, veio tirar-me dessa hesitação: – a fundação da Escola Normal, em Fortaleza, a 22 de março de 1884 (*sic*) (Facó, 1938c, p. 105-106).

Decidida a estudar na *Escola Normal*, destinada à formação de professores, Anna Facó enfrentou a resistência dos irmãos, que não autorizavam sua mudança para Fortaleza, além da falta de recursos financeiros necessários para sua manutenção na capital. Com muita determinação, superou a relutância da família e, com a ajuda de seu primo Raimundo Torcápio Ferreira, mudou-se para Fortaleza. O primo enviou uma carta com o convite para que residisse em sua casa, possibilitando-lhe iniciar a caminhada rumo ao sonho da independência como normalista. A autonomia financeira chegou por meio do magistério; em uma época em que as oportunidades para mulheres eram limitadas, Anna Facó transformou as adversidades em estímulo.

No dia 12 de agosto de 1885, em virtude do seu primo Raimundo Torcápio Ferreira, casado com Maria Palácio dos Santos Ferreira, com quem residia desde que viera para a Capital (Praça dos Voluntários n.º 24), ter sido transferido em comissão para a cidade de Baturité (CE), passou-se para a casa do pai de Raimundo o seu tio paterno Joaquim Sebastião Lopes Ferreira, na Praça José de Alencar n.º 22, onde passou a conviver com suas primas Maria José, Joaquina, Ana e Isabel Ferreira. No

² Boanerges de Queiroz Facó era natural de Beberibe, sobrinho de Anna Facó, nascido a 30 de setembro de 1882, bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Direito do Ceará em 25 de novembro de 1911. Foi diretor da Escola Humanidade Nova, em 1912, em Fortaleza. Foi desembargador do Tribunal de Justiça do Ceará, aposentando-se em 1952 (Colaço, 2013).

fim de 1886 concluiu o primeiro ano da ex-Escola Normal (Studart, 1980, v. 1, p. 135).

Mesmo no século XXI, muitos nordestinos, como Anna Facó, precisam sair de seus municípios para estudar em grandes centros urbanos, e muitos não conseguem permanecer sem o apoio do poder público ou da família. Facó (1957) relata o sentimento de medo, ousadia e perseverança de Anna Facó ao receber uma carta do seu primo Raimundo Torcápio Ferreira:

A afetiva e amistosa carta do primo, que ela consigna em suas memórias, fez vibrar-lhe as cordas da sensibilidade: arrancou-lhe lágrimas, e a fez temer contrair dívidas de favor. Mas, em boa hora, venceu-lhe todas as hesitações o desejo de estudar e viver do seu próprio trabalho. Matriculou-se na Escola em 1885, mas teve de receber o diploma de professora somente em 1886, de vez que o curso de um ano, do ano da fundação da Escola (1884), passou a ser de dois, fato que muito a molestou e entristeceu, pois desejava entregar-se logo às lides do ensino. Em 1887 deu-se a essas lides que só cessaram ao tempo de sua aposentadoria (*sic*) (Facó, 1957, v. 1, p. 183).

Anna Facó matriculou-se na *Escola Normal*, em 1885, quando o curso passou a ter duração de dois anos, concluindo-o em 1886. Afirma que:

No dia dois de março de 1885 deixei o lar, irmãos e tudo que mais presava para entregar-me aos estudos da Escola Normal, afim de habilitar-me para o magisterio. [...] A cinco de março matriculei-me na Escola Normal como me tendo matriculado a 15 de fevereiro, dia em que fôra encerrada a matrícula, e no dia dez comecei a frequentá-la (*sic*) (Facó, 1938c, p. 107-108).

O modelo pedagógico adotado, sob a direção de José de Barcellos, que também foi professor de Pedagogia e Metodologia, baseava-se no método intuitivo. Para Feitosa (2024, p. 288), esse método consistia na “[...] substituição das práticas tradicionais do modelo jesuítico pelo método intuitivo de base empirista criado por Pestalozzi, que parte das observações das coisas e da natureza como princípio pedagógico para o ensino das crianças e jovens”.

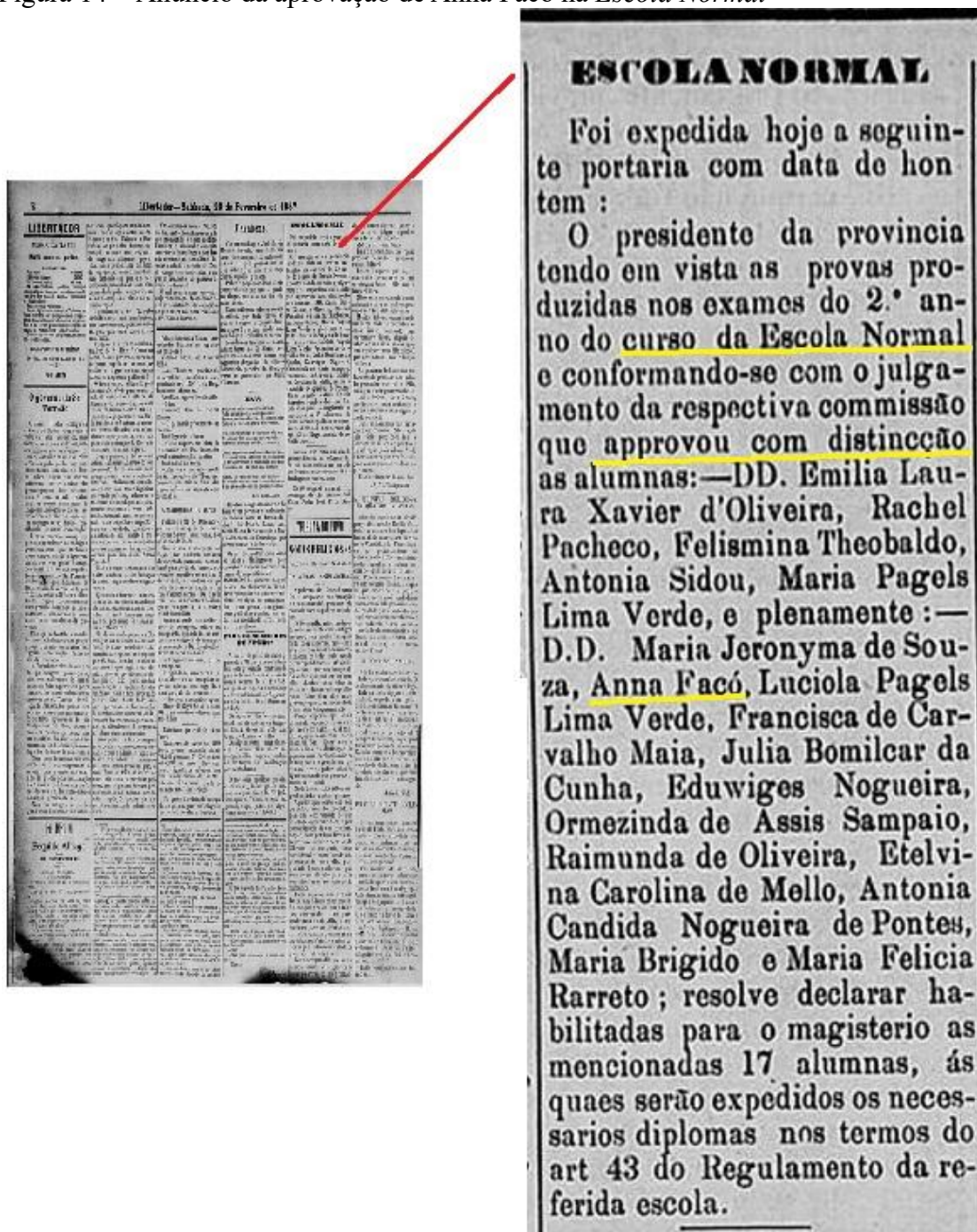
De acordo com Feitosa (2024, p. 219), o uso do método intuitivo aplicado por José de Barcellos na *Escola Normal*, instituição que à época fomentava as políticas educacionais, “[...] certamente, se inspirou nos princípios pedagógicos de bases empiristas, sobretudo, da teoria da educação escolar do suíço Johann Heinrich Pestalozzi”, e também influenciou Anna Facó em sua formação.

Segundo Castro (2019), Anna Facó iniciou o magistério no *Ginásio Cearense* antes de concluir seus estudos, em 1886, sendo apenas no ano seguinte, em 1887, que se formou na *Escola Normal*. A aprovação na *Escola Normal* representou o primeiro passo rumo

à emancipação financeira, já que, à época, o magistério era a única profissão socialmente aceita para as mulheres e uma oportunidade para moças pobres que dependiam de parentes.

Na segunda página do Jornal *Libertador*, de 26 de fevereiro de 1887, consta a publicação da aprovação de Anna Facó com distinção nos exames do 2º ano da *Escola Normal*, entre dezessete alunas habilitadas para o exercício do magistério, a qual apresentamos a seguir, na Figura 14.

Figura 14 – Anúncio da aprovação de Anna Facó na *Escola Normal*



ESCOLA NORMAL

Foi expedida hoje a seguinte portaria com data de hon tom :

O presidente da provincia tendo em vista as provas produzidas nos exames do 2.º anno do curso da Escola Normal e conformando-se com o julgamento da respectiva commissão que approvou com distincção as alumnas:—DD. Emilia Laura Xavier d'Oliveira, Rachel Pacheco, Felismina Theobaldo, Antonia Sidou, Maria Pagels Lima Verde, e plenamente :—D.D. Maria Jeronyma de Souza, Anna Facó, Luciola Pagels Lima Verde, Francisca de Carvalho Maia, Julia Bomilcar da Cunha, Eduwiges Nogueira, Ormezinda de Assis Sampaio, Raimunda de Oliveira, Etelvina Carolina de Mello, Antonia Candida Nogueira de Pontes, Maria Brigido e Maria Felicia Rarreto ; resolve declarar habilitadas para o magisterio as mencionadas 17 alumnas, ás quaes serão expedidos os necessarios diplomas nos termos do art 43 do Regulamento da referida escola.

Fonte: Edição própria, adaptada do Jornal *Libertador*, publicada no sábado, 26 de fevereiro de 1887.

Feitosa (2024) afirma que José de Barcellos³ era professor e diretor da *Escola Normal* no período e que os exames das normalistas reforçavam a relevância da *Escola Normal* e a seriedade do processo de formação docente.

Os resultados continuados dos exames das normalistas posicionavam ainda mais a Escola Normal na vida da escola cearense. No final de 1887, os resultados de aprovação no exame do segundo ano do curso começaram a ser divulgados, e informaram o bom trabalho dos professores na aprendizagem dos futuros docentes primários. [...]. As comissões para avaliação eram formadas por três membros, tendo a presença do professor José de Barcellos nas mesas de exames, do Presidente da Província e do Inspetor Geral da Instrução Pública. O comparecimento de autoridades principais do Governo Provincial é indício do controle do aprendizado das alunas e do trabalho desenvolvido na escola pelos professores e o diretor (Feitosa, 2024, p. 253).

O pedagogo José de Barcellos elaborou ainda um material didático com orientações para professores primários voltado para o ensino da leitura e da escrita:

[...] o Pedagogo organizou manual didático para uso dos professores com exercícios por unidade silábica e as respectivas demonstrações das combinações de letras, sílabas e palavras por lição, conforme o método sintético de alfabetização. O ensino da escrita e da leitura com método simultâneo, certamente, foi aplicado na formação dos futuros professores da Escola Normal que seria em breve inaugurada e, posteriormente, adotado nas escolas reunidas e nos grupos escolares no Ceará República (Feitosa, 2024, p. 224).

Passados dois anos de estudo na *Escola Normal* e com sua aprovação, Anna Facó, agora habilitada para o exercício do magistério, deu um importante passo rumo à sua tão sonhada independência financeira. O trabalho do diretor da *Escola Normal* José de Barcellos, juntamente com o corpo docente da instituição, foi fundamental para a formação da normalista Anna Facó, que, aprovada, anos depois retornaria à escola na função de professora.

Aos 3 de dezembro de 1887, segundo Studart (1980, v. 1, p. 135), Anna Facó “foi convidada pelo seu primo e Professor de Português João Ferreira Lopes (Filho), para ocupar uma cadeira de ensino primário” no *Ginásio Cearense*, fundado por ele e pelo capitão Antônio Duarte Bezerra e inaugurado em 7 de janeiro daquele ano. Anna Facó iniciou sua carreira profissional no *Ginásio Cearense*, mas sua experiência profissional nessa escola durou pouco tempo. Embora Studart (1980) tenha datado o convite em dezembro de 1887, encontramos um anúncio publicado no jornal *Libertador*, em 28 de dezembro de 1886, sobre o início das aulas

³ [...] José de Barcellos, no momento de instalação da Escola Normal em 22 de março de 1884, quando assumiu o cargo de professor e primeiro diretor da Escola Normal, ficando na direção até o ano de 1889. Em companhia de outros professores que atuaram nesse início de funcionamento – Francisca Clotilde, Rodolfo Teófilo, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, João Lopes Ferreira Filho, Padre João Augusto da Frota, Justino Domingues –, desenvolveu um novo modelo de habilitar os professores primários cearenses (Feitosa, 2024, p. 62).

no *Ginásio Cearense* em 7 janeiro de 1887, no qual consta o nome da normalista Anna Facó como professora regente do ensino primário. Anna Facó afirma que “Com a denominação de *Gymnasio Cearense*, foi o collegio inaugurado no dia 7 de janeiro de 1887. Tomei, nessa ocasião, posse da cadeira do ensino primario” (*sic*) (Facó, 1938c, p. 111).

Figura 15 – Anúncio do Jornal *Libertador* sobre o início dos trabalhos letivos do *Ginásio Cearense*, localizado na Rua Conde D’Eu, nº 109, em Fortaleza – Ceará

GYMNASIO CEARENSE

Externato de instrucção e educação. ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO.

No dia 7 de Janeiro de 1887.

abrir-se-á nesta capital um novo estabelecimento de ensino, organizado de accordo com os mais adiantados methodos em uso nos paizes cultos e sob a direcção de diversos professores.

ENSINO PRIMARIO

A cadeira de primeiras letras será regida pela professora normalista D. Anna Facó

O curso primario conetará do seguinte :

- I Leitura e recitação ;
- II Calligraphia e orthographia ;
- III Grammatica, analyse e composição ,
- IV Arithmetica ;
- V Geometria plana ;
- VI Desenho linear ;
- VII Geographia physica ;
- VIII Geographia geral ;
- IX Geographia do Brazil ;
- X Geographia do Ceará ;
- XI Historia do Brazil ;
- XII Factos principaes da historia do Ceará ;
- XIII Noções de sciencias physicas e naturaes ;
- XIV Instrucção moral e civica.

ENSINO SECUNDARIO

A cadeira de Mathematicas comprehendendo Arithmetica, Algebra, Geometria e Trignometria, será regida pelo professor capitão Antonio Duarte Bezerra.

As outras materias de ensino secundario são as seguintes, de accordo com o programma do ensino official superior :

- I Portuguez ;
- II Francez ;
- III Inglez ;
- VI Latim ;
- V Italiano ;
- VI Allemão ;
- VII Philosophia ;
- VIII Arithmetica ;
- IX Algebra ;
- X Geometria ;
- XI Trignometria ;
- XII Historia ;
- XIII Geographia ;
- XIV Rhetorica ;
- XV Sciencias Physicas e naturaes.

Alem do corpo docente, que se compõe de conhecidos e habilitados professores o estabelecimento terá um director dos estudos um inspector das aulas e um director gerente.

O anno lectivo é do dia 7 de Janeiro á 30 de Novembro, sendo feriados, alem dos domingos e dias sanctificados, os 3 dias de carnaval, os de festa nacional e a semana Santa.

PREÇOS

No curso primario ensinam-se alumnos de 5 á 10 annos de idade, de ambos os sexos á 10\$000 por trimestre ou 4\$000 mensaes.

O preço para o ensino secundario é cada materia 5\$000. Todos os pagamentos adiantados.

A matricula abre-se no dia 2 de Janeiro e recebem-se inscripções das 8 horas da manhã ás 4 da tarde

Brevemente será annuciado o horario, que só se pode determinar em reunião dos Srs. professores e depois da matricula

O DIRECTOR GERENTE,
Capitão Antonio Duarte Bezerra.

109-RUA DO CONDE D'EU-109

Fonte: Edição própria, adaptada do Jornal *Libertador*, terça-feira, 28 de dezembro de 1886.

Conforme o anúncio, o *Ginásio Cearense*, sob a direção do capitão Antônio Duarte Bezerra, cobrava o valor de 4\$000 (quatro mil réis) mensais, para o curso primário, destinado a crianças de 5 a 10 anos de idade. Essa cobrança revela que, à época, a escola ainda não era acessível a todas as camadas sociais.

Figura 16 – Anúncio do início dos trabalhos letivos do *Ginásio Cearense*, com novo endereço, localizado na Rua Formosa, em Fortaleza – Ceará



LIBERTADOR

GYMNASIO CEARENSE

Este estabelecimento de instrução e educação mudou-se para a rua Formosa n.º 14, sobrado.

Recebem-se alumnos, semi-internos e externos.

Funciona a aula primaria sob a direcção da professora graduada D. Anna Facó, estando o curso de Arithmetica elemental a cargo do professor A. Duarte Bizzerra.

Estão abertas todas as aulas do curso preparatorio.

Para tratar de quaesquer negocios, no estabelecimento, com

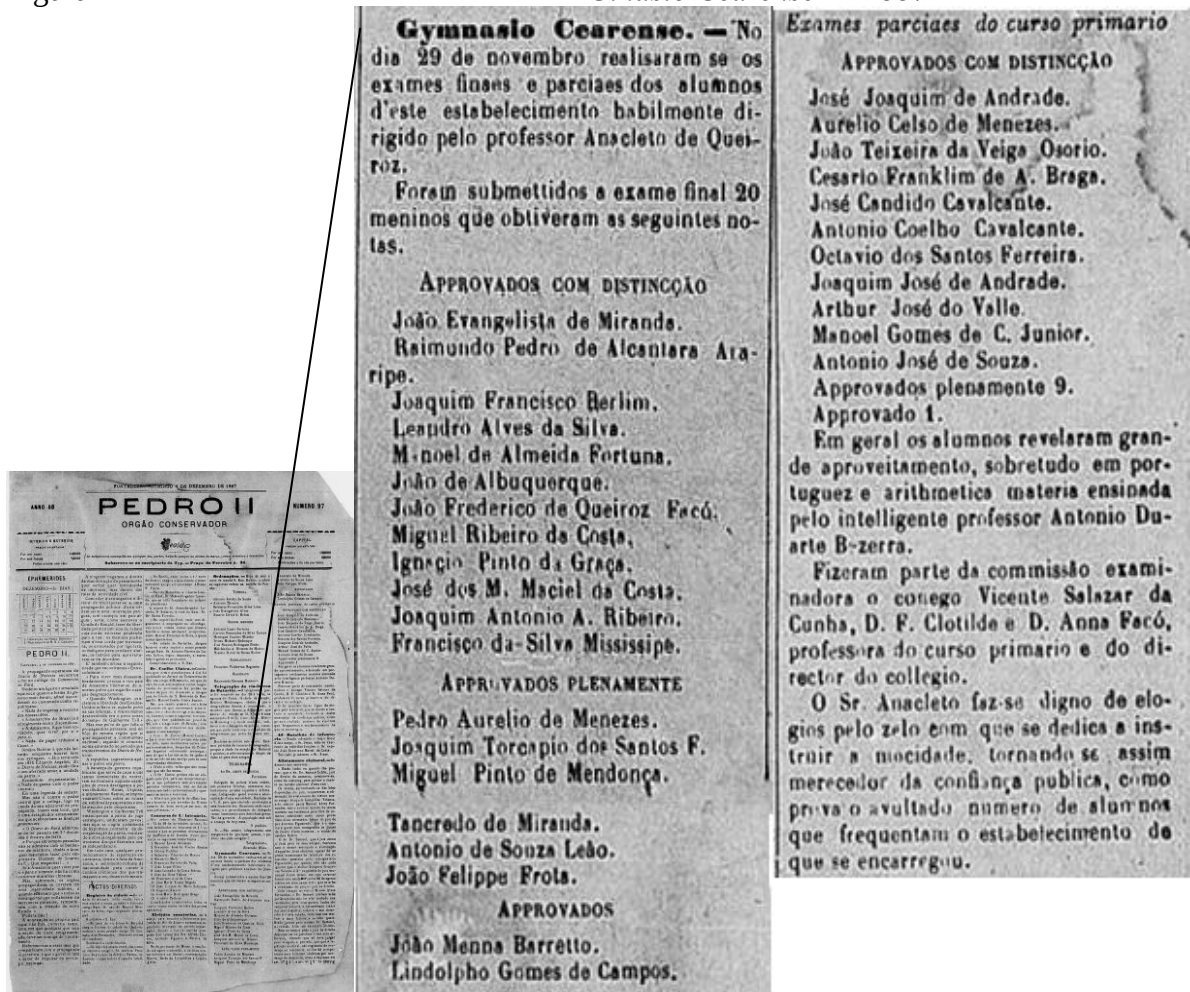
O director-gerente
A. Duarte Bizzerra.

3—5—458

Fonte: Edição própria, adaptada do Jornal *Libertador*, segunda-feira, 11 de abril de 1887.

Embora a escola oferecesse ensino para ambos os sexos, observamos a predominância de matrículas masculinas, como se vê no anúncio das aprovações do *Ginásio Cearense* em 1887, já sob a direção do professor Anacleto Pereira Cavalcante de Queiroz. Afirmo Anna Facó que “Como professora do Gymnasio ganha eu quarenta mil reis mensaes. Era pouco, muito pouco, para que eu pudesse realizar o meu sonho doirado, o meu pensamento unico: alugar casa e convidar minhas irmãs para a minha companhia” (*sic*) (Facó, 1938c, p. 112). Na gestão do professor Anacleto Pereira Cavalcante de Queiroz, o Ginásio Cearense progrediu.

Figura 17 – Resultados dos exames finais do *Ginásio Cearense* de 1887



Gymnasio Cearense. — No dia 29 de novembro realizaram-se os exames finais e parciais dos alumnos d'este estabelecimento habilmente dirigido pelo professor Anacleto de Queiroz.

Foram submettidos a exame final 20 meninos que obtiveram as seguintes notas.

APPROVADOS COM DISTINÇÃO

João Evangelista de Miranda.
Raimundo Pedro de Alcantara Araripe.
Joaquim Francisco Berlim.
Leandro Alves da Silva.
Manoel de Almeida Fortuna.
João de Albuquerque.
João Frederico de Queiroz Facó.
Miguel Ribeiro da Costa.
Ignácio Pinto da Graça.
José dos M. Maciel da Costa.
Joaquim Antonio A. Ribeiro.
Francisco da Silva Mississipe.

APPROVADOS PLENAMENTE

Pedro Aurelio de Menezes.
Joaquim Torcadio dos Santos F.
Miguel Pinto de Mendonça.

Tancredo de Miranda.
Antonio de Souza Leão.
João Felipe Frola.

APPROVADOS

João Menna Barretto.
Lindolpho Gomes de Campos.

Exames parciais do curso primario

APPROVADOS COM DISTINÇÃO

José Joaquim de Andrade.
Aurelio Celso de Menezes.
João Teixeira da Veiga Osorio.
Cesario Franklim de A. Braga.
José Candido Cavalcante.
Antonio Coelho Cavalcante.
Octavio dos Santos Ferreira.
Joaquim José de Andrade.
Arthur José do Valle.
Manoel Gomes de C. Junior.
Antonio José de Souza.

Approveds plenamente 9.
Approved 1.

Em geral os alumnos revelaram grande aproveitamento, sobretudo em portuguez e arithmetica materia ensinada pelo intelligente professor Antonio Duarte B-zerra.

Fizeram parte da commissão examinadora o conego Vicente Salazar da Cunha, D. F. Clotilde e D. Anna Facó, professora do curso primario e do director do collegio.

O Sr. Anacleto faz-se digno de elogios pelo zelo com que se dedica a instruir a mocidade, tornando-se assim merecedor da confiança publica, como prova o avultado numero de alumnos que frequentam o estabelecimento de que se encarregou.

Fonte: Edição própria, adaptada do Jornal *Pedro II*, domingo, 4 de dezembro de 1887.

A passagem de Anna Facó no *Ginásio Cearense* como professora do ensino primário não durou muito.

A 15 de fevereiro de 1888, em virtude de haver sido despedida cortesmente do educandário onde ensinava, anunciou, no mesmo dia, no jornal 'LIBERTADOR' um curso primário com a denominação de 'ESCOLA FACÓ', que foi aberto a 4 de março com 10 alunos. No dia 6 de junho de 1891, foi nomeada professora auxiliar da antiga escola Normal pelo General José Clarindo de Queiroz, então presidente (governador) do Ceará (Stuart, 1980, v. 1, p. 135).

A *Escola Facó*, cuja denominação foi em memória ao pai de Anna Facó, era localizada na Rua Formosa, nº 173, em Fortaleza, Ceará, e oferecia ensino primário e infantil nos turnos da manhã e da tarde. Anna Facó atou como professora da *Escola Facó* entre 1888 e 1891.

Na Figura 18, apresentamos o anúncio publicado em 17 de janeiro de 1890, no jornal *Libertador*, sobre o início das atividades letivas da *Escola Facó*.

Figura 18 – Anúncio do início dos trabalhos letivos da *Escola Facó*



Fonte: Edição própria, adaptada do Jornal *Libertador*, sexta-feira, 17 de janeiro de 1890.

Segue a transcrição *ipsis litteris* do *Jornal Libertador* (1890, p. 3).

Escola Facó

RUA FORMOZA. N 173

Começou hoje esta escola os seus trabalhos lectivos do anno corrente, sendo divididos em curso primario que funcionará das 9 horas da manhã á 1 hora da tarde, e outro infantil, para creanças de 4 a 7 annos, só começando este, porém, no dia 3 de Fevereiro proximo vindouro, das 4 ás 6 horas da tarde.

Fortaleza, 16 de Janeiro de 1890.

Anna Facó.

Anna Facó permaneceu cerca de três anos como professora da *Escola Facó*, sendo nomeada, em 1891, professora auxiliar da *Escola Normal*, segundo Amaral (1971). Isso ocorreu durante o governo do general José Clarindo de Queiroz, seu parente, e ela manteve-se na função mesmo após sua destituição como governante da Província do Ceará. Segundo Vieira (2002, p. 136) “O general José Clarindo de Queiroz, que se mantém na presidência por pouco tempo (1891-1892), considera que a educação está proporcionalmente ‘mais retraída’ em 1891 que em 1881”.

Com a reforma da *Escola Normal*, em 1894, Anna Facó passou a exercer a função de inspetora de alunas. “Aos 7 de julho de 1894, extinta a sua cadeira, foi nomeada inspetora de alunas, sem quebra dos seus vencimentos” (Studart, 1980, v. 1, p. 135-136). Retornou à

função de professora somente em julho em 1896, na classe infantil. Em homenagem ao seu aniversário, as alunas da *Escola Normal* publicaram uma nota no jornal *A República*, em 11 de abril de 1894.

Figura 19 – Homenagem ao aniversário de Anna Facó por suas alunas



Fonte: Edição própria, adaptada do Jornal *A República*, quarta-feira, 11 de abril de 1894.

Durante sua atuação, Anna Facó aprimorou suas habilidades como educadora e desenvolveu um ensino moderno para a época, utilizando materiais reciclados com fins pedagógicos, ganhando notoriedade. Para Studart (1980, v. 1, p. 136), Anna Facó “Por conselho do Professor José de Barcelos foi convidada para dirigir o Primeiro Grupo Escolar de Fortaleza, inaugurado em 12 de junho de 1907 e começado a funcionar no dia 15 seguinte”.

O Professor José de Barcelos, autoridade em português ao seu tempo, não deixava passar ocasião nenhuma para proclamar a superioridade de Ana Facó naquela matéria. Não lhe poupava elogios, e com ele muitos dos intelectuais da época tinham a certeza de que havia, naquela inteligência, uma grande intimidade com a língua materna (Amaral, 1971, v. 1, p. 85).

O trabalho realizado por Anna Facó também chamou atenção de Nogueira Accioly, presidente da Província do Ceará, que, mesmo sendo ela de uma família

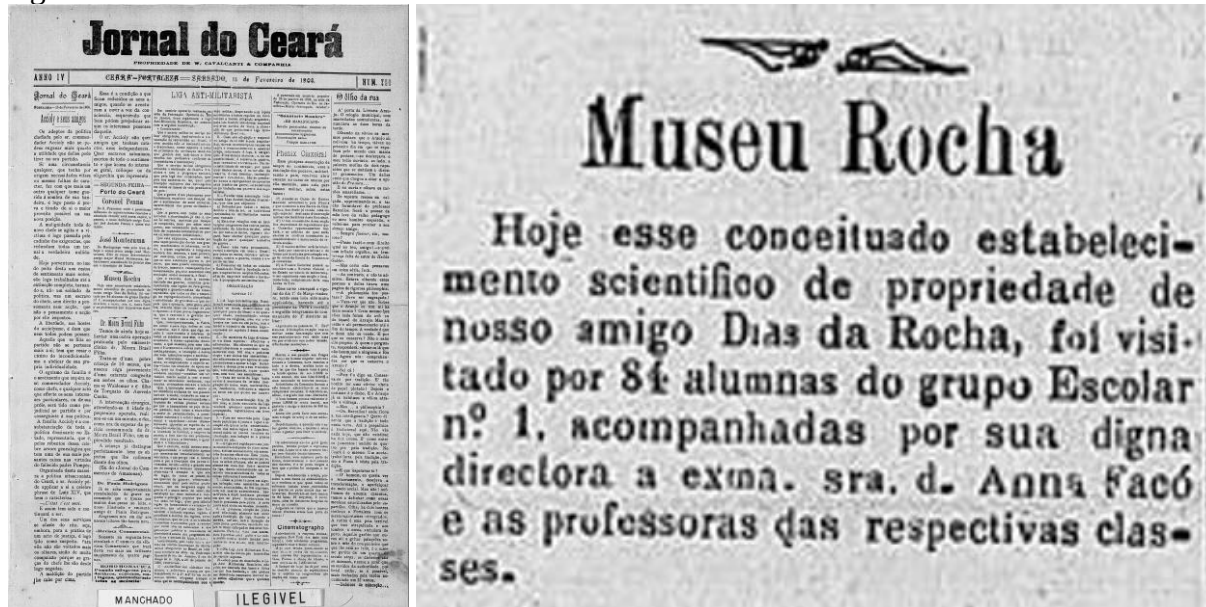
oposicionista ao governo, nomeou-a no cargo de diretora do *Primeiro Grupo Escolar* de Fortaleza, em 12 de junho de 1907, no qual permaneceu até sua aposentadoria, em 1913. Assim afirma Amaral (1971, v. 1, p. 91):

Quando o general foi deposto e Acioli subiu ao govêrno, ninguém duvidava de que os vai-e-vens políticos não a deixassem com a cadeira, uma vez que a sua família pertencia à oposição. Nada disso, porém, aconteceu. Acioli reconheceu claramente as qualidades de Ana Facó, e não seriam as opiniões políticas dos seus parentes, motivo para que o ensino público perdesse o concurso de tão esmerada professora.

Apesar de pertencer a uma família de opositores ao governo, Anna Facó rompeu com a lógica do favorecimento e conquistou reconhecimento como diretora escolar. Segundo Almeida (2012, p. 122), em seu relatório de 1º de julho de 1907, “[...] Nogueira Accioly expõe a importância da escola com seu novo modelo de ensino exportado da Europa, uma instrução primária de base científica”.

No ano seguinte, em 1908, Anna Facó realizou uma visita ao *Museu Rocha*, acompanhada das alunas e professoras do *Primeiro Grupo Escolar*, registrada no *Jornal do Ceará* de 15 de fevereiro de 1908.

Figura 20 – Visita de Anna Facó ao Museu Rocha



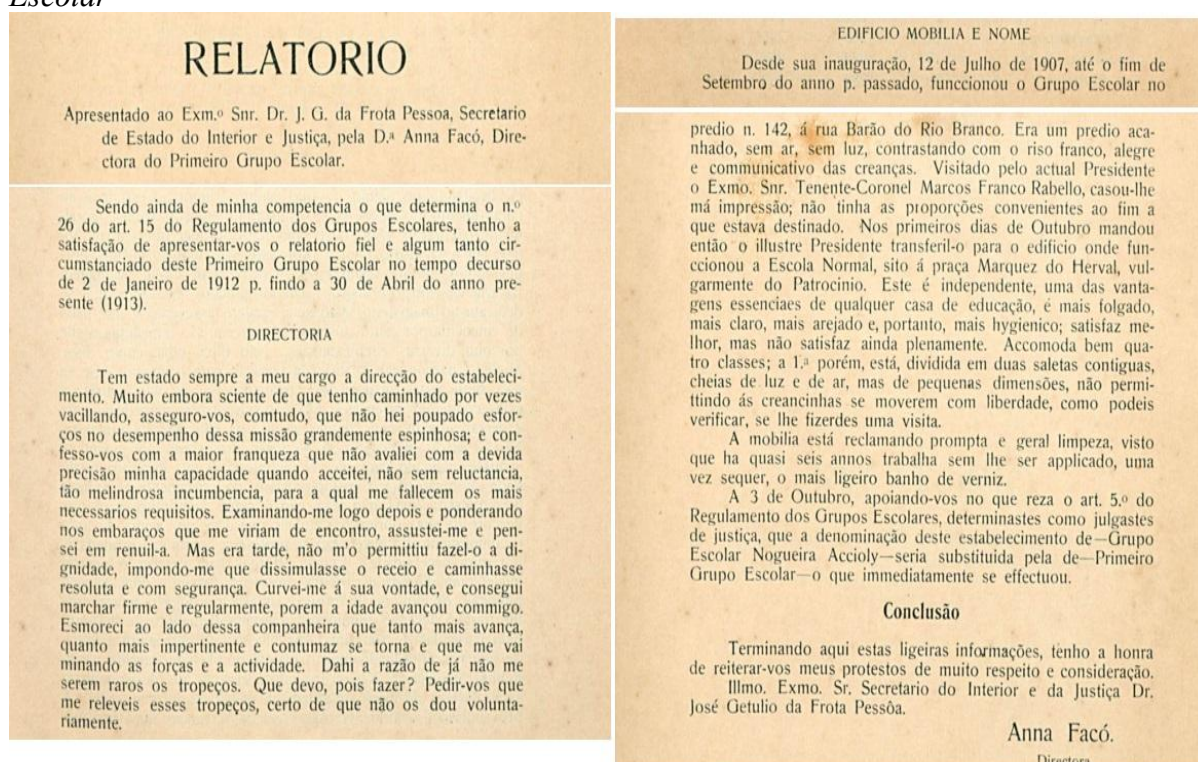
Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (15 fev. 1908).

Na direção do *Primeiro Grupo Escolar*, instituição de ensino primário, Anna Facó evidenciou seus conhecimentos pedagógicos. Segundo Amaral (1971), com sua equipe de professoras, Anna Facó promoveu constantes reuniões sobre métodos de ensino, teóricos e práticos, buscando maior compreensão e melhor aproveitamento das matérias ministradas. O

Grupo Escolar Nogueira Accioly teve, em 03 de outubro de 1913, sua denominação substituída por *Primeiro Grupo Escolar*.

Para Montenegro (1953, p. 96), “Lourenço Filho ao ocupar a Diretoria Geral de Educação do Ceará, afirma que já há alguma coisa de ensino no Estado, pois aí estão para provar os relatórios de Ana Facó”. Na Figura 21, apresentamos o relatório escrito por Anna Facó, destinado à Diretoria Geral de Higiene, em 1913. Ainda diretora da instituição, aposentou-se em 3 de setembro daquele ano.

Figura 21 – Relatório da Diretoria Geral de Higiene (CE) – 1894 a 1920 do *Primeiro Grupo Escolar*



Fonte: Adaptação do Relatório da Diretoria Geral de Higiene (1913, p. 211-219).

Anna Facó, diretora do *Primeiro Grupo Escolar*, demonstrou sua humildade e relutância, considerando a função de gestora uma missão espinhosa. Contudo, vencido o receio, assumiu o compromisso sem poupar esforços para desempenhar da melhor forma sua função. No relatório, Anna Facó relatou suas dificuldades em virtude de um sério problema de visão. A miopia já lhe impedia de realizar plenamente as funções, como registra: “já não me serem raros os tropeços. Que devo, pois fazer? Pedir-vos que me releveis esses tropeços, certo de que não os dou voluntariamente” (Relatório da Diretoria Geral de Higiene, 1913, p. 213).

Em síntese, apresentamos, em ordem cronológica, os principais marcos da trajetória formativa e profissional de Anna Facó:

- a) **1885** – Aos 30 anos, matriculou-se na *Escola Normal* de Fortaleza;
- b) **1887** – Convidada por seu primo João Ferreira Lopes, professor de português, para ensinar no *Ginásio Cearense*, em Fortaleza;
- c) **1888** – Fundou a *Escola Facó*, de ensino primário, em Fortaleza;
- d) **1891** – Nomeada professora-auxiliar na *Escola Normal*, durante o governo de Clarindo de Queiroz;
- e) **1894** – Designada inspetora de alunas na *Escola Normal*;
- f) **1896** – Nomeada professora da classe infantil na *Escola Normal*;
- g) **1907** – Nomeada diretora do *Primeiro Grupo Escolar*, em Fortaleza, pelo Presidente Nogueira Accioly;
- h) **1913** – Aposentou-se, em setembro, devido ao agravamento da miopia.

Como professora normalista, Anna Facó não se restringiu ao espaço escolar. Com o objetivo de ampliar o acesso à alfabetização, utilizou o jornal impresso para publicar lições de alfabetização destinadas às crianças pobres.

3.3 Lições de alfabetização, além dos muros da escola

Em 1904, buscando expandir a educação para além dos muros escolares, Anna Facó utilizou o jornal impresso, no início do século XX, como estratégia pedagógica para alfabetizar crianças pobres. Segundo Andrade e Lobato (2014), a proposta envolvia a participação da família no processo de alfabetização. Embora o acesso limitado ao jornal e o analfabetismo da população pudessem restringir o alcance da proposta pedagógica, podemos dizer que a iniciativa representava uma inovação na educação naquela época.

Essa inovação consistia em levar a educação para além do espaço escolar, uma forma de educação das massas, por meio de lições de alfabetização publicadas em jornal. A estratégia pedagógica envolvia a participação da família no auxílio ao processo de alfabetização. Naquele período, Anna Facó atuava como professora na *Escola Normal*.

Além disso, o uso do meio impresso ampliava as possibilidades de as lições chegarem até as casas das crianças, bem como dos adultos analfabetos, por meio da reutilização das lições publicadas em casa e também na escola.

O título da série de lições era “O ensino intuitivo: o – ABC em seis lições para infância pobre”. A proposta configurava-se como uma estratégia inovadora de educação popular de alfabetização à distância no início do século XX, ao fazer uso dos meios disponíveis, como o jornal impresso. Para Andrade e Lobato (2014), a normalista Anna Facó:

[...] apresentava à sociedade cearense pelo jornal como proposta pedagógica, no começo do século XX, na cidade de Fortaleza, movida por benemerência individual, de ensinar às crianças o abecedário. Para concretizar tal experiência, clamava a ajuda das ‘mães de família’ para dar cabo de acompanhamento do processo de alfabetização dos filhos. Publicadas na Coluna Escola, do Jornal do Ceará, editado periodicamente na capital do Estado, aquelas lições representavam um paradoxo frente às disparidades sociais da cidade, no começo do século XX, cujos indicadores davam conta de um acentuado número de crianças e de adultos analfabetos (Andrade; Lobato, 2014, p. 145).

O método de ensino intuitivo, utilizado nas lições do ABC publicadas no *Jornal do Ceará*, na Coluna Escola, por Anna Facó, traz uma abordagem focada na educação dos sentidos, possibilitando a observação e o contato direto com o material concreto, no caso, o próprio jornal.

Figura 22 – Recorte do *Jornal do Ceará*, primeira lição do ABC publicada em 16 de março de 1904, p. 3

The image displays a historical educational document from the *Jornal do Ceará*. On the left is a photograph of the original newspaper clipping, which includes a grid of letters (Aa, Bb, Cc, Dd) and various advertisements for local businesses like 'CAFÉ MOKA' and 'CAFÉ ELERANTE'. On the right is a larger, clearer reproduction of the first lesson, titled 'Ensino intuitivo: o--A B C em seis lições'. This reproduction features a grid of letters and a paragraph of text at the bottom, which is transcribed in the following block.

Ensino intuitivo: o--A B C em seis lições
A' INFANCIA POBRE
Escola do "Jornal do Ceará"
PRIMEIRA LIÇÃO

| | | | |
|-----|-----|-----|-----|
| A a | B b | C c | D d |
| ba | ca | da | |
| á | b | a | |
| c | a | d | a |
| ába | ca | ba | |

Brincando com seus filhos os Srs. pais de família ensinarão o alfabeto às crianças de 5 a 8 annos, exercitando-as no quadro acima, começando a ensinar por letra, grupo de letra, syllaba, e das paavras simples para as compostas.

O *Jornal* publicará lições que não exijam esforço mental nem produzam cansaço.

Depois de um mez fará sabbatina, distribuindo brinquedos a seus almmos que tiverem guardado a colleção do *Jornal*, limpa e sem rasgões.

Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (16 mar. 1904).

Segue a transcrição *ipsis litteris* da Figura 22, na qual observamos as orientações repassadas pela normalista Anna Facó sobre a lição.

Ensino intuitivo: o -- A B C em seis lições

A' INFANCIA POBRE

Escola do 'Jornal do Ceará'

PRIMEIRA LIÇÃO

| | | | |
|-----|-----|-----|-----|
| A a | B b | C c | D d |
| ba | ca | da | |
| á | b | a | |
| c | a | d | a |
| ába | ca | ba | |

Brincando com seus filhos os Snrs. paes de familia ensinarão o alphabeto ás creanças de 5 a 8 annos, exercitando-as no quadro acima, começando a ensinar por letra, grupo de letra, syllaba, e das palavras simples para as compostas.

O *Jornal* publicará lições que não exijam esforço mental nem produzam cansaço.

Depois de um mez fará sabbatina, distribuindo brinquedos a seus alumnos que tiverem guardado a collecção do *Jornal*, limpa e sem rasgões.

(Jornal do Ceará, 1904, p. 3).

A proposta do método intuitivo consistia, na primeira lição, em observar as quatro primeiras letras do alfabeto (maiúsculas e minúsculas), e sua composição em sílabas, repetindo-as continuamente até sua memorização, de modo a reconhecê-las nas palavras simples e, progressivamente, nas palavras compostas. Embora o processo de memorização fosse o ponto de partida para a aprendizagem, o exercício alternava a ordem das letras para evitar a decoreba. Após um mês, a educadora, agora de forma presencial, faria a correção das atividades, premiando os alunos que cumprissem os critérios propostos, os quais incluíam a conservação dos jornais utilizados como recurso pedagógico no processo de alfabetização.

Na segunda lição publicada, foram incorporadas sequencialmente as quatro letras do alfabeto seguintes à primeira lição.

Figura 23 – Recorte do *Jornal do Ceará*, segunda lição do ABC, publicada em 23 de março de 1904, p. 3

Ensino intuitivo: o--A B C em seis lições

A* INFÂNCIA POBRE

Escola do "Jornal do Ceará"

SEGUNDA LIÇÃO

| | | | |
|----|-----|----|----|
| E | F | G | H |
| ga | fa | da | ha |
| fa | da, | fa | ca |
| ça | fé | he | hi |
| fa | ca | da | |

Brincando com seus filhos os Snrs. paes de familia ensinarão o alphabeto ás creanças de 5 a 8 annos, exercitando-as no quadro acima, começando a ensinar por letra, grupo de letra, syllaba, e das palavras simples para as compostas.

O *Jornal* publicará lições que não exijam esforço mental nem produzam cansaço.

Depois de um mez fará sabbatina, distribuindo brinquedos a seus alumnos que tiverem guardado a collecção do *Jornal*, limpa e sem rasgões.

Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará*, (23 mar. 1904).

Nessa segunda lição, a inclusão das quatro letras seguintes do alfabeto, a citar: E, F, G e H, foi associada às vogais A, E, I, com o intuito de formar novos fonemas e palavras de uso comum, como: faca, fada, fé, faça, café, caça, cada, entre outras. Esse processo de alfabetização, ao propor a composição de novas palavras com todas as sílabas da lição, apoiado pela família, favorecia o engajamento familiar na aprendizagem das crianças. Podemos inferir que, ao pensar em um processo de alfabetização à distância, ou seja, com o uso do jornal impresso, Anna Facó reconhecia a importância do apoio como mecanismo capaz de favorecer a aprendizagem das crianças, ao mesmo tempo que disponibilizava lições para que outros, com acesso ao jornal, também pudessem aprender. Na sequência apresentamos a terceira lição.

Figura 24 – Recorte do *Jornal do Ceará*, terceira lição do ABC publicada em 30 de março de 1904, p. 4

Ensino intuitivo: o--A B C em seis lições

A' INFANCIA POBRE

Escola do "Jornal do Ceará"

TERCEIRA LIÇÃO

| | |
|--------|------|
| aba | |
| baba | aba |
| caba | |
| bacaba | |
| cabaça | caba |

O professor na primeira linha ensine o nome e fôrma das tres primeiras letras, na segunda exercite o alumno a ligar o nome aos caracteres, e na terceira a syllabal-os

Como faz—b mais a? —c mais a? O alumno responderá simplesmente *ba* ou *ca*. Explique-se o valor da cedilha. Desça-se por fim á leitura dos vocabulos não solettrando mas syllabando. Explique-se a composição da syllaba sempre que fôr necessario.

Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (30 mar. 1904).

Na terceira lição, Anna Facó introduziu palavras dissílabas e trissílabas com base nas letras já trabalhadas nas lições anteriores. O uso de palavras mais simples a partir das letras A, B e C reforçava a aprendizagem, seguindo uma lógica progressiva. Essa terceira lição trazia de forma mais simples a composição de palavras com vocabulário de uso cotidiano no processo de alfabetização.

De acordo com Andrade e Lobato (2014), a quarta lição foi publicada em 14 de abril de 1904. A Figura 25 não apresenta referência da sequência de lições, e não foram localizadas as edições correspondentes à quinta e à sexta, nem informações sobre uma possível suspensão das publicações.

Figura 25 – Recorte do *Jornal do Ceará*, quarta lição do ABC, publicada em 14 de abril de 1904, p. 4

Ensino Intuitivo
Método—Paulino de Brito
Escola do “Jornal do Ceará”

a b c d e f

b d a c e f d b a e e d f b d e a c a c b d e b d e f a c
d a f a d e f e b e c e a d e d e f e b c a ç i

| | |
|--------|--------|
| faca | faca |
| face | |
| café | café |
| caçada | |
| cabeça | cabeça |

O Professor proceda como na lição anterior. Faça notar ao aluno o valôr do accentto agudo sobre o e (é) comparando os dois vocabulos *face* e *café*. Insista particularmente sobre a fórma e o nome das novas tres letras. Faça lêr todas na ordem, muitas vezes.

Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (14 abr. 1904).

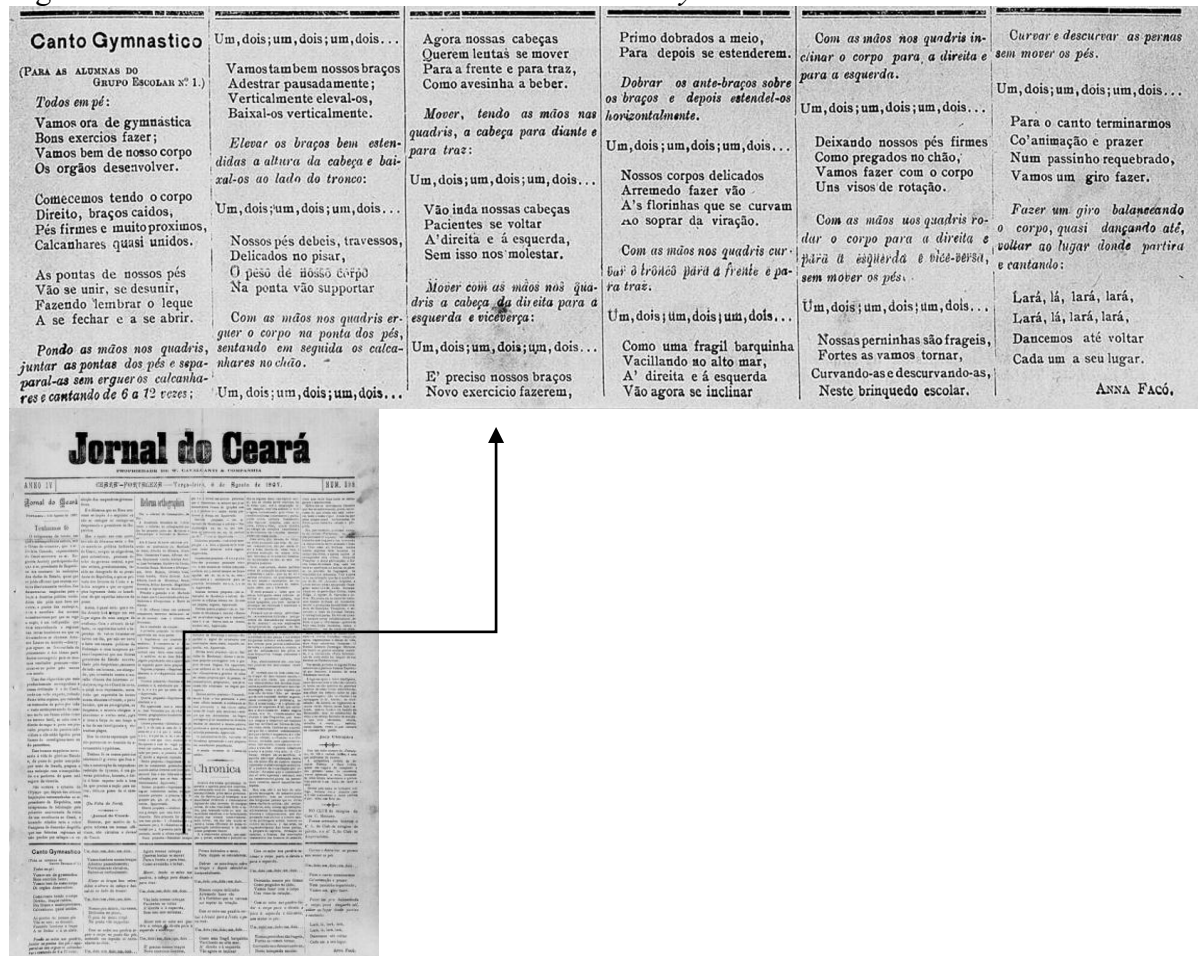
Na quarta lição, também foram introduzidas palavras dissílabas e trissílabas, agora com inclusão das letras D, E e F, continuando a sequência iniciada na terceira lição. Fica evidente o caráter inovador da proposta de Anna Facó, que demonstrava uma clara preocupação com a alfabetização das crianças mais necessitadas. Assim,

[...] pode-se destacar que o trabalho da normalista Ana Facó foi pioneiro na educação a distância no Ceará. Difícil precisar o alcance social das aulas de primeiras letras. A não localização de fontes impede avaliar a extensão daquela ação pedagógica. [...] Merece ser refletida a experiência pedagógica empreendida pela referida educadora cearense ao pretender alfabetizar crianças pobres, por meio de aulas do ABC, publicadas num jornal local, numa sociedade contraditória com marcas profundas de pouco letramento entre as camadas mais pobres (Andrade; Lobato, 2014, p. 153).

Apesar da escassez de fontes, é possível identificar em Anna Facó qualidades educativas e criativas, comprovadas em suas diversas funções: professora auxiliar, inspetora de alunas e professora de classe infantil junto à *Escola Normal*. Dedicou sua vida a entrelaçar o cenário educacional e o literário, produzindo textos voltados à pedagogia e à formação de valores morais.

Anna Facó também cultivava o gosto pela música. Em sua obra póstuma *Minha Palmatória: contos aos meus alunos*, composta por 47 contos, cantos e hinos, constam diversas composições, entre elas: “Saudação á escola”, “Hymno de saudação”, “Para começarem os trabalhos”, “Ao sair para o recreio”, “Ao deixar o recreio”, “A’ saída da escola”, concluindo com o “Canto gymnastico”. Este último foi publicado em 1907 no *Jornal do Ceará* e possivelmente utilizado nas aulas de educação física de forma lúdica. Segundo Castro (2019), por meio do canto, era possível trabalhar oralidade, conhecimentos numéricos, o corpo humano e desenvolvimento motor.

Figura 26 – Recorte do *Jornal do Ceará* do Canto Gymnastico



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (6 ago. 1907).

Segue a transcrição *ipsis litteris* de parte da Figura 26.

Canto Gymnastico
(PARA AS ALUMNAS DO GRUPO ESCOLAR N.º 1.)

Todos em pé:

Vamos ora de gymnastica
Bons exercicios fazer;
Vamos bem de nosso corpo
Os órgãos desenvolver.

Comecemos tendo o copo
Direito, braços caídos,
Pés firmes e muito próximos,
Calcanhares quasi unidos.

As pontas de nossos pés
Vão se unir, se desunir,
Fazendo lembrar o leque
A se fechar e a se abrir.

*Pondo as mãos nos quadris,
juntar as pontas dos pés
e separal-as sem erguer
os calcanhares e cantando de 6 a 12 vezes;*

Um, dois; um, dois; um, dois...

Vamos tambem nossos braços
Adestrar pausadamente;
Verticalmente eleva-os,
Baixa-os verticalmente.

[...]

Um, dois; um, dois; um, dois...

Para o canto terminarmos
Co' animação e prazer
Num passinho requebrado,
Vamos um giro fazer.

*Fazer um giro balanceando
o corpo, quasi dançando até,
voltar ao lugar donde partira
e cantando:*

Lará, lá, lará, lará,
Lará, lá, lará, lará,
Dancemos até volta
Cada um a seu lugar.

ANNA FACÓ.
(*Jornal do Ceará*, 1907, p. 1).

Além das lições e cantos, Anna Facó dedicou-se à escrita de contos publicados entre maio e julho de 1907 no *Jornal do Ceará*. Foram nove contos destinados ao público

infantil, intitulados *Minha Palmatória*, com o objetivo de incentivar a leitura e transmitir valores morais por meio das histórias.

3.4 A formação moral das crianças por Anna Facó

Remetemo-nos à educação como mediação para a formação da consciência moral, tendo como finalidade o agir ético em prol do bem comum, partindo da premissa kantiana de que: “Uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo” (Kant, 2002, p. 23). Nessa perspectiva, a educação se apresenta como um instrumento de transformação, cuja função é promover não apenas aprendizagens, mas também construir reflexões e ações voltadas ao viver comum na sociedade, considerando a ética como a reflexão sobre a conduta humana⁴, que implica escolhas na forma como o ser humano se relaciona e se constrói como ser social. Para Kant (2002, p. 22), a educação deve sempre ter como fim um estado cada vez mais aperfeiçoado, “[...] um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a idéia de humanidade e da sua inteira destinação”. Por isso, é essencial ensinar as crianças de tal forma “[...] que aprendam a pensar” (Kant, 2002, p. 27).

Anna Facó (1938a) defendia que a formação moral da criança deve começar no berço, com a participação conjunta da família e da escola.

A maldade em uma criança é como o veneno em uma flor: inspira compaixão. A criança só tem do bem e do mal rudimentos quasi indefinidos; não os distingue, pratica-os segundo suas embryonarias inclinações. Si não começa logo no berço a ser bem dirigida, fará tudo que lhe aprouver, tão alheia ao mal como ao bem (*sic*) (Facó, 1938a, p. 71).

A construção dos valores morais deve ser resultado desse pensar reflexivo e da vivência, a fim de fazer sempre o bem, elevando desse modo o sujeito pessoal e social e contribuindo para melhorar com isso sua vida, mas também a vida do outro. Do mesmo modo, tais valores são construídos na relação do indivíduo com a sociedade. A escola, portanto, é um espaço privilegiado na construção do viver comum.

Rousseau (1995) e Kant (2002) destacam a necessidade de educar a criança desde o nascimento, afirmando que tudo o que não temos quando nascemos e de que necessitamos

⁴ Falando da *ética* como sendo a reflexão do agir *moral*, Lopes e Silva Filho comentam sobre a intrínseca relação que existe entre esses dois termos: ética e moral. “Destaca-se aí a relação dialética entre ética e a moral, uma vez que há uma influência recíproca entre ambas: o homem age mediante uma reflexão da sua ação, no sentido de fazer bem, e exerce uma reflexão dos seus resultados no sentido de superar as dificuldades e bloqueios e se elevar genérica e humanamente. Tudo isso em prol de um viver comum. Portanto, é necessário agir moralmente correto de tal forma que nem sacrifique o indivíduo em prol do social, nem o eleve (o indivíduo singular) em detrimento do coletivo” (Lopes; Silva Filho, 2018, p. 17-18).

para nossa vida adulta nos é dado pela educação. Nessa esteira da formação humana, a educação ultrapassa os muros da escola e do seio familiar, estendendo-se à sociedade, não obstante a escola tenha grande peso no desenvolvimento humano, na aquisição de competências e na formação de valores morais.

Rousseau (1995) critica o projeto educativo limitado pela educação tradicional, imposta por uma cultura impositiva, tecnicista e racionalizada. Essas condutas são adotadas para persuadir os estudantes quanto ao dever e à obediência cega, valendo-se, em muitas situações, da força e das ameaças e, em outros momentos, da bajulação e das promessas; estas últimas podem, em certa medida, ser ainda mais prejudiciais para a formação de uma consciência moral e do agir ético das crianças.

Assim, conforme preceitua Rousseau (1995, p. 76), “[...] atraídos pelo interesse ou constrangidos pela força, eles fingem estar convencidos pela razão. Vêem muito bem que a obediência lhes é vantajosa e a rebeldia nociva, logo que percebeis uma ou outra”. Nesse aspecto, Kant (2002, p. 25) complementa que “Na educação, o homem deve, portanto: 1. Ser *disciplinado*”. Ou seja, deve ser afastado qualquer ato que “[...] prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo, como na sociedade”.

A disciplina contribui para a aquisição do esclarecimento do indivíduo, pois sua renúncia “[...] significa ferir e calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade” (Kant, 1985, p. 110), direitos esses que devem ter como premissa a ética e a justiça. Segundo Rousseau (1995, p. 333), “[...] a primeira recompensa da justiça é sentir que a praticamos”.

Nesse caminho da formação da consciência moral em prol do bem da humanidade, podemos educar também pelo exemplo, pela prática da justiça, como diz Rousseau, e pelo pensar, com esclarecimento, como aponta Kant. Considerando que a formação moral pode ser promovida pelo exemplo, destacamos a atuação da educadora e escritora Anna Facó na educação moral com criatividade e sensibilidade, no início do século XX.

Anna Facó, como professora e escritora, contribuiu com a formação de crianças para além da sala de aula, rompendo as barreiras da época ao proporcionar aos seus alunos um novo modo de educar para a formação da consciência moral. Realizou seu competente e dedicado trabalho pedagógico e, sentindo a necessidade de ampliar a formação das crianças, utilizou seus dons literários, publicando nove contos, dentre outros escritos, para trabalhar valores morais, a convivência e o agir ético.

Tanto seus textos como suas ações evidenciam uma educação para a vida, pois trouxeram contribuições para a formação ética de crianças. Os nove contos publicados no

Jornal do Ceará tinham como objetivo substituir a palmatória (instrumento de castigo escolar da época) pelo pensar e pelo esclarecimento. Ao ensinar as crianças, Anna Facó aprimorou suas habilidades de educadora e, dotada de plausível talento literário, publicou contos dedicados às crianças, sob o título de *Minha palmatória*. O objetivo era incentivar a leitura e trabalhar valores morais por meio das narrativas.

O uso de palmatória estava presente na cultura escolar, oscilando entre períodos de menor e maior rigor. A Lei nº 1.381, de 23 de dezembro de 1870, segundo Vieira (2002, p. 117):

[...] sancionada pelo presidente Joaquim da Cunha Freire, volta a cobrar maior rigor, restabelecendo ‘o castigo de bolos até doze, e o dobro nas reincidências, dados com força proporcional à idade do menino’. Como se vê, o pêndulo entre castigos e prêmios como estratégia disciplinar do espírito humano mantém-se em movimento oscilante no período.

Com sua ação, Anna Facó propôs a substituição do castigo físico pelo ato de pensar, proporcionando uma formação moral que indicava, por meio das narrativas, condutas adequadas e valores morais para o agir ético.

Segundo Andrade (2018), Anna Facó utilizou os contos para trabalhar os princípios morais das crianças e a sua aplicação na prática. Em uma análise dos nove contos, o autor afirma que os textos seguem uma linguagem simples e curta, mas, ao mesmo tempo, delicada; “[...] usando poucas palavras e linhas, a mestra de ensino conseguiu tratar de muitos assuntos polêmicos, inerentes à vida moderna em evidência, adequando a discussão e a recomendação ética ao universo cognitivo da faixa etária infantil” (Andrade, 2018, p. 26).

Anna Facó (1938a) afirmava que seus contos foram dedicados às crianças e não foram inventados ao acaso, mas escritos a partir de uma necessidade real, com base nos fatos e no momento oportuno em que era preciso abordar a problemática fortalecendo os valores morais das crianças.

Em consulta à hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual, no setor de microfilmagem do *Jornal do Ceará*, localizamos nove contos dedicados aos seus alunos publicados entre 3 de maio e 5 de julho de 1907, em sua maioria na primeira página do jornal. Destacamos a publicação do primeiro conto dedicado às crianças, optando por apresentar o texto completo em imagem ampliada, de forma a proporcionar ao leitor uma experiência de imersão no tempo e permitir a observar, além do sentido dos textos, o cuidado com a escrita e a riqueza de detalhes essenciais ao ensino infantil.

O primeiro conto foi publicado em uma sexta-feira, dia 3 de maio de 1907. O dia escolhido favorecia que, no final de semana, com a família reunida, as crianças pudessem se

dedicar à leitura no ambiente familiar. O conto, intitulado “Julinha”, aborda uma experiência vivida em sala de aula, na qual Anna Facó narra a primeira impressão dos alunos. Na Figura 27, apresentaremos a imagem da primeira página do periódico.

Figura 27 – Recorte do *Jornal do Ceará* com destaque para o conto intitulado “Julinha” dedicado aos alunos de Anna Facó

Jornal do Ceará
PROPRIEDADE DE W. CAVALCANTI & COMPANHIA
ANNO IV | Ceará-Portales — Sexta-feira, 3 de Maio de 1907. | NUM. 522

PARA AS CRIANÇAS MINHA PALMATORIA
Conto aos meus alumnos

JULINHA
I

Eram dez horas da manhã. Bello dia de inverno: sol nublado e não chovia. Na escola de... grande movimento. Era dia de abertura das aulas. A professora acabava de entrar no salão escolar, onde um mundozinho que lhe era quasi todo desconhecido, a esperava. Alguns pais achavam-se tambem alli. Ella cumprimentou a todos e percorreu com a vista o delicado e interessante grupo que lhe ia ser confiado. Eram quatro ou cinco desenas de creanças de cinco a nove annos de idade, no geral vigorosas e decentemente vestidas.

Umas se mostravam sorridentes, outras carrancudas e tres ou quatro chorosas. Attra-

hiu-lhe logo a atenção uma risonha pequerrucha de cinco annos, a qual lembrava mimoso botão de rosa.

A professora achegou-se della, beijou-a e perguntou-lhe: — Vem tambem para a escola? — Venho—respondeu sorrindo a pequena. — Como se chama você? — Julinha. — De quem é filha? — Do papai. — Quem é elle? — O papai.

A professora riu-se, beijou-a de novo e disse consigo: — Esta vem, por em quanto, habitar-se á vida escolar e nada mais.

Mero engano; oito dias depois ja patenteava Julinha que havia de ser uma alumna de mão cãeia.

Como enganam as apparencias!

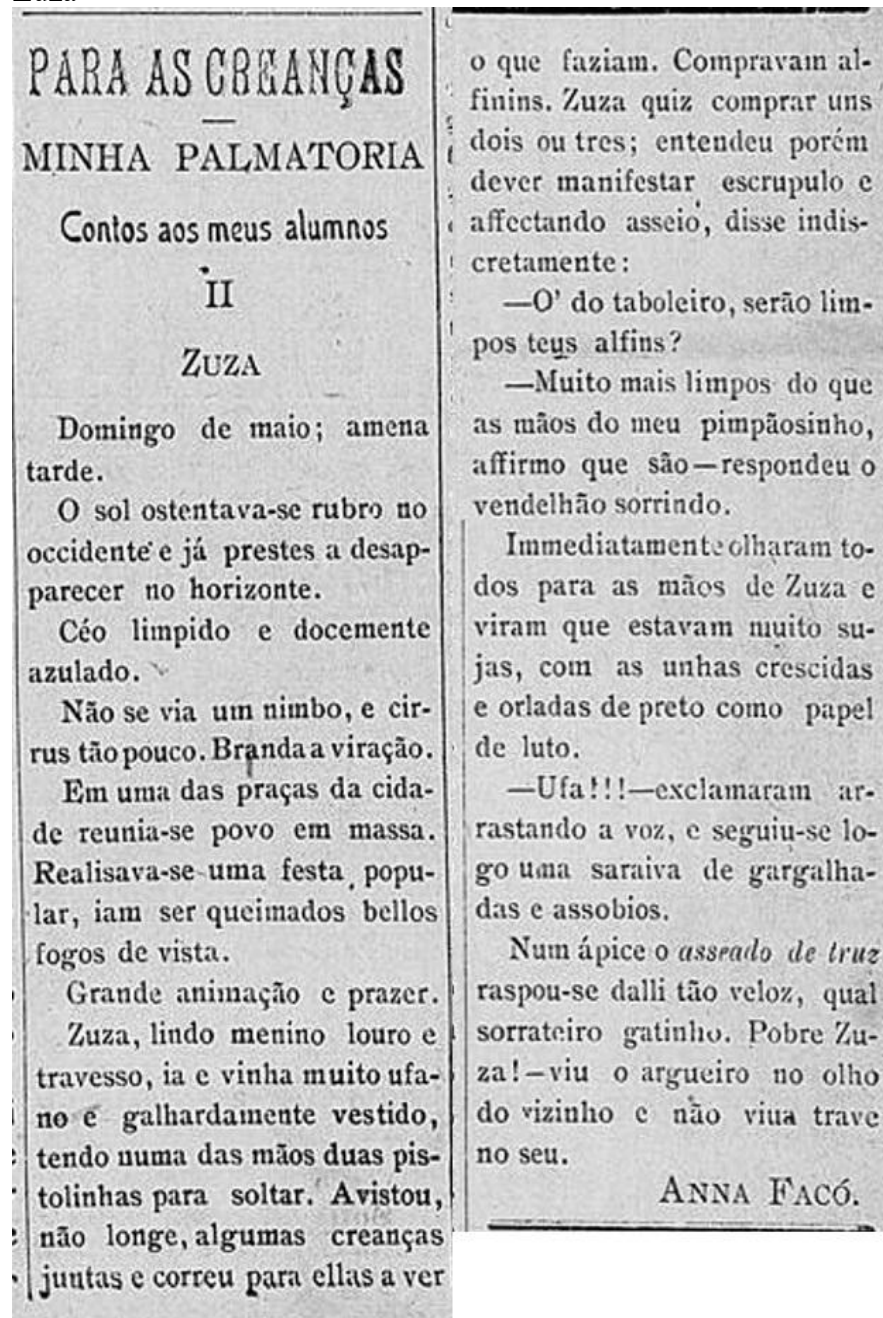
ANNA FACÓ.

Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (3 mai. 1907).

O enredo trata do julgamento e traz a reflexão de que não devemos julgar ninguém pela aparência ou pela primeira impressão. A conclusão do conto contém uma frase de impacto, evidenciando a mensagem central da narrativa: os valores que as crianças precisam observar e que condutas precisam seguir. Anna Facó concluiu o primeiro conto com a frase: “*como enganam as aparências*”. Dessa forma, observamos a postura ética de Anna Facó e, de modo singular e autorreflexivo, seu compromisso com o espaço escolar permeado por relações éticas e de justiça. Podemos ainda inferir o cuidado da educadora com seus alunos em todos os aspectos, destacando-se, nesse conto, a relação socioemocional no cotidiano da sala de aula, fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

O segundo conto, denominado “Zuza”, também reflete sobre as condutas sociais e o julgamento do outro. A seguir apresentamos a Figura 28 com a imagem do segundo conto, publicado no *Jornal do Ceará* no dia 10 de maio de 1907.

Figura 28 – Recorte do *Jornal do Ceará* do segundo conto, intitulado “Zuza”



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (10 mai. 1907).

Segue a transcrição *ipsis litteris* da imagem do segundo conto.

PARA AS CRIANÇAS

—

MINHA PALMATORIA

Contos aos meus alumnos

II

ZUZA

Domingo de maio; amena tarde.
 O Sol ostentava-se rubro no occidente e já prestes a desaparecer no horizonte.
 Céu límpido e docemente azulado.
 Não se via um nimbo, e cirrus tão pouco. Branda a viração.
 Em uma das praças da cidade reunia-se povo em massa. Realizava-se uma festa, popular, iam ser queimados bellos fogos de vista.
 Grande animação e prazer.
 Zuza, lindo menino louro e travesso, ia e vinha muito ufano e galhardamente vestido, tendo numa das mãos duas pistolinhas para soltar. Avistou, não longe, algumas creanças juntas e correu para ellas a ver o que faziam. Compravam alfinis. Zuza quis comprar uns dois ou tres; entendeu porém dever manifestar escrupulo e affectando asseio, disse indiscretamente:
 – O’ do taboleiro, serão limpos teus alfinis?
 – Muito mais limpos do que as mãos do meu pimpãozinho, affirmo que são – respondeu o vendelhão sorrindo.
 Immediatamente olharam todos para as mãos de Zuza e viram que estavam muito sujas, com as unhas crescidas e orladas de preto como papel de luto.
 – Ufa!!! – exclamaram arrastando a voz, e seguiu-se logo uma saraiva de gargalhadas e assobios.
 Num ápice o *asseado de truz* raspou-se dalli tão veloz, qual sorrateiro gatinho. Pobre Zuza! – viu o argueiro no olho do vizinho e não viu a trave no seu.

ANNA FACÓ.

(Jornal do Ceará, 1890, p. 1)⁵.

O cenário, dessa vez, é a praça da cidade. Na narrativa, Anna Facó descreve um dia festivo, com céu límpido e crianças reunidas na fila de uma banca de vendas. O pequeno Zuza, ao se aproximar da banca de alfenins, questiona o vendedor sobre a higiene de suas mãos. O vendedor retruca, afirmando que suas mãos certamente estariam mais limpas que as do próprio Zuza. Ao constatar que suas mãos estavam, de fato, sujas, Zuza saiu correndo. Anna Facó conclui a narrativa com a frase: “*viu o argueiro no olho do vizinho e não viu a trave no seu*”.

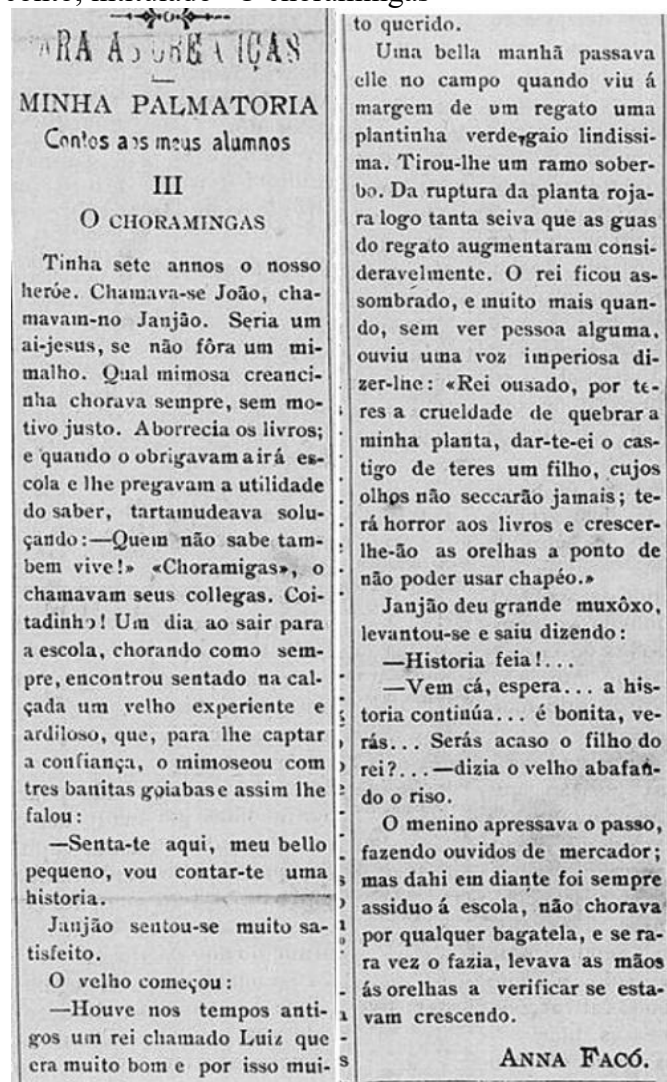
Parte interessante a citar do segundo conto, “Zuza”, é o fato de Anna Facó trazer à tona o processo de “julgamento do outro”, muitas vezes associado a classe social. Ou seja, para o processo de esclarecimento, é necessário que cada um, na convivência social, busque boas relações e, de modo particular, um olhar reflexivo para si e para suas próprias ações, em busca do bem comum.

O terceiro conto, intitulado “O choramingas”, trata do estado emocional das pessoas, tema ainda tão atual e objeto de estudo nas escolas por meio do desenvolvimento das competências socioemocionais. Nesse conto, há a narrativa de um aluno chamado João, também conhecido por Janjão, que chorava por tudo e não gostava de estudar. O texto apresenta uma frase de João: “*quem não sabe também vive!*”. No caminho da escola, ele encontra um velho experiente que lhe conta uma parábola. O enredo da parábola aborda o

⁵ *Jornal do Ceará*, Fortaleza, sexta-feira, 10 de maio de 1907. Ano 4, ed. 537, p. 1.

castigo atribuído ao filho de um rei, cuja má conduta, o desinteresse pelos estudos, fazia crescer as orelhas. A partir da reflexão sobre a história, João muda seu comportamento, passa a frequentar a escola e deixa de chorar por qualquer motivo.

Figura 29 – Recorte do *Jornal do Ceará* do terceiro conto, intitulado “O choramingas”



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (17 mai. 1907).

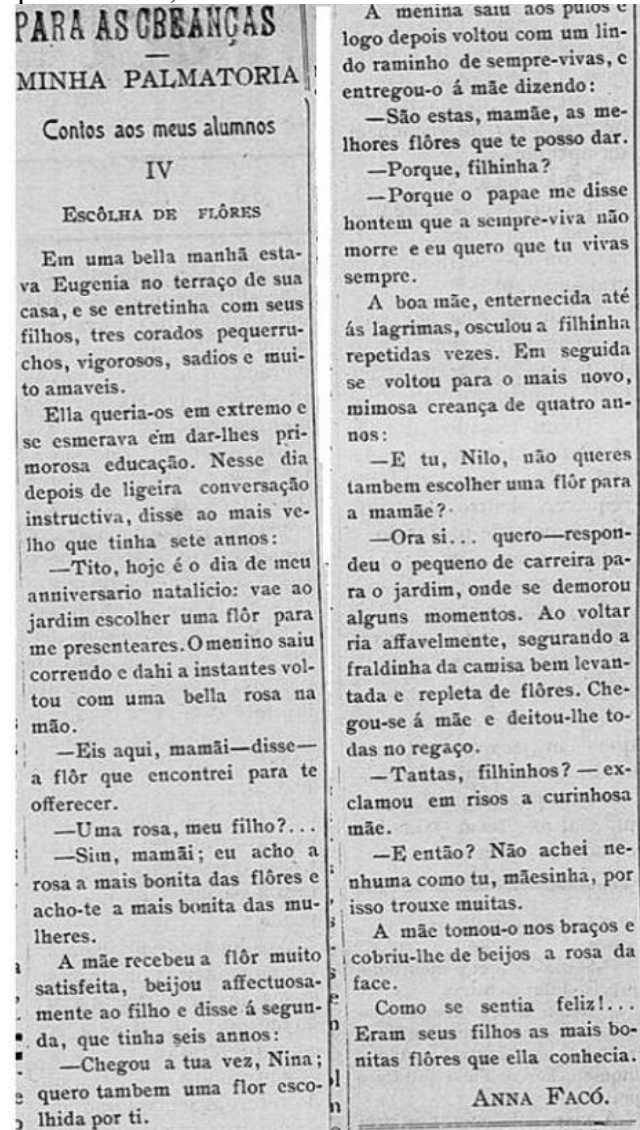
É perceptível, no trabalho de Anna Facó, o cuidado com as emoções. Embora a parábola do rei não aborde diretamente a causa do comportamento do aluno, ela estabelece um paralelo entre o choro por qualquer motivo e o gosto pelos estudos.

O quarto conto, “Escolha de flores”, narra o amor de uma mãe pelos filhos. Trata-se de um relato familiar ocorrido na casa de Eugênia, mãe de três filhos: Tito, Nina e Nilo. Ela pede aos filhos que a presenteiem, por ocasião do seu aniversário, com flores colhidas no jardim. A mãe se enche de orgulho e alegria a cada demonstração de carinho ao receber as

flores e suas dedicatórias. O conto termina com a máxima: “*eram seus filhos as mais bonitas flores que ela conhecia*”. Com esse conto, Anna Facó evidencia a importância do amor e de uma vida familiar alicerçada no bem mais precioso, que são as pessoas.

A seguir, a Figura 30 traz o quarto conto, “Escolha de flores”.

Figura 30 – Recorte do *Jornal do Ceará* do quarto conto, intitulado “Escolha de flores”



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (24 mai. 1907).

No quarto conto, Anna Facó evidencia o cuidado com a família, a vivência do amor, da unidade e da paz, que, por consequência, refletem-se no comportamento das crianças na escola e na sociedade.

O quinto conto, “Dedicação fraterna”, traz a mensagem do respeito e do cuidado entre duas irmãs, Déa e Cloressir. O conto narra um passeio matinal das duas. Ao perceber o

tempo fechado com a iminência de chuva, Cloressir, irmã mais velha, ficou preocupada com a saúde frágil de Déa. Procurou abrigo para protegê-la da chuva, mas não encontrou. Nesse momento, improvisou uma proteção para a irmã com uma saia que usava por baixo do vestido e, de forma apressada, as duas chegaram em casa antes de a chuva começar. Apresentamos na Figura 31 o quinto conto, “Dedicação fraterna”.

Figura 31 – Recorte do *Jornal do Ceará* do quinto conto, intitulado “Dedicação fraterna”



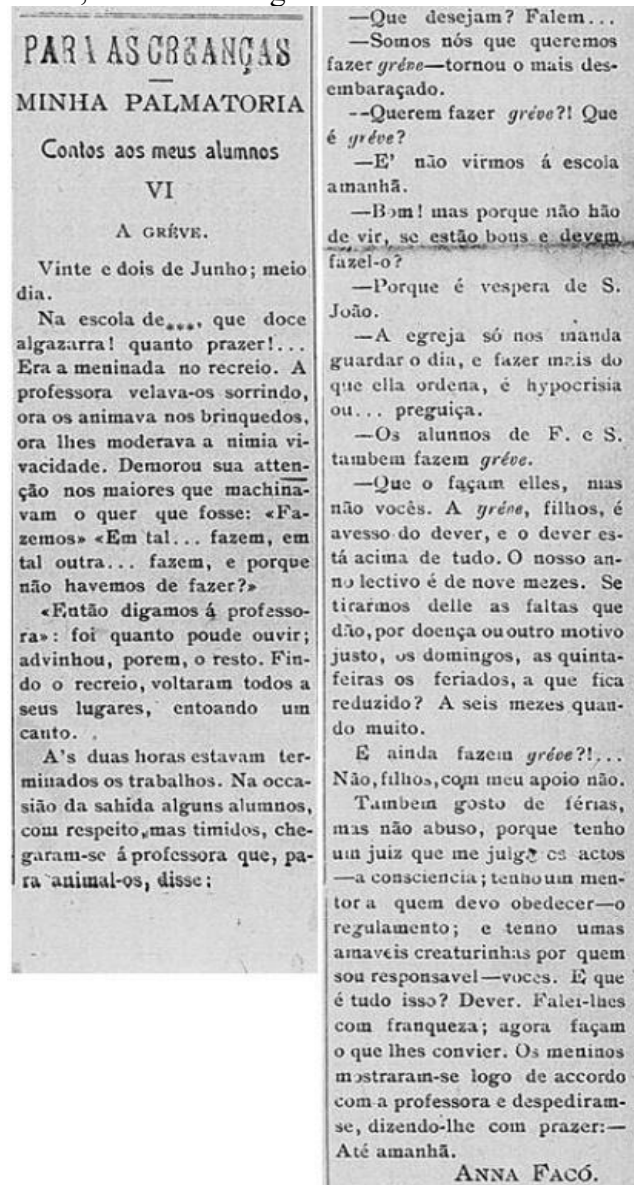
Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (31 mai. 1907).

Ainda no quinto conto, Anna Facó enfatiza a necessidade de cuidado e proteção dos mais velhos pelos mais novos. A mãe, ao ver o gesto, diz à pequena Cloressir: “*tens um anjo bom a te guiar os passos*”. Cloressir responde que o anjo bom era a própria mãe. O conto reforça a importância da harmonia familiar, do papel dos pais e dos mais velhos no cuidado e

proteção dos mais novos. Com isso, Anna Facó mais uma vez expande seu olhar para além dos muros da escola, trabalhando as competências socioemocionais, que reverberam positivamente no comportamento das crianças em casa, na escola e na sociedade.

O sexto conto publicado, intitulado “A greve”, tem como cenário a escola. A professora observa os alunos durante o recreio.

Figura 32 – Recorte do *Jornal do Ceará* do sexto conto, intitulado “A greve”



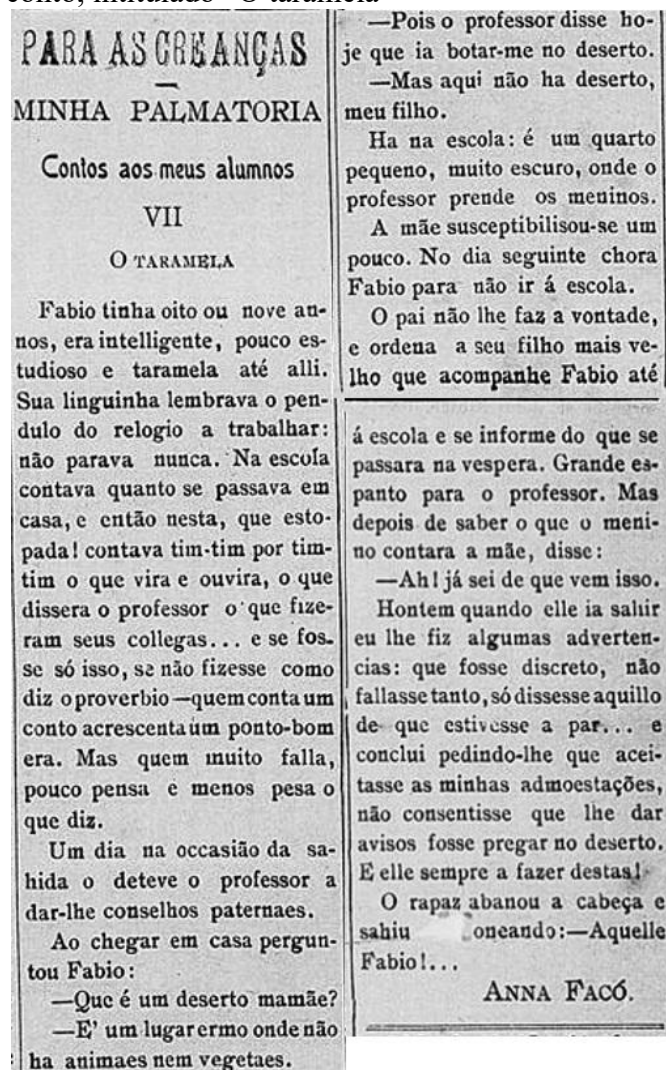
Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (7 jun. 1907).

Conforme narrativa do sexto conto, ao final das atividades, já na saída, alguns alunos questionam a professora sobre a possibilidade de não irem à escola no dia seguinte, alegando que outras escolas estariam “de greve” por conta do feriado junino. De forma

categórica, a professora questiona a motivação dessa decisão, discutindo sobre a legalidade do feriado, a orientação religiosa e a importância dos estudos. Anna Facó encerra com a máxima: *“tenho um juiz que me julga os atos – a consciência; tenho um mentor a quem devo obedecer – o regulamento; e tenho umas amáveis criaturinhas a quem sou responsável – vocês. E o que é tudo isso? Dever”*.

O sétimo conto, “O taramela”, traz uma reflexão sobre a conduta de um aluno chamado Fábio, que era muito falante (tagarela).

Figura 33 – Recorte do *Jornal do Ceará* do sétimo conto, intitulado “O taramela”



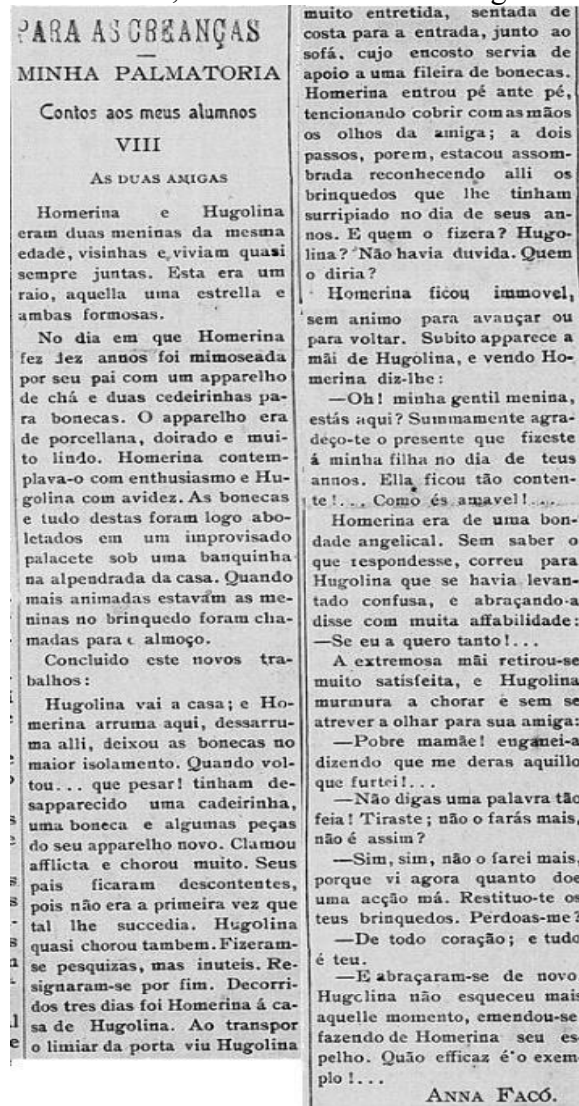
Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (14 jun. 1907).

O sétimo conto aborda o provérbio: *“quem conta um conto, acrescenta um ponto. Mas quem muito fala, pouco pensa e menos pesa o que diz”*. O comportamento de Fábio, que falava muito sobre tudo o que ocorre ao seu redor sem cuidado e sem clareza, gerava falhas na

comunicação, mesmo com as advertências do professor. Anna Facó faz uma crítica ao excesso de palavras e à falta de reflexão.

A seguir, na Figura 34, o oitavo conto publicado, intitulado “As duas amigas”.

Figura 34 – Recorte do *Jornal do Ceará* do oitavo conto, intitulado “As duas amigas”



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (28-29 jun. 1907).

O oitavo conto relata a história de duas crianças de 10 anos de idade, Homerina e Hugolina, cujos nomes remetem ao poema épico do poeta grego Homero e ao universo épico de *Ilíada*. Em um contexto familiar, Homerina ganha de presente de aniversário um aparelho de chá. As duas brincavam juntas, mas, de forma súbita, desaparecem uma boneca, uma cadeirinha e algumas peças do aparelho novo, deixando Homerina triste. Dias depois, ao visitar a casa de Hugolina, Homerina reconhece seus brinquedos. Hugolina havia dito à mãe que a amiga lhe dera os brinquedos. Homerina, para evitar constrangimento, confirma a

história. Tocada pela atitude da amiga, Hugolina pede desculpas e devolve os brinquedos. A mensagem final que Anna Facó traz, para além do perdão, é a máxima: “*quão eficaz é o exemplo!*”, ressaltando que atitudes nobres e exemplos moldam o ser humano e promovem ética e valores.

Na sequência o nono conto, intitulado “A desobediente”.

Figura 35 – Recorte do *Jornal do Ceará* nono conto, intitulado “A desobediente”



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (5 jul. 1907).

Observamos que o nono conto foi grafado na imagem como oitavo (VIII), porém usamos a data de publicação para distinguir os dois contos.

O nono conto inicia com a descrição poética de um belo dia. Uma mãe passeava com os três filhos em um caminho estreito. Ao se aproximarem de um poço, as crianças

pedem para ir contemplá-lo, mas a mãe nega. A criança menor, chamada Anália, desobedeceu e, já no poço, distraída pela beleza da nascente, caiu na água, ainda que rasa. Anália ficou toda molhada, recebendo de pronto a correção da mãe, que disse: *“é justo que sofras assim, o castigo da tua desobediência”*. Já em casa, ao saber do ocorrido, o pai reforça a lição: *“recebas sempre tão prontamente a recompensa ou castigo das tuas boas ou más ações”*. O conto mostra que atos geram consequências, e o agir humano deve ser guiado pela reflexão ética e pelo impacto das decisões em sua vida própria e alheia.

Uma característica peculiar de Anna Facó, extremamente relevante para o fazer pedagógico, é sua habilidade de observação, trazendo conceitos para além do seu tempo, com o olhar pedagógico voltado à prática do magistério e à formação dos valores morais. Ela desenvolve reflexões a partir das ações das crianças nas narrativas, promovendo o bem para si e para os outros, a autocrítica e a reflexão acerca dos resultados dessas ações, que são consequências geradas pelas condutas, reafirmando o propósito maior de esclarecimento do sujeito em prol do bem comum.

Desse modo, Anna Facó, com sua habilidade de escrita, substituía a palmatória física pela “palmatória literária”, ou seja, pelo pensar e pelo esclarecimento que, pelo exemplo, demonstrava ações éticas. Seus contos fortalecem a educação e a formação dos valores morais das crianças.

No dizer de Paulo Freire (2021), somente por meio de uma relação dialógica permanente é possível desenvolver uma prática de pedagogia humanizadora. “Não está no mero ato de ‘depositar’ a crença de liberdade nos oprimidos, pensando conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles” (Freire, 2021, p. 74). O caminho para a liderança revolucionária, aqui nos referindo à docência, é estabelecer essa relação dialógica, ao invés de se sobrepor aos oprimidos. O educador, nesse contexto, pode, por meio da reflexão e da ação, transformar a dependência, fruto da situação concreta de dominação, em independência, que é resultante de um processo de conscientização do ser humano.

Por meio dessa prática pedagógica reflexiva e do diálogo permanente, podemos caracterizar como ato revolucionário, que serve de modelo e exemplo para seus alunos. Os contos de Anna Facó apresentam um verdadeiro ensaio sobre a importância da educação voltada para o agir ético, apontando caminhos para um futuro melhor em sociedade.

Reafirmamos que tudo isso passa, sobretudo, pela educação, no desenvolvimento mais amplo dos alunos, com a formação dos valores morais e dos princípios éticos. Tais ensinamentos devem começar na infância, período em que as crianças constroem sua

identidade. Nessa fase, as experiências e os exemplos dos adultos moldam sua personalidade, seus princípios e suas ações em relação a si mesmas e ao mundo.

3.5 Os romances de Anna Facó, publicados sob o pseudônimo Nitio-abá: “o legado de ninguém”

Além de sua contribuição como educadora, Anna Facó foi poetisa, comediógrafa, romancista, desenhista e, sobretudo, uma mulher que superou barreiras, deixando um legado para além do seu tempo. Segundo Castro (2019), Anna Facó teve uma participação ativa no cenário literário e pedagógico em Fortaleza, no Ceará. Com a criação da *Escola Normal*, em 1884, esse espaço formou as primeiras mulheres de Letras do Ceará, assim relacionadas: Emília Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez e Anna Facó (Silva, 2003).

De acordo com Carvalho (2025), as obras literárias são produtos de uma época, cultura e sociedade. Assim, a literatura, caracterizada como produto cultural e social, entrelaça individualidade e coletividade, funcionando como forma de preservação da memória.

As linguagens, como a oralidade, a escrita, as artes, são formas de materialização da memória, de registro, elas possibilitam sua comunicação, transmissão e perpetuação no tempo e espaço. Desse modo, podemos entender a literatura como uma das possibilidades para a preservação da memória (Carvalho, 2025, p. 2).

A literatura, como mecanismo de registro e comunicação, em que as narrativas são permeadas de subjetividades, pode ser entendida como um meio de preservação da memória. Por sua vez, a escrita é um dos instrumentos de registrar e transmitir essa memória no tempo e no espaço, possibilitando o diálogo entre passado, presente e futuro.

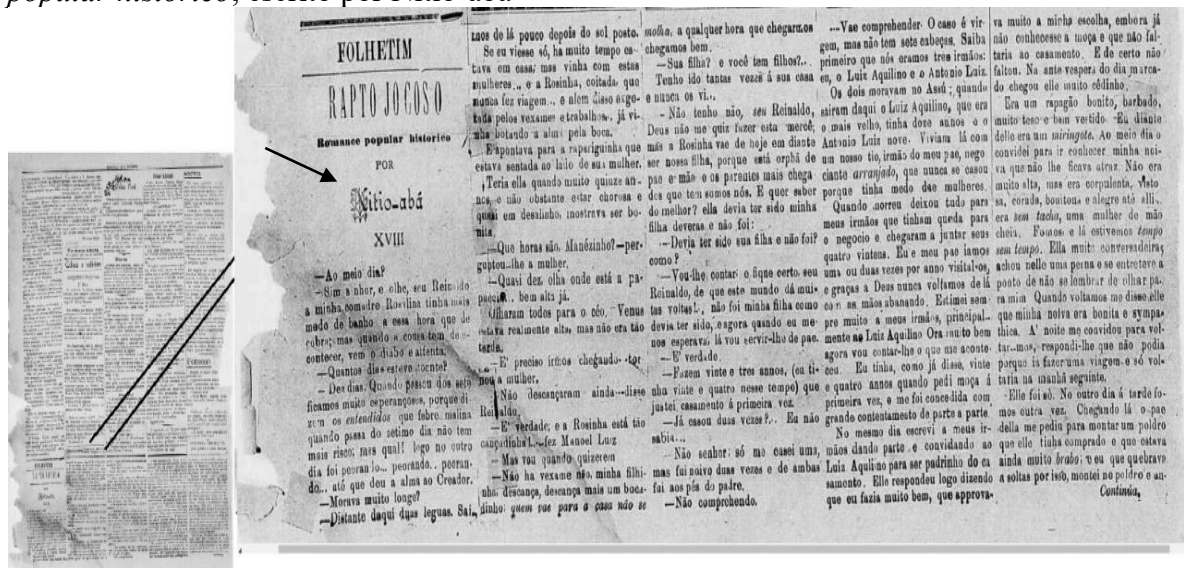
Anna Facó compreendia o poder da escrita. Sob o pseudônimo Nitio-abá, publicou romances em folhetins do *Jornal do Ceará*, no ano de 1907. Girão e Sousa (1987, p. 97) destacam que Anna Facó havia se consagrado como professora e foi nomeada diretora do *Primeiro Grupo Escolar* de Fortaleza. “Dotada de forte inclinação para as coisas literárias, resolve, sob o pseudônimo de Nitio-Abá, publicar um romance a quem deu o título de **Rapto Jocosos**”. É nesse cenário que Anna Facó inicia a publicação de seus romances, utilizando o pseudônimo para assinar as suas obras.

Silva (2003) afirma que o pseudônimo **Nitio-abá**, para Anna Facó, significava “**ninguém**”. Essa escolha de Anna Facó pode estar relacionada aos preconceitos existentes à época em relação à escrita de obras por mulheres. Na obra *Vocabulário Tupi-Guarani*, de Bueno (1987), **Nitio-abá** significa “**ninguém**”, sendo composta pela união da palavra “*Nitio*”,

que significa “não”, com a palavra “*Abá*”, que significa: “homem”, “índio” e “pessoa”. Carvalho (1987) acrescenta que “*Abá*” também significa “povo”. Desse modo, **Nitio-abá** pode ser interpretado como: “não homem”, “não índio”, “não pessoa” e “ninguém”. Acreditamos que o pseudônimo de Anna Facó tinha como objetivo a valorização da obra, independentemente do gênero do autor, em uma sociedade na qual as obras masculinas eram mais reconhecidas.

Abaixo, apresentamos a Figura 36 com o recorte do *Jornal do Ceará* com destaque para a publicação do romance *Rapto Jocosos*, escrito por Nitio-abá (Anna Facó), em formato de folhetim. A obra revela aspectos da vida do sertanejo, sua espontaneidade e paixão.

Figura 36 – Recorte do *Jornal do Ceará* com destaque para *Rapto Jocosos*: romance popular histórico, escrito por Nitio-abá



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (11 jan. 1907)⁶.

Anna Facó inicia sua narrativa descrevendo a vida simples do sertanejo:

Nas ribeiras do Piranjy via-se, em 1874, um casebre de palha que attrahia agradavelmente a atenção de quem quer que por ahi passasse. Estava situado em bella planicie e dentro da area de um triangulo formado por três grandes arvores: um juazeiro á direita, um umarizeiro á esquerda e uma frondosa oiticica que sombreava quasi todo o terreiro contermino á cozinha. Seu proprietario chamava-se Joaquim da Matta. Naquelle tempo teria quando muito cincoenta annos, e era sadio, robusto e afeito aos trabalhos do sertão (*sic*) (Facó, 1937c, p. 3).

⁶ *Jornal do Ceará*: Politico, Commercial e Noticioso. Ceará. 1897 – Ano III, Ed. n° 486. p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=231894&pasta=ano%20190&pesq=nitio%20ab%C3%A1&pagfis=1226>. Acesso em: 19 nov. 2025.

Segundo Montenegro (1953, p. 96), Anna Facó tinha uma forte atração pela escrita de romances: “Espírito curioso, desembarcando em vários continentes do conhecimento, sente Ana Facó uma atração irresistível pelo romance, que lhe oferece oportunidade de surgir com outro semblante e realizar os seus desejos secretos por meio das personagens”. O romance de Nitio-abá trata de uma história de amor entre Dunamira e Reinaldo. Segundo Silva (2003, p. 49):

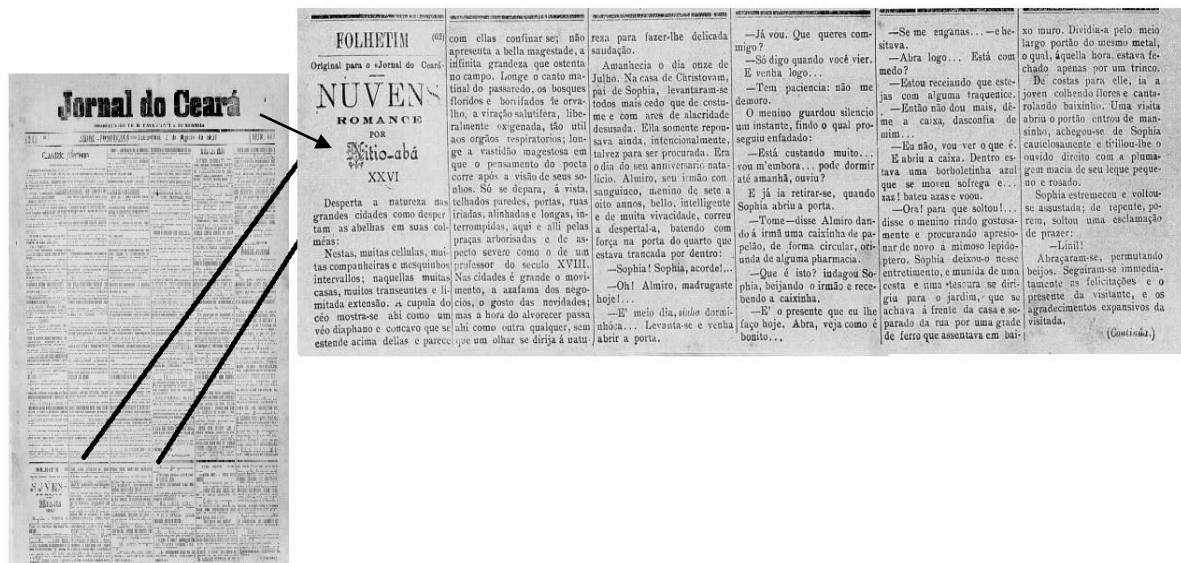
O romance trata de uma história de amor entre Dunamira, moça sertaneja de uma família pobre e Reinaldo, também proveniente de uma família humilde. No desenvolvimento da narrativa surge outro pretendente a mão de Dunamira, Antônio, bem mais velho do que ela mas com maiores recursos financeiros do que Reinaldo. No entanto, Dunamira prefere a juventude e o amor de Reinaldo, desprezando Antônio. Inconformado, acaba raptando-a com o consentimento dos pais de Dunamira, que viam nesse casamento muitas vantagens financeiras para a família inteira. No final, Dunamira conforma-se e se casa, afirmando que está feliz no casamento. Reinaldo, por sua vez, casa-se com outra moça.

Silva (2003, p. 50) comenta que, na trama do romance, Anna Facó “[...] deixa explícito seu olhar progressista e civilizatório a cerca da sociedade. Dentro da lógica da necessidade do trabalho, a autora defende a idéia da atuação das mulheres fora do lar como uma maneira de adquirirem certa independência”. Esse reconhecimento da necessidade de independência financeira da mulher justifica-se pelo fato de muitos casamentos, na época, serem arranjados pela família, que também se beneficiavam dessas uniões. Sobretudo nos casos em que os noivos possuíam melhores condições financeiras, tais interesses sobrepujam-se aos sentimentos do casal.

Montenegro (1953, p. 99), observa que, no “[...] romance rural – rapto jocoso – há uma identificação perfeita da romancista com o folclore da roça, com a sua paremiologia e com os seus costumes”. No mesmo ano, Anna Facó publica o romance *Nuvens*, em folhetim no *Jornal do Ceará*, agora no cenário urbano, contando uma história de amor ambientado na Fortaleza da primeira década do século XX.

Para Montenegro (1953), o romance de costumes, *Nuvens*, é um romance urbano baseado em um fato verídico ocorrido em Fortaleza. Apresenta uma narrativa que aborda um desencontro amoroso entre Ednir e Odar. Segundo Cunha (2008), a trama do romance entre dois primos, ambientada na cidade de Fortaleza, é bastante simples e narra da história de amor entre Ednir e Odar.

Figura 37 – Recorte do *Jornal do Ceará* com destaque para o romance *Nuvens*, escrito por Nítio-abá



Fonte: Edição própria, adaptada do *Jornal do Ceará* (2 ago. 1907)⁷.

Anna Facó inicia sua narrativa do romance *Nuvens*, que trata da história de amor entre Ednir e Odar, com a seguinte descrição:

Eram cinco horas da tarde de 24 de Junho de um anno não bissexto, o que era de bom augurio. O céu via-se desnuado e lindamente azul. A luz solar, como véo diaphano, envolvia a quanto a ella se expunha, transmittindo-lhe um calorzinho acariciador que a viração tornava quasi imperceptível. Do centro da Fortaleza para um dos seus mais bellos arrabaldes seguiam a passos lentos dois jovens entretidos em colloquio intimo (*sic*) (Facó, 1938b, p. 5).

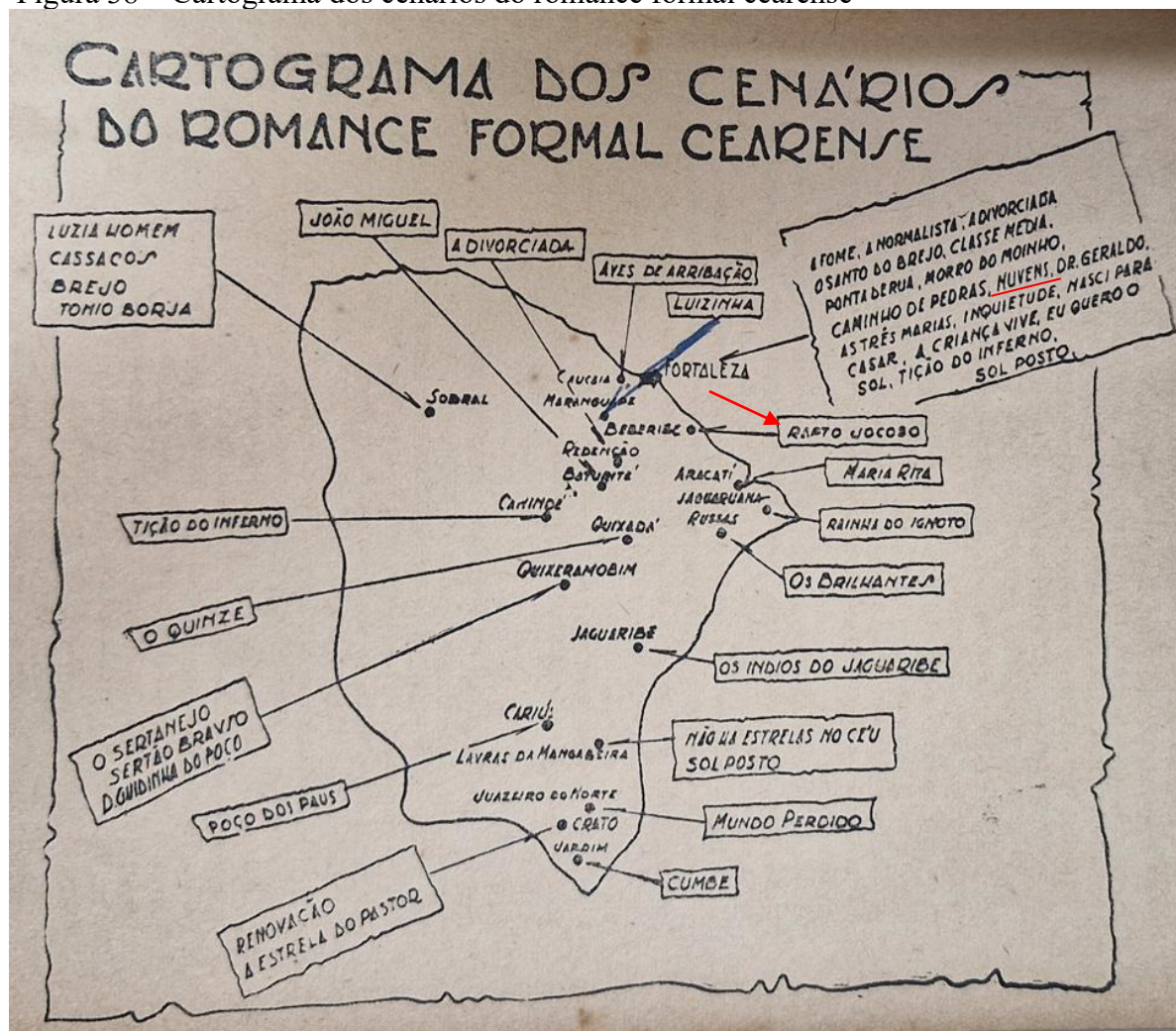
Para Montenegro (1953, p. 97), os “[...] dois romances pertencem à Escola romântica. As personagens citam José de Alencar e Victor Hugo e recitam Castro Alves. Romantismo anti-nefelibata que nos descreve costumes rurais e urbanos sem deformação delirante”. Elogia a qualidade gramatical do romance e o domínio de Anna Facó, superior, segundo ele, ao de outras romancistas da época, como Emília de Freitas e Francisca Clotilde.

Montenegro (1953, p. 16) ainda aponta que o romance cearense revela elementos típicos naturais do Ceará, como a: “[...] vivacidade do temperamento de seu homem, o tropicalismo de seu clima e o sabor sertanejo de seus costumes”. Acrescenta que os romancistas cearenses fazem questão de situar suas tramas em lugares reais, com raras exceções, explorando os variados tipos de paisagens, como praias, planícies, sertões e serras.

⁷ *Jornal do Ceará* em Fortaleza, sexta-feira, 2 de agosto de 1907, Ano IV, ed. 597. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=nitio%20ab%20c3%a1&pagfis=1677>. Acesso em: 19 nov. 2025.

O cartograma abaixo apresenta os cenários dos romances cearenses, no qual destacamos o *Rapto Jocos*, que ocorreu no sertão de Beberibe, e *Nuvens*, em Fortaleza.

Figura 38 – Cartograma dos cenários do romance formal cearense



Fonte: Edição própria, adaptada de Montenegro (1953, p. 18a).

Segundo Montenegro (1953, p. 18), quanto ao aproveitamento dos tipos regionais, “[...] observa-se que o *sertanejo* sobrepuja o *praieiro*. Este tipo ainda não possui seu romance”, embora a poesia e o conto tenham utilizado motivos como: o verde dos mares do Ceará, as areias, os coqueiros e as jangadas.

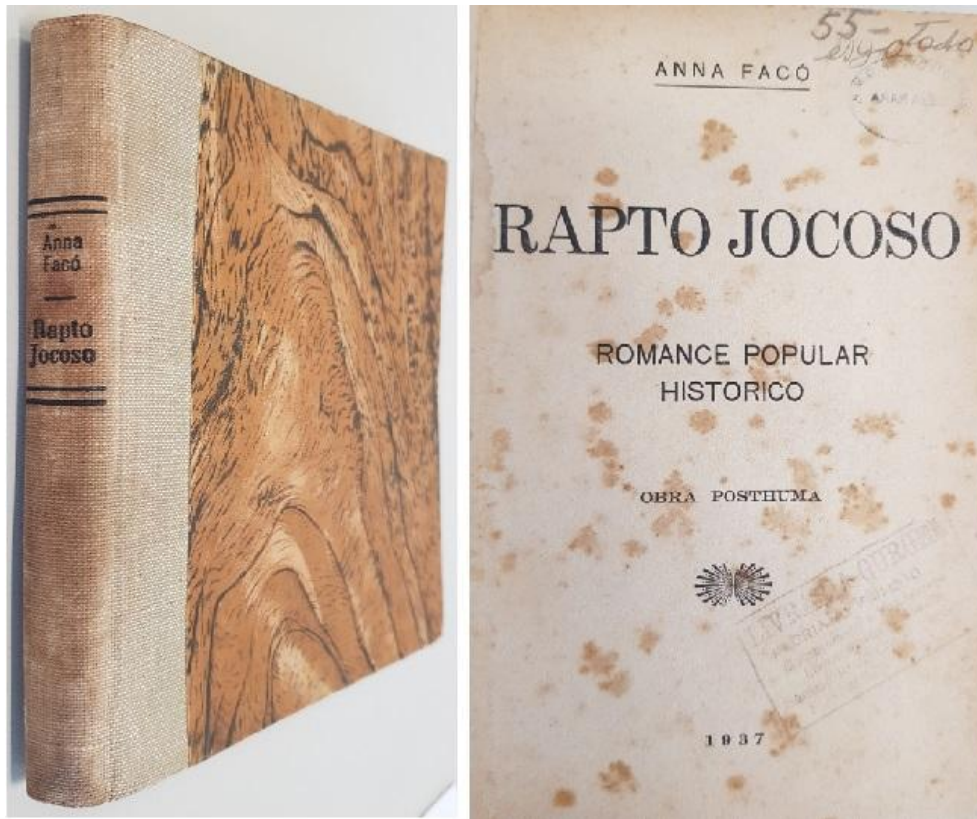
3.6 Obras de Anna Facó publicadas postumamente

Após a morte de Anna Facó, seus dois romances foram publicados em formato de livro pelo irmão, Antônio Carlos de Queiroz Facó. “Em vida, Ana Facó não pode editar os dois romances. Não dispõe de recursos necessários. Depois de sua morte, é que o dr. Antônio

Carlos de Queiroz Facó custeava a edição dos dois romances lançados pela Livraria – Editora Humberto em 1937 e 1938” (Montenegro, 1953, p. 97).

Compreendemos que, naquela época, a escrita das mulheres era uma forma de manifestação, de exposição de uma realidade ou até mesmo de posicionamento crítico frente à sociedade. Na Figura 39, apresentamos a imagem do livro de Anna Facó, o romance *Rapto Jocosos: romance popular histórico*, publicado em 1937, localizado no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE), situada na Avenida Presidente Castelo Branco, 255, Fortaleza – Ceará.

Figura 39 – Foto da obra *Rapto Jocosos: romance popular histórico*, de Anna Facó



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Para as escritoras desse período, havia uma preocupação com a reação do público, principalmente diante do machismo, que, à época, era bem mais forte do que na atualidade. Assim, era comum que elas se desculpassem pelo que escreviam, como forma de se resguardar das críticas, reflexo da forma como as mulheres eram tratadas.

Silva (2003, p. 51) afirma que:

Assim como outras escritoras de seu período e suas conterrâneas, Emília de Freitas e Francisca Clotilde, Ana sentia uma enorme necessidade de desculpa-se pelo que

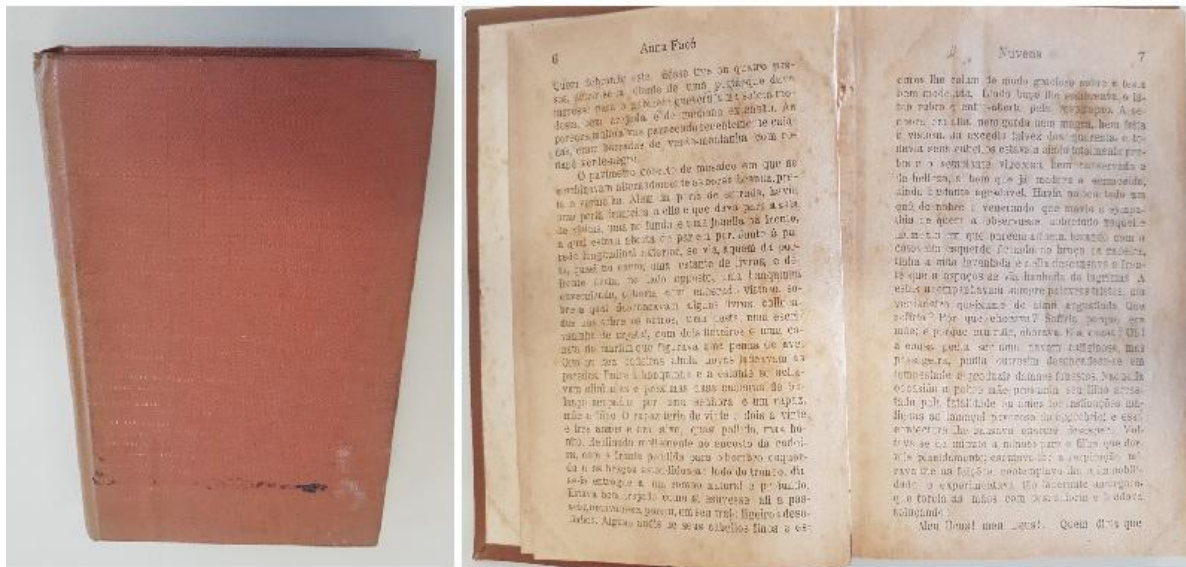
escrevia. Há três hipóteses para justificar essa atitude: a primeira, uma certa falsa modéstia; a segunda, um estilo literário próprio da época; a terceira, e a que nós julgamos mais viável, a clareza de que escrever e se colocar em público é uma tarefa difícil, principalmente para mulheres daquele período. Depois de décadas silenciadas, falar em público exigia coragem e astúcia, e pedir desculpas talvez fosse uma forma de se resguardar das críticas que pudessem por ventura aparecer.

Anna Facó foi uma mulher muito retraída; viveu as restrições do seu tempo, sentiu os limites impostos pelo sistema vigente, mantendo-se afastada do meio social. Mesmo assim, utilizou um pseudônimo para escrever e retratar a realidade de sua época por meio dos seus escritos, entre eles, os romances. Facó (1957, v. 1, p. 188-189) afirma que:

É ela própria quem escreve: ‘Fiz diversos discursos para recitar nas solenidades da Escola (Escola Normal) e na ocasião deixava de fazê-lo; faltava-me a calma precisa. Fugia das festas como de qualquer reunião aparatosa’ (‘Páginas Íntimas’, pág. 108). Tive de ouvi-la falar apenas uma vez: a 7 de janeiro de 1894, fato que constitui uma reminiscência de meus 11 anos de criança. Isso aconteceu no ‘Sítio Novo’ em Beberibe, pertencente a seu irmão José Facó, pai da inspirada poetisa Maria Facó, que naquele dia com a sua digna esposa completam 10 anos de casados.

Na figura abaixo, o livro de Anna Facó com o romance *Nuvens*, publicado em 1938, com 253 páginas, também localizado na Biblioteca Pública Estadual do Ceará.

Figura 40 – Foto da obra *Nuvens*, de Anna Facó

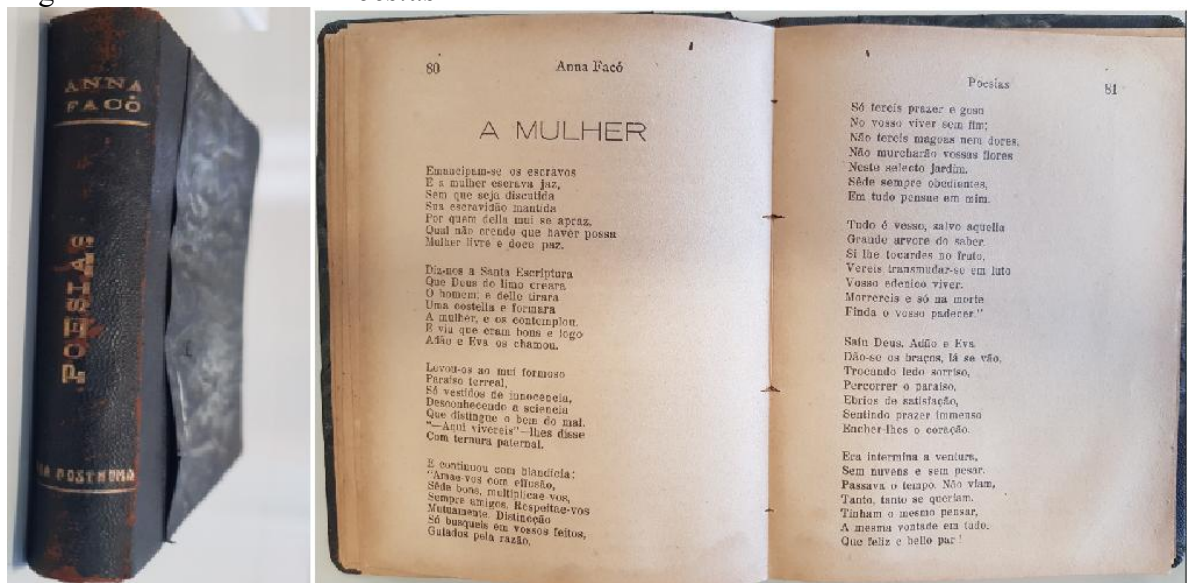


Fonte: Elaboração própria, 2025.

Na esteira das obras escritas por Anna Facó, o engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó publicou o livro *Poesias* (obra póstuma), em 1937, localizado no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE). O livro é composto por 37 poemas de Anna Facó. A primeira parte da obra, intitulada “Alnira”, é composta por 3 poemas: “O Lar”, “No Jardim” e “Mãe e Filha”. A segunda parte da obra, denominada “Campesinas”, contém

34 poemas, denominados: “O Inverno”, “A Flor de Espuma” “Minha Mãe”, “A Mulher”, “Lamentos”, “A Nenen”, “O Idyllio”, “Protesto”, “Um Cartão Postal”, “Lembrança”, “A Alzira”, “Num Bonde”, “Um Estro”, “Medo”, “Descrença”, “Transportes”, “Allusão”, “Innocencia”, “A Visão”, “O Botão”, “Amanhã”, “Prece”, “Tu És...”, “Metamorphose”, “Deus”, “Um Sonho”, “O Seculo XIX”, “Aranha”, “Hei de Cantar”, “Acrósticos”, “Um Barbarismo”, “Meus Cantos”, “Amor Perfeito” e, por fim, “Um Incendio”. Optamos por manter a grafia original dos títulos dos poemas. A seguir apresentamos a imagem do livro *Poesias*.

Figura 41 – Foto da obra *Poesias* de Anna Facó



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Escolhemos o Poema “Transportes”, a fim de compreendermos um pouco sobre a escrita, bem como os temas escolhidos por Anna Facó para compor sua poesia.

TRANSPORTES

Indo eu resoluta
Buscando meu norte,
Senti-me confusa,
Queixei-me da sorte.

Então vi do nada
Surgir com pujança
A feia Descrença
E a linda Esperança

‘–Avante! diz esta,
‘E triumpharás.
E aquella me brada:
‘–Detem-te, não vás!.. ...

‘–Oh, virgem, a Esp’rança

Diz mui em segredo:
 ‘–Tem fé no futuro,
 ‘Prossegue sem medo.

‘Teus dias vindouros
 ‘De rosas serão,
 ‘Si bem instruires
 ‘O teu coração.

A Descrença lhe diz:
 ‘–És vã, Esperança;
 ‘Mas como transmudas
 ‘Um velho em creança!”

E a mim se voltando
 Diz mui brandamente:
 ‘–Oh! nella não creias,
 ‘Mal sabes quão mente!

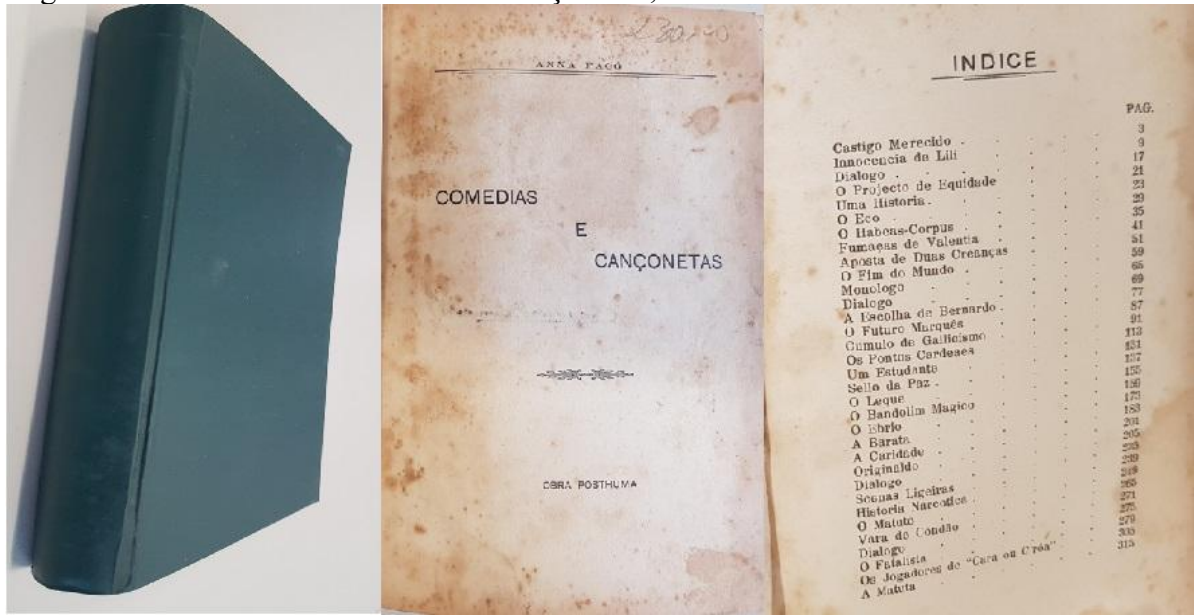
Curvei minha fronte,
 Pensei no porvir,
 E vi no meu norte
 De luz se cobrir.

Então com transportes
 A Deus invoquei,
 E á doce Esperança
 Sorrindo abracei.
 (Facó, 1937b, p. 104-105).

Anna Facó escreveu sobre seu tempo, suas impressões acerca da realidade social, das lutas travadas, do papel da mulher, mas sem descurar do senso poético que envolve a natureza e os sentimentos. Entre os poemas de Anna Facó publicados no livro *Poesias* (1937), destacamos “A Mulher”, no qual ela aborda a condição feminina, ainda marcada pela submissão nas relações conjugais e pela imposição masculina.

Outra obra escrita por Anna Facó, publicada por Antônio Carlos de Queiroz Facó, foi o livro “*Comedias e Cançonetas*” (obra póstuma), lançado em 1937, com 335 páginas e diversos temas. O livro encontra-se no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE). É composto por 33 comédias e cançonetas, são elas: “Castigo Merecido”, “Innocencia de Lili”, “Dialogo”, “O Projecto de Equidade”, “Uma Historia”, “O Eco”, “O Habeas-Corpus”, “Fumaças de Valentia”, “Aposta de Duas Creanças”, “O Fim do Mundo”, “Monologo”, “Dialogo”, “A Escolha de Bernardo”, “O Futuro Marquês”, “Cumulo de Gallicismo”, “Os Pontos Cardeaes”, “Um estudante”, “Sello da Paz”, “O Leque”, “O Bandolim Magico”, “O Ebrio”, “A Barata”, “A Caridade”, “Originaldo”, “Dialogo”, “Scenas Ligeiras”, “Historia Narcotica”, “O Matuto”, “Vara de Condão”, “Dialogo”, “O Fatalista”, “Os Jogadores de ‘Cara ou C’rôa””, concluindo com “A Matuta”.

Figura 42 – Foto da obra *Comedias e Cançonetas*, de Anna Facó



Fonte: Elaboração própria, 2025.

A seguir, apresentamos a cançoneta “O Projecto de Equidade”, que aborda o amor à pátria, celebra o debate sobre o direito das mulheres de participar da política, votar e serem votadas. Além disso, traça o perfil ideal do administrador da coisa pública e critica políticos oportunistas que se aproveitam do cargo para fins pessoais. Anna Facó enxergava, na participação feminina, uma oportunidade de demonstrar a capacidade da mulher em transformar a política nacional em benefício de um país melhor.

O PROJECTO DE EQUIDADE

CANÇONETA

Foi grande, foi soberba e novidade
Que tanto me alegrou o coração.
É que o bello projecto de equidade,
Já passara em terceira discussão.

Sanccionado será mui brevemente.
Talvez hoje, amanhã o mais tardar.
E então, nós mulheres, livremente
Podemos ser eleitas e votar.

Não desejo subir por via estreita.
Quero, sim, merecer e ter valor.
Por vontade do povo ser eleita,
Sem pedir voto algum, seja a quem fôr.

E tambem não darei meu voto grado
A qualquer João-ninguem ou bacharel
Que procure illudir o eleitorado,
Com promessas ficticias a granel.

Só hei de suffragar um candidato
De merito, honradez e distincção,
Fidalgo nas maneiras e no trato,
Cioso das grandezas da Nação.

Que não siga o geral dos congressistas
Que querem divertir-se e passear,
Fruindo os cem diários; e farcistas
Do seu paiz distante o renegar.

Mas não sou palmatoria, ponto faço.
Querendo mais ainda ao meu paiz,
Competirmos co'os homens é um passo
P'ra fazel-o, de certo, mais feliz.

Cabendo-me portanto uma cadeira
No Congresso ou Supremo Tribunal,
Provarei, minha patria, á terra inteira,
Que te amo co'estremo filial.
(Facó, 1937a, p. 21-22)

Anna Facó manifestou nesta cançoneta o desejo de maior participação da mulher na política. No entanto, não pôde presenciar tal feito em vida, pois somente em 1932 o voto das mulheres foi permitido no Brasil.

Em 1938, foi publicado por Antônio Carlos de Queiroz Facó o livro *Minha Palmatória: contos aos meus alunos* (obra póstuma), localizado na Biblioteca Justiniano de Serpa, na sede da Academia Cearense de Letras, situada na Rua do Rosário, nº 1, no Centro de Fortaleza, Ceará. O livro conta com 145 páginas e reúne 47 contos, cantos e hinos.

No prefácio do livro, intitulado “Queridos alumnos”, Anna Facó dedica-o aos seus alunos, afirmando que os textos não foram inventados ao acaso, mas surgiram da necessidade de educá-los por meio de histórias adequadas aos comportamentos e atitudes por ela observados.

E' para vocês a 'Minha palmatoria'. Mas não se assustem, não escondam as mãozinhas atrás das costas, temendo palmatoadas, que ella não vem rancorosa admoesta-los, e sim, trazer-lhes conselhos amigos. Acolham-na com meiguice, é uma pobre peregrina que lhes pede agasalho em algum modesto movel. Vêem? E' um livro pequeno como vocês, uma collecção de contos singelos como de vocês a linguagem. Não são contos inventados a esmo; nasceram de factos, no momento preciso, uns para fortalecerem qualidades louvaveis, outros para combaterem vicios que urgiam ser banidos e defeitozinhos que se deviam transformar em virtudes (*sic*) (Facó, 1938a, p. 3).

Anna Facó relata que as histórias narradas, análogas às situações observadas, cumpriram seu papel na educação moral. Afirma que:

[...] intitulei os meus contos de 'Minha palmatoria'. Não é, pois um titulo de phantasia, e tomado ao acaso, tão pouco; dei-o mui pensadamente, ao notar que em meus contos ha um ponto de conformidade com a palmatoria do professor antigo: o

de terem por fim principal – disciplinar, corrigir, empregando embora diferentes meios (*sic*) (Facó, 1938a, p. 4).

O livro *Minha Palmatória: contos aos meus alunos* (obra póstuma) é composto por 47 contos, cantos e hinos: “Queridos alunos”, “**Julinha**”, “**Zuza**”, “**Escolha de flores**”, “**O choramingas**”, “Uma bomba!”, “**O taramela**”, “**A greve**”, “Cada um anda como pode”, “**As duas amigas**”, “**A desobediente**”, “O amuado”, “Coração de fada”, “O caçador”, “A caphichosa”, “O egoísmo”, “O regresso”, “Urbana e Lena”, “O trabalho”, “O papa tinta”, “A partida”, “O preguiçoso”, “Cae o feitiço sobre o feiticeiro”, “O turbulento”, “Innocencia de Lydia”, “A mudinha”, “Milá”, “**Dedicação fraterna**”, “A vontade inventa meios”, “O fanfarrão”, “Três phrases”, “Ceará moleque”, “O espinho que ha de picar”, “Suzana”, “O Dr. Rifão”, “Cele, a boa irmã”, “Lição proveitosa”, “Regresso inesperado”, “Queda proveitosa”, “Um sonho”, “Saudação á escola”, “Hymno de saudação”, “Para começarem os trabalhos”, “Ao sair para o recreio”, “Ao sair para o recreio”, “Ao deixar o recreio”, “A’ saída da escola”, concluindo com o “**Canto gymnastico**”. Destacamos, entre eles, nove contos e um canto, escolhidos por Anna Facó e publicados em 1904 no *Jornal do Ceará*.

Anna Facó (1938a) revelou quatro motivações para essa escrita: a primeira foi o amor à sua independência, isto é, a busca por emancipação por meio do conhecimento; a segunda, o desejo de manter-se financeiramente com seu próprio trabalho; a terceira foi a escassez de empregos para as mulheres na época, tendo encontrado no magistério uma alternativa de trabalho; e, por fim, a quarta motivação, considerada por ela a mais poderosa de todas, o empenho em contribuir com a sociedade, a pátria e, sobretudo, a família.

Desse modo, Facó (1938a, p. 4) afirma que fez de sua obra *Minha Palmatória* “[...] um motor disciplinar, um correctivo brando, o mais efficaz e menos humilhante de que me foi possivel lançar mão desde que, mui contra minhas tendencias, me entreguei ás melindrosas funções de preceptora” (*sic*) (Facó, 1938a, p. 4). Confessa que ingressou no magistério por necessidade, “[...] da mesma fôrma que uma semente é pelo vento sacudida em terreno que lhe não é proprio” (*sic*) (Facó, 1938a, p. 4), mas afirma que duas condições foram cruciais para sua atuação no magistério: o amor às crianças e a obediência ao dever.

Sua modéstia é evidente na escrita, na qual manifesta sentimentos de inteireza e paixão pelo ofício. Afirma Anna Facó (1938a, p. 5):

Olhem: si bem o digo, melhor o provo. Que estou a fazer? Indiscrições, falando do que vocês não entendem, desvendando sentimentos que devem jazer no âmago de meu coração. E’ que não raro me deixo dominar pela fraqueza, por essa fraqueza tão nossa, mas tão invencivel, e da qual, para o bom desempenho da profissão que exerço, já me devia ter desligado. Mas nem sempre lutar é vencer. Infinitas vezes

tenho lutado contra ella, vencendo-a, porém, como o calmante debella uma dor importuna que desaparece momentaneamente e volve depois com a mesma intensidade (*sic*).

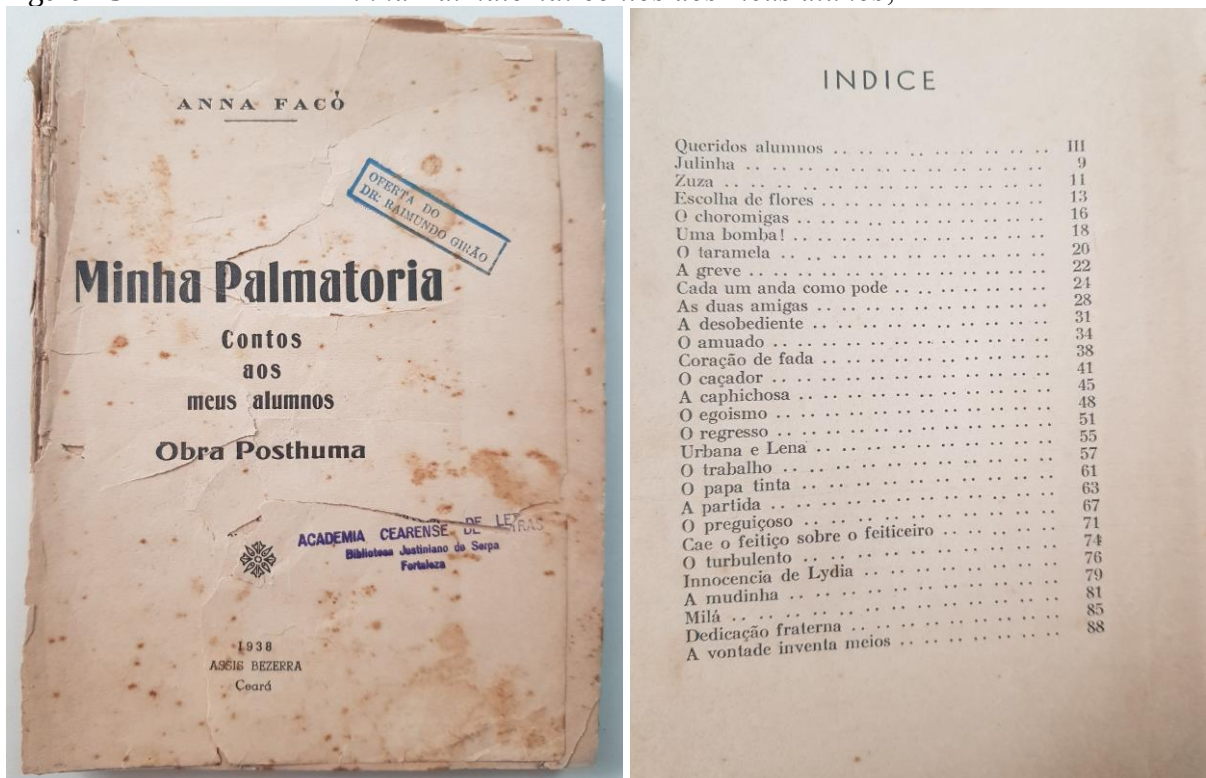
Anna Facó se posiciona como uma professora longe da perfeição, considerando a fraqueza como algo comum a todos os seres humanos, muitas vezes ocultada como se estivesse sob um véu. Ela entende a fraqueza como antagonista da força, em uma luta incessante, ora vencida, ora dominante. Contudo, ao reconhecer suas próprias fragilidades como perdoáveis, levanta-se e continua seu trabalho por amor às crianças.

Anna Facó incentiva seus alunos a lerem *Minha Palmatória* e afirma que seus contos:

[...] não são instructivos, que não posso dar aquillo que não tenho. Não encontrarão nelles nem scenas picarescas e jocosas que provoquem risos, nem factos singulares e commoventes que arranquem lagrimas. Encontrarão, porém, singelos conselhos, alguns exemplos de quão prejudiciaes são os vicios e o mais vivo testemunho do muito amor que me prende a vocês (*sic*) (Facó, 1938a, p. 6-7).

A seguir, a Figura 43 traz fotos do livro *Minha Palmatória: contos aos meus alunos*, de Anna Facó, publicado postumamente em 1938.

Figura 43 – Foto da obra *Minha Palmatória: contos aos meus alunos*, de Anna Facó

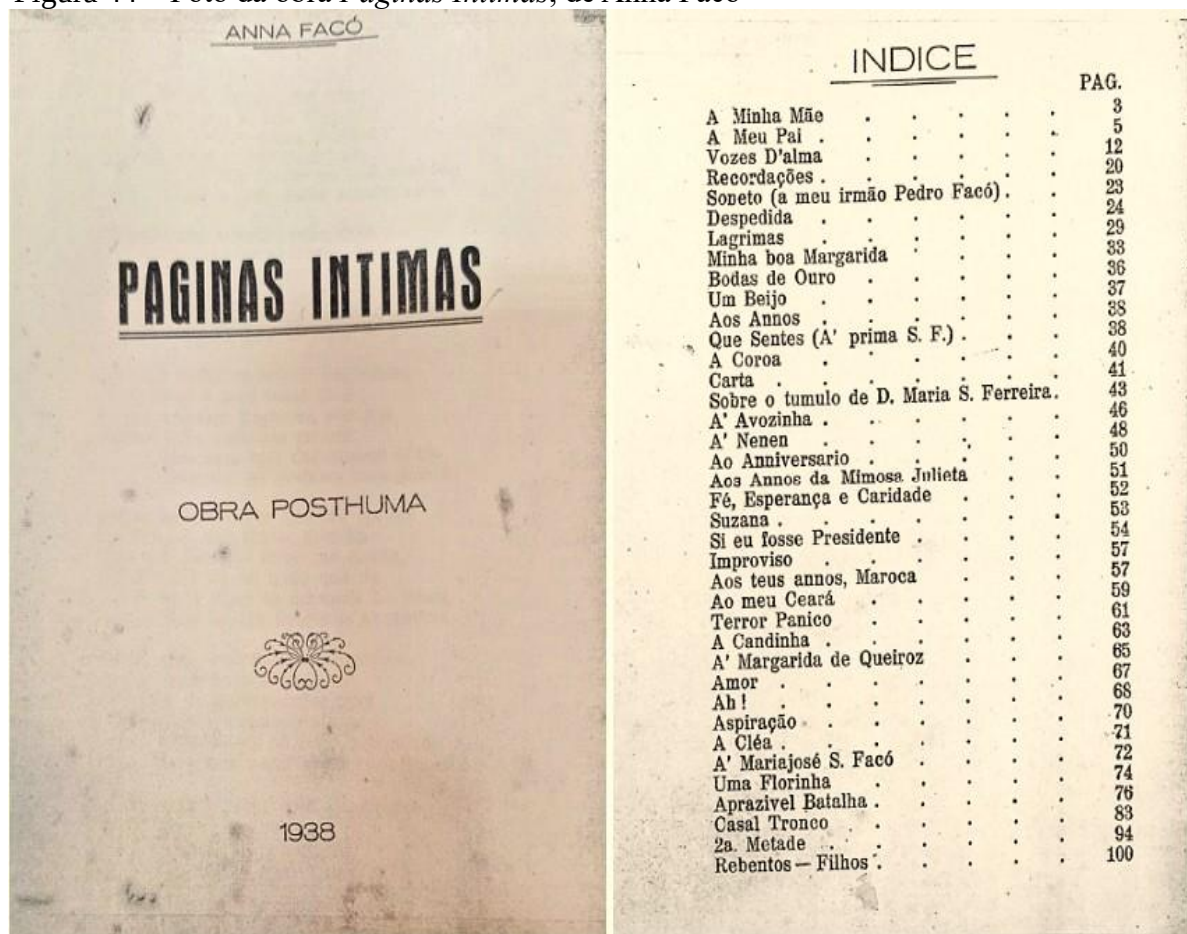


Fonte: Elaboração própria, 2025.

Boanerges Facó (1957) relata que Anna Facó, já em idade avançada e cega, escreveu seu último trabalho, intitulado *Árvore Genealógica da Família Facó*. Um fato curioso é que ela só conseguiu escrever utilizando um aparelho de sua própria invenção, que a auxiliava. O manuscrito foi entregue ao seu irmão e editor, Antônio Carlos de Queiroz Facó, que posteriormente o repassou ao sobrinho Boanerges Facó.

Foi publicada em 1938 a obra *Páginas Íntimas*, com 124 páginas, que contém na segunda parte a *Árvore Genealógica da Família Facó*, sendo a última obra escrita de Anna Facó.

Figura 44 – Foto da obra *Páginas Íntimas*, de Anna Facó



Fonte: Elaboração própria, com base na cópia fornecida pela bibliotecária Madalena Maria Monteiro Figueiredo da BECE e Biblioteca Justiniano de Serpa.

Anna Facó (1938c) relata na obra *Páginas Íntimas* que sua miopia já estava muita avançada e dificultava a sua escrita:

O mal continua na sua marcha cruel. Parece-me que dentro em pouco não verei mais nada. Desejando concluir estas notas que estavam iniciadas ha muito, imaginei uma pauta de papelão cujos traços iguaes aos de papel almaço, fossem cobertos de linha algum tanto grossa, de modo que pudesse ser tateada facilmente. Puz o meu plano em execução. Mande fazer a pauta, dando as instrucções necessarias. Logo que foi

concluída, pui-a sob uma folha de papel e, servindo-me do meu tacto e de um lapis, escrevi sem difficuldade. Quasi gritei – Eureka! eureka! – como fez, Archimedes quando, estando no banho, descobriu que um corpo mergulhado n'agua perde de seu peso parte igual ao peso do volume da agua que desloca. Elle se enthusiasmara por haver encontrado o meio de determinar o peso especifico dos corpos. Eu me alegrei porque podia tornar menos tedioso para mim o passar do tempo (*sic*) (Facó, 1938c, p. 123-124).

Concluindo essas notas sobre as publicações das obras de Anna Facó, trazemos em seguida as homenagens feitas em vida e após sua morte em 1926.

4 TRIBUTOS A ANNA FACÓ

A trajetória profissional de Anna Facó representa um forte legado do protagonismo da mulher naquela época. Sua revolução silenciosa, suas ações e experiências romperam com as estruturas que historicamente as silenciavam, deixando marcas indeléveis na história da educação cearense. Desse modo, faz-se necessário compreender as homenagens realizadas em vida e após a morte de Anna Facó.

Os anos 1922 e 1926 são citados como ano de falecimento de Anna Facó. Os autores que afirmam que Anna Facó faleceu no ano de 1922 são: Amaral (1971, v. 1, p. 93), citando que “Morreu Ana Facó no dia 22 de Junho de 1922”; Barroso (1992, p. 36), atestando que “Faleceu em 22 de junho de 1922”; Fontenele (2000, p. 42), declarando que Anna Facó faleceu em “22 de junho de 1922”; e Azevedo (2001, v. 1, p. 103), “Morre, no dia 22 de junho de 1922, aos 67 anos de idade, a educadora e escritora *Ana Facó*, cearense de Cascavel”.

Autores que citam que Anna Facó faleceu em 1926 são: Montenegro (1953, p. 95), afirmando que Anna Facó “morreu a 22-6-1926”; Facó (1957, v. 1, p. 181), declarando que Anna Facó “faleceu, em Fortaleza, a 22 de junho de 1926, inupta”; na mesma esteira, Studart (1980, v. 1, p. 136) diz que Anna Facó “Faleceu inupta, a 22 de junho de 1926, em Fortaleza (CE)”.

Por sua vez, Girão e Sousa (1987, p. 97) declaram “sua morte, acontecida no dia 22 de junho de 1926” e, por fim, Azevedo (2001, v. 1, p. 117) também cita o ano de 1926: “Morre, no dia 22 de junho de 1926, com idade de 71 anos, a professora e poetisa *Ana Facó*, nascida em Beberibe”.

Desse modo, a data de falecimento de Anna Facó foi em 22 de junho de 1926, aos 71 anos, considerando que Boanerges Facó era sobrinho da educadora e constitui uma fonte mais próxima, além de uma publicação no Jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, que confirma a data. A seguir, apresentamos na Figura 45 o recorte do jornal, com o convite para a missa em memória de Anna Facó, publicado no dia 27 de junho de 1926.

Figura 45 – Convite no Jornal *Correio da Manhã*

Elemento indispensável

Quando precisa de luz, ou de calor, ou de qualquer outro elemento indispensável para o conforto e bem-estar de sua família, não hesite em recorrer à General Electric. Ela é a mais segura, a mais econômica e a mais eficiente. Ela é o elemento indispensável para a vida moderna.

GENERAL ELECTRIC

DEPARTAMENTO DE VENDAS - SÃO PAULO
R. do Brasil, 100 - Av. do Brasil, 100 - Av. do Brasil, 100 - Av. do Brasil, 100

ACTOS FUNEBRES

Carlos Henrique, filho de Carlos Henrique e Maria Tereza Sobrinho, falecido em Fortaleza, Ceará, no dia 22 do corrente, convidam os parentes e amigos para a missa que pelo repouso eterno da saudosa finada fazem celebrar amanhã, segunda-feira, 23 do corrente, no altar de N. Senhora da Conceição da matriz da Candelária, às 9 1/2 horas da manhã. (A 10644)

Fonte: Edição própria, adaptada do Jornal *Correio da Manhã* (27 jun. 1926, p. 11).

A missa seria realizada no dia seguinte, na matriz da Candelária, Rio de Janeiro-RJ. Observamos também o registro do dia do falecimento de Anna Facó, ocorrido em Fortaleza, no dia 22 de junho daquele ano, bem como a demonstração de gratidão da família a Anna Facó, reconhecendo-a como benfeitora da família Facó.

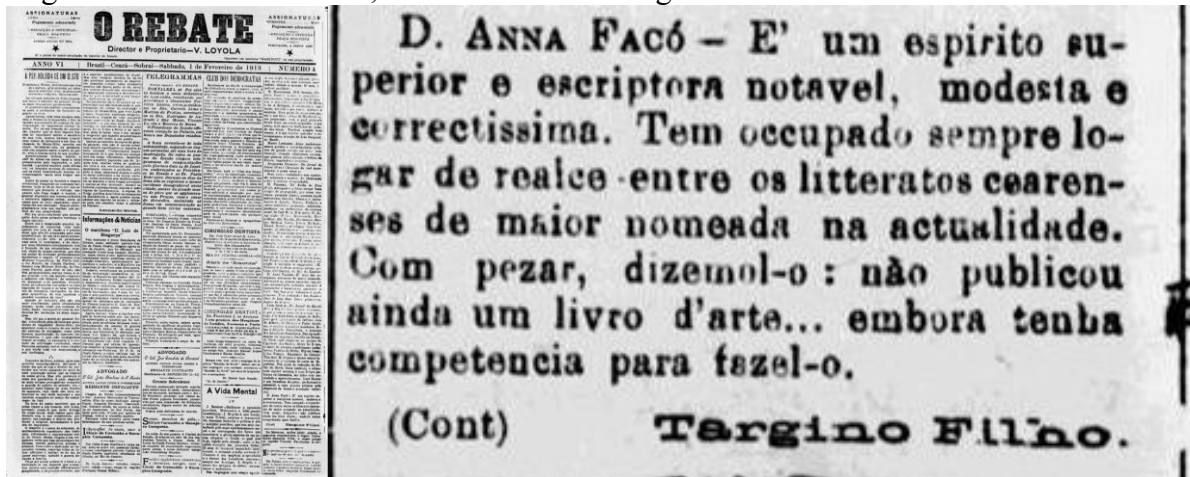
4.1 Homenagens a Anna Facó: depoimentos

Em vida e após seu falecimento, em 1926, em Fortaleza, Anna Facó recebeu homenagens que expressavam o impacto de seu trabalho na sociedade. Studart (1980, v. 1, p. 136) afirma que Anna Facó foi “[...] um espírito verdadeiramente polímorfo: educadora notável, romancista, poetisa, desenhista e comediógrafa. A par de sua marcante atuação no magistério de sua terra, foi escritora de apreciáveis dotes intelectuais”.

No jornal *O Rebate*, de Sobral (CE), na coluna “A Vida Mental”, publicada em 1 de fevereiro de 1913, o colunista Targino Filho apresenta um relato sobre os intelectuais

cearenses que promoveram uma evolução literária e científica, sendo dignos de destaque, entre eles, Anna Facó.

Figura 46 – Jornal *o Rebate*, 1913: o colunista Targino Filho sobre Anna Facó



Fonte: Jornal *O Rebate* (1 fev. 1913).

De acordo com Almeida (2012), Adília de Albuquerque Morais, escritora cearense e aluna da *Escola Normal*, concluiu o curso em 1902 e escreveu sobre as habilidades de Anna Facó no cinquentenário da *Escola Normal*. A homenagem foi publicada no jornal *O Povo*, em 24 de março de 1934, e relatada por Boanerges Facó (1957):

Dona Adilia de Albuquerque Morais, escritora cearense falecida, escrevendo sobre o cinquentenário da Escola Normal (1934) quase 8 anos depois da morte de Anna Facó, refere-se a essa fase de atividades da educadora cearense nestes termos: 'D. Anna Facó. Ah! como choro ainda hoje a perda desta amiga idolatrada. Um dia, estou certa, será venerada nobremente a sua memória. Escritora emérita, romancista preciosa, vegetando num meio provinciano e acanhado, não obstante o desinterêsse com que era vista a instrução pública naquela época, conseguiu pôr em prática os métodos de ensino moderno, fabricando, ela mesma, diversos utensílios de que necessitava. Assim é que os contadores mecânicos e outros apetrechos existentes no velho salão (Escola Normal) em que pontificava eram introduzidos ali por sua pertinácia' ('O Povo', de 24 de março de 1934) (Facó, 1957, v. 1, p. 189).

Maria Geraldina Alves do Amaral, ex-aluna de Anna Facó, sócia fundadora da Ala Feminina da Casa da Juvenal Galeno, ocupou a Cadeira nº 6, da qual Anna Facó é Patrona. Escreveu para o Jornal *Âncora*, em 1952, sobre os romances de Anna Facó. Apresentamos na Figura 47 a seguir o recorte do referido jornal com a homenagem, escrita por Maria Geraldina Alves do Amaral.

Figura 47 – Recorte da capa do Jornal *Âncora*, Cajazeiras, (Messejana, Ceará), com a homenagem a Anna Facó por Maria Geraldina Alves do Amaral

A N A F A C Ó

romancista cearense

GERALDINA AMARAL

A leitura mais despretenciosa do que nos deixou Anna Facó pode revelar a elegância incornum com que escreveu a sua língua, coisa notável numa mulher cuja luta pela vida parecia não lhe dar tempo para esses aperfeiçoamentos. Essa qualidade, aliás, foi reconhecida, a despeito de tudo, no tempo em que viveu. Não precisou esperar pela posteridade a fim de que se percebessem os seus méritos. O professor José de Barcelos, autoridade em português ao seu tempo, não deixava passar nenhuma ocasião para proclamar a superioridade de Anna Facó naquela matéria. Não lhe poupava elogios, e com ele muitos dos intelectuais da época tinham a certeza de que havia, naquela inteligência, uma grande intimidade com a língua materna. Todos os seus trabalhos literários, porém, não estiveram nunca à altura dos seus conhecimentos; quero dizer, o ambiente em que viveu e o seu temperamento retraido não permitiram que ela se expandisse e deixasse aos pósteros mais belezas e mais espiritualidades, uma visão maior de sua cultura, uma mensagem mais ampla que dissesse do seu espírito aquilo que nele se continha, sem restrições nem temores.

Em todas as suas criações percebemos que existe um elemento idêntico funcionando como uma constante, e que se comunica entre si, caracterizando-as, num transbordamento visível de insatisfação, de insuficiência, mas de insatisfação e insuficiência que trazem à luz uma alma superior, incapaz de vingança, mas que ri sempre e sempre. Sua ironia espalha-se delicadamente por entre as salas, pelo sertão, pelas famílias sertanejas e cidadinas, ora num episódio, ora numa palavra ou acontecimento. E esse lado humo-

rístico da sua obra intensifica-se em "Rapto Jocosos", romance que, na literatura cearense, parece construir o único exemplo que obedece a um pensamento inteiramente afastado dessa angústia, desse ambiente de tragédia que sentimos existir em toda criação dos nossos romancistas. O romantismo de Anna Facó, em transição, já procurando fixar as nossas coisas, o nosso ambiente, não refletiu o aspecto soturno da literatura da seca, visceralmente nossa, e que tem traduzido de maneira insistente e cada vez mais esclarecedora as emoções, os sentimentos e a desigualdade da luta entre o homem e o meio. Os seus ambientes foram calmos e quase felizes, quando era mais comum serem requimados pela ardença da luta e da dor que avassalam o cearense, preso às influências cósmicas da terra e à sua eterna condição de homem em posição de combate.

Ao tempo em que Anna Facó se dedicava aos seus trabalhos literários, fins do século XIX e princípios do século XX, a escola romântica ainda possuía os seus adep- tos rigorosos no Brasil, principalmente entre as mulheres cearenses, mais tímidas e consequentemente mais românticas. E no entanto, na velha Europa, o naturalismo já aparecia como antiquado e estava fora de cogitações. No Brasil, todavia, o movimento romântico continuava ainda, se bem que em decadência, em pura dissolução. Chegava o inevitável esgotamento de energias e a reação se pronunciava, vitoriosa com alguns e em desenvolvimento com outros.

Anna Facó, por motivos diversos, os mais importantes a meu ver o seu retraimento social e suas leituras, escreveu dentro dos velhos moldes, observando uma técnica comedida e filiou-se instintivamente ao romantismo. Seu romantismo, como já disse, estava em transição, marchava para o naturalismo e não se confinava aos elementos sentimentais que constituíam as bases românticas.

No romance, então, essa tendência naturalista é bastante acentuada. Vemos em "Rapto Jocosos", que ela diz ser um romance popular histórico, o que esclarece muito a sua inclinação para o real, o papitar do coração sertanejo, a exuberância da vida dos homens do campo, a graça da sua ignôncia e a espontaneidade da sua vida sem artifícios nem convenções. Ali sentimos a alma rude do sertão, tal qual se apresenta na realidade — calma, mansa, vigorosa e lógica. É fácil constatar a autenticidade das personagens do outro romance, "Nuvens", que é um retrato perfeito duma época, duma maneira de viver, duma sociedade. A tonalidade saudável das tias duma personagem, as predileções delas, os momentos de desinteligência, os faniquitos e manias; a preta velha, dedicada e fiel, as brincadeiras dos meninos e rapazes na rua no tempo dos fogos, tudo no romance traí o real, a vida, a verdade.

Aos seus dois romances, deu Anna Facó um aspecto cuidado, principalmente no que se refere à forma, à linguagem; e não esqueceu ela que a fabulação também deve preocupar a artista. Não se impressionou apenas com a plástica, burilando a palavra, mas com a concepção, com o processo mental que daria corpo e alma às personagens, saliência e cor aos fatos e coisas.

Fonte: *Jornal Âncora* (29 jan. 1952).

Em reconhecimento à influência recebida, Maria Geraldina Alves do Amaral prestou homenagem à mestra, cujo pensamento educacional chegou até a sua personalidade em formação e contribuiu para sua formação artística e social: “[...] educadora, romancista, poetisa e contista cearense, cuja obra educativa, de amplas possibilidades intelectuais, ultrapassou a própria geração, beneficiando as gerações posteriores, num trabalho calmo e profícuo, sem alardes nem propagandas” (Amaral, 1971, v. 1, p. 72-73).

Em 1955, foi comemorado o centenário do nascimento de Anna Facó, na Academia Cearense de Letras e no Instituto do Ceará. Neste último, a consócia Alba Valdez também retomou essa lembrança na sessão ordinária de 20 de abril, conforme publicado na Revista do Instituto do Ceará, edição do mês do centenário. Segundo Almeida (2012), Maria Rodrigues Peixe, escritora cearense sob o pseudônimo de Alba Valdez, foi aluna da *Escola Normal* em 1886 e professora do *Primeiro Grupo Escolar* de Fortaleza, no qual Anna Facó era a diretora. Segundo Facó (1957), Alba Valdez publicou a homenagem a Anna Facó na página literária do suplemento de Letras e Artes do *Unitário* em 12 de junho de 1955, sob o título: “A Bela Missão de Anna Facó”. Assim se manifestou Alba Valdez no Instituto do Ceará:

Senhores do Instituto do Ceará. Sei que se Anna Facó fôsse viva jamais consentiria nas homenagens que as duas principais sociedades de letras do Estado – Academia Cearense de Letras e Instituto do Ceará – acabam de prestar-lhe na data centenária do seu nascimento, ocorrido no sítio Bom Jardim, no município de Beberibe da comarca de Cascavel dêste Estado, em 10 de abril de 1855, [...], e falecida, inupta, nesta capital, a 22 de junho de 1926. E’ que a sua alma guardava excessiva modestia, e teve, em vida, apenas três grandes paixões: o amor da Pátria que ela axaltou em prosa e verso, que se não atingiram à suprema beleza literária primam pela correção da linguagem e sã literatura; **a dedicação às crianças, que nas suas mãos de educadora**, à semelhança das de Pestalozzi e de Montessori, se transformavam e se adaptavam a moldes de que o lar descurara e de que a rua não cogitara; e o desvelo à Família, de quem se orgulhava e de quem fora grande benfeitora, amparando, auxiliando e encaminhando muitos de seus sobrinhos, alguns dos quais galgaram destacada posição nas letras e nas armas do Brasil. Alheiou-se sempre de si própria, para quem menos viveu cuidando, para sua felicidade pessoal, apenas das coisas do espírito. E’ que tinha êste exornado de sincera modestia que lhe realçava os méritos entre os íntimos, e mesmo por timidez, que a afastava do convívio social e a encerrava entre as paredes de seu modesto lar. Na alma de Anna Facó guardava-se também um cantinho para Deus que se lhe revelava na grandeza do Universo e suas maravilhas (*sic*) (Facó, 1957, v. 1, p. 192-193, grifo nosso).

Segundo Facó (1957, v. 1, p. 194), o ponto culminante nas comemorações do centenário de nascimento de Anna Facó foi que a Federação das Academias de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro, “[...] por iniciativa do intelectual conterrâneo Mário Linhares, na sua sessão de 16 de abril de 1955, solidarizou-se com as comemorações centenárias do nascimento de Anna Facó, exaltando-lhe a memória”.

Azevedo (2001, v. 1, p. 117), na obra *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*, noticia: “No Álvaro Weyne existe hoje a Rua Ana Facó”. O registro do nome de Anna Facó, certamente, é um reconhecimento por sua colaboração educacional e literária para o Ceará.

Anna Facó honrou o magistério, inovando em suas práticas pedagógicas e cuidando da formação integral das crianças. Anna Facó foi dotada de grande habilidade literária e deixou, por meio de seus escritos, relevantes contribuições para a literatura e para a pedagogia, notadamente diversos meios didáticos criados para a facilitação do processo de ensino e de aprendizagem e também para a formação de valores morais nas crianças, a exemplo dos contos (*Minha Palmatória*).

A Lei nº 14.986/2024 constitui um marco importante para o resgate da história das mulheres, em especial as educadoras, preconizando que nos “estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, é obrigatória a inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares” (Brasil, 2024).

A lei também prevê a realização anual, no mês de março, da Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História, nas escolas de educação básica do país. Trata-se de evento estratégico para o debate e recuperação das histórias, com foco nas experiências e perspectivas femininas.

As abordagens previstas na lei incluem as contribuições das mulheres, suas vivências e as conquistas ao longo da história em diversas áreas: ciência, artes, cultura, economia, política e sociedade. Nossa pesquisa cumpre exatamente essa função ao trazer reflexões sobre a trajetória e contribuição de Anna Facó, sua revolução silenciosa, suas experiências que repercutiram em sua época e deixaram marcas indeléveis na história.

4.2 Fundação do primeiro grupo escolar de Beberibe: uma homenagem a Anna Facó

A garantia da escola pública para todos, em meados do século XX, particularmente em Beberibe, era apenas um sonho para as crianças, desassistidas pelo poder público, em um período em que a educação não era priorizada. Não havia uma legislação consolidada para a educação, e os rumos da instrução pública dependiam da boa vontade dos governos. Somente em 1961 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Assim como Anna Facó, que enfrentou dificuldades para obter instrução primária, muitas crianças e adultos viam a educação como um sonho distante, dependendo do apoio de

familiares tanto para o acesso à educação quanto para a permanência em outras cidades. Como não havia escola em Beberibe, o sonho de estudar em Fortaleza só foi possível, para Anna Facó, com a ajuda de um primo.

Posteriormente, já formada, Anna Facó acolheu em Fortaleza seus familiares, entre eles seu irmão Antônio Carlos de Queiroz Facó, como afirma Anna Facó: “Quasi em meio do anno de 1887 recebi cartas de meus manos Pedro e Antonio Facó, nas quaes me diziam que estavam dispostos a estudar, e, portanto, eu alugasse casa para morarmos juntos” (*sic*) (Facó, 1938c, p. 112). Colaço, Oliveira e Almeida (2003) relatam ainda que, em 1885, Antônio Carlos de Queiroz Facó, aos 20 anos, mudou-se para Fortaleza, onde viveu com Anna Facó, que assumiu a responsabilidade de alfabetizá-lo. Sobre esse gesto, Boanerges Facó (1957, v. 1, p. 184) afirma que “Anna Facó foi, incontestavelmente, positivamente, sem a menor sombra de dúvidas, a grande benfeitora da Família”.

Chegamos, então, ao ponto de interseção em que Anna Facó acolhe em Fortaleza e auxilia nos estudos o irmão Antônio Carlos de Queiroz Facó, fato relevante para compreendermos a história do primeiro grupo escolar de Beberibe e a motivação que inspirou sua construção na década de 1940.

Para todos que visitam Beberibe, no Ceará, vale destacar que, no centro da cidade, há um prédio histórico, onde atualmente funciona a *Escola de Ensino Médio Ana Facó*, situada na Rua Vicente Matias, nº 159. O prédio foi inaugurado em 1947 e resultou de uma iniciativa filantrópica voltada à educação dos beberibenses, cuja fundação creditamos à influência de Anna Facó.

Sabemos que Anna Facó dedicou sua vida à educação das crianças, guardando um forte senso de dever para com país, estado e município. Studart (1980, v. 1, p. 136) afirma que Anna Facó “tinha profundo, intenso e extremado amor à Pátria: O Brasil imenso e futuroso o Ceará calcinado e resistente e o Beberibe pequenino e querido, estavam sempre presentes em seu coração e lhe inflamavam a alma”. Ela não pôde, em vida, contribuir de forma direta para a educação de seus conterrâneos, no entanto; alguém o faria por ela.

Segundo Colaço, Oliveira e Almeida (2003), Antônio Carlos de Queiroz Facó, engenheiro, idealizou o primeiro grupo escolar do município e com seus próprios recursos mandou construí-lo, iniciando a história da educação em Beberibe, gesto que transcendeu seu tempo e permanece até hoje.

Figura 48 – Engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó



Fonte: Colaço, Oliveira e Almeida (2003).

Para compreendermos melhor essa história, é necessário entender a motivação e os fatos que possibilitaram a construção do grupo escolar. Assim, apresentamos a trajetória de Antônio Carlos de Queiroz Facó.

De acordo com Colaço, Oliveira e Almeida (2003), Antônio Carlos de Queiroz Facó foi residir em Fortaleza, onde concluiu os estudos no *Liceu do Ceará* em 1893. Posteriormente, formou-se em Engenharia no Rio de Janeiro, onde trabalhou na Repartição de Telégrafos, em que ocupou o cargo de Chefe de Distrito Telegráfico, com atuação nos estados do Pará, Maranhão e Ceará.

Formou-se engenheiro no Rio de Janeiro. Lá dirige várias construções, entre as quais a Policlínica Geral e a Igreja da Penha. Em 1909 entrou como inspetor de 3.^a classe, para a Repartição do Telégrafo Nacional, onde faz a carreira mais rápida até então conhecida, chegando dentro de pouco tempo a Chefe de Distrito Telegráfico, cargo que desempenhou no Pará, Maranhão e Ceará. Construiu grande número de linhas telegráficas em diversos estados do Norte/Nordeste, sobretudo no Maranhão, que conhecia melhor que o Ceará. A sua ligeira passagem pela Repartição dos

Telégrafos tornou-se conhecida de todos e pontilhada de gestos de independência e atos de energia (Colaço; Oliveira; Almeida, 2003, p. 13-14).

Embora tenha se destacado profissionalmente, foi seu compromisso com a educação beberibense que deixou um marco mais duradouro. Para esclarecer esse ponto, Facó (1962), na obra *José Balthazar Ferreira Facó (In Memoriam)*, afirma que, no ano de 1892, com a morte do coronel Raimundo José Pereira Leite, casado com Maria Tomásia Ferreira, residente em Cascavel, uma fortuna foi deixada para seu único herdeiro, Joaquim Tomás. No entanto, como este não necessitava do patrimônio, decidiu distribuí-lo entre seus primos: “De fato, anos depois a fortuna de Joaquim Tomás, sem herdeiros necessários, passou a seus primos-irmãos, entre os quais o Dr. Antônio Carlos de Queiroz Facó, irmão de Ana Facó, que com parte de seu quinhão hereditário publicou as obras da escritora cearense” (Facó, 1962, p. 346).

Quando pensamos na construção de escolas, normalmente associamos ao poder público, no entanto, nesse caso, Antônio Carlos de Queiroz Facó, após receber uma herança inesperada de seu primo, optou por investir na publicação das obras de Anna Facó nos anos de 1937 e 1938, como reconhecimento ao legado literário, e na construção do grupo escolar da Vila Beberibe.

Já Colaço, Oliveira e Almeida (2003) afirmam que Antônio Carlos de Queiroz Facó mandou construir o grupo escolar com parte da herança recebida de seus pais, com o objetivo de atender às necessidades educacionais de seus conterrâneos e também homenagear sua irmã com a denominação do grupo escolar.

Publicou algumas obras de sua irmã Ana Facó e sonhava em homenageá-la. Visitando sua terra natal recebeu a parte da herança de seus pais, vendeu e empregou na realização do seu sonho: a construção de uma escola para atender às crianças e jovens de Beberibe e também prestar a merecida homenagem a sua irmã que lhe deu seu ilustre nome ao Grupo Escolar Ana Facó. O ilustre arquiteto beberibense ao fazer a planta da escola, a fez em forma de ‘U’, simbolizando a união (Colaço; Oliveira; Almeida, 2003, p. 14).

Em visita ao município de Beberibe, Antônio Carlos de Queiroz Facó comprou um terreno no centro da cidade, por C\$ 300,00 (trezentos cruzeiros), o qual destinou à construção do primeiro grupo escolar para o município. Consta na Figura 49 a certidão de nº 1700, de 19 de outubro de 1942, emitida pelo Cartório Moura Facundo da Comarca de Cascavel, do terreno. Nela, encontramos a informação de que já havia uma construção de um prédio destinado ao Grupo Escolar da Vila Beberibe. Não sabemos o tempo de sua construção, mas os registros apontam que sua inauguração ocorreu em fevereiro de 1947.

Figura 49 – Certidão do Cartório Moura Facundo de Cascavel referente à aquisição do terreno para a construção do *Grupo Escolar Ana Facó*, adquirido por Antônio Carlos de Queiroz Facó

[illegible]

Fonte: Arquivo da Escola de Ensino Médio Ana Facó, recorte adaptado.

Segundo Colaço, Oliveira e Almeida (2003), Antônio Carlos de Queiroz Facó projetou a estrutura arquitetônica da escola, em formato de “U”, interpretada como a inicial da palavra “união”, o que foi posteriormente reforçado na letra do hino oficial da instituição. De

fato, o formato arquitetônico se assemelha à letra “U”, conforme observado na Figura 50, a seguir.

Figura 50 – *Grupo Escolar Ana Facó*



Fonte: Adaptado de Colaço, Oliveira e Almeida (2003).

Esse formato conferiu identidade ao espaço, como um valor fundamental à educação. Após a conclusão da obra, Antônio Carlos de Queiroz Facó doou o prédio ao governo do Ceará e solicitou que a escola recebesse o nome de sua irmã, como forma de homenageá-la.

O *Grupo Escolar Ana Facó* foi inaugurado em 1947, e sua estrutura arquitetônica permanece conservada ao longo das décadas. Essa homenagem representa o reconhecimento do legado de Anna Facó e seu compromisso com a educação e consolida Antônio Carlos de Queiroz Facó como benfeitor da educação em Beberibe, cuja contribuição na fundação do *Grupo Escolar Ana Facó* reverbera nos dias atuais. Seu gesto vai além da estrutura física que construiu, inserindo-se na memória coletiva educacional.

O hino oficial da Escola de Ensino Médio Ana Facó, composto por Éder de Oliveira Lima (letra) e Sávio Monteiro Cartaxo (música), foi selecionado em um concurso realizado pela escola em 7 de junho de 2002:

A tua vontade atravessa os portões
Educar tá no teu coração
Firme e Forte, a jangada da vida
Consagrar e formar cidadãos

[...]

Ana Facó o teu nome é orgulho

**Ou aprendo contigo ou não
Tua força está na tua forma
Forma de “U” reflete união**

Comparamos a tua existência
À um feito de força divina
Tua alma, tua onipotência
Oferece, recebe, ensina
Grifo nosso, (Colaço; Oliveira; Almeida, 2003, p. 86).

O hino, entoado em momentos solenes, resgata a memória de Anna Facó, promovendo reflexões sobre a função social da escola. A educação, como instrumento de transformação de vidas, também tem o poder de modificar a realidade social por meio do acesso ao ensino público.

É nesse contexto que a construção do grupo escolar em Beberibe pode ser compreendida como a “materialização de um legado”. Evidencia-se a trajetória de Anna Facó na educação e seu impacto na vida de pessoas que partilharam com ela esse propósito. Assim, a fundação do primeiro grupo escolar de Beberibe representou um marco fundamental na democratização do ensino em meados do século XX, proporcionando um espaço de aprendizagem, sobretudo para aqueles em maior vulnerabilidade econômica.

4.2.1 Inauguração do Grupo Escolar Ana Facó

A solenidade de inauguração do *Grupo Escolar Ana Facó* ocorreu em 27 de fevereiro de 1947, durante o governo de Faustino de Albuquerque. O evento marcou a história da comunidade, celebrando a primeira escola pública da região. Embora ocorrida dois anos antes do falecimento de Antônio Carlos de Queiroz Facó, em 1949, ele não participou da inauguração. Para Colaço, Oliveira e Almeida (2003), o grupo escolar na época oferecia o ensino primário, e participaram da inauguração várias autoridades locais e convidados, entre os presentes, Juarez de Queiroz Ferreira, prefeito de Cascavel, o padre Francisco de Assis Portela e Eduardo Wimer, representante de editora.

Estiveram presentes à cerimônia, além de autoridades, membros da tradicional família Facó e outras pessoas especialmente convidadas, o prefeito de Cascavel, sr. Juarez de Queiroz Ferreira, o padre Francisco de Assis Portela, e o Sr. Eduardo Wimer, representante da Companhia Editora Nacional, o qual em nome daquela conceituada firma, ofertou grande quantidade de livros didáticos aos alunos do Grupo Escolar Ana Facó. Durante a solenidade, usaram da palavra a srta. Luiza Facó, que homenageou a memória de D. Ana Facó e enalteceu o gesto do dr. Antonio Carlos de Queiroz Facó, e a senhora Luiza Martins Pereira, professora local, que discorreu acerca das vantagens que advirão para Beberibe como funcionamento do Grupo (Colaço; Oliveira; Almeida, 2003, p. 6).

Durante a solenidade, houve discursos que ressaltaram a importância da nova instituição para a comunidade e o impacto que ela teria no desenvolvimento educacional de Beberibe. Luiza Facó, primeira diretora do grupo, homenageou a memória de Anna Facó e o gesto de Antônio Carlos de Queiroz Facó, que investiu parte de sua herança na construção da escola. A professora Luiza Martins Pereira discursou sobre os benefícios que a nova escola traria para a educação de Beberibe. A Figura 51, a seguir, registra o momento da inauguração do grupo.

Figura 51 – *Grupo Escolar Ana Facó* com alunos na inauguração



Fonte: Colaço, Oliveira e Almeida (2003).

Na inauguração, em 1947, o *Grupo Escolar Ana Facó* recebeu seus primeiros alunos. Esse momento proporcionou o acesso à educação para muitos filhos de agricultores, pescadores e trabalhadores da região.

A comunidade participou no apoio ao grupo recém-construído. Segundo Colaço, Oliveira e Almeida (2003), destaca-se Mazé Bessa, que participou ativamente da organização das festividades e contribuiu com registros fotográficos que foram doados ao acervo da escola.

Na Figura 52, constatamos a presença da comunidade no dia da inauguração do *Grupo Escolar Ana Facó*. Ainda segundo Colaço, Oliveira e Almeida (2003, p. 6), nesse dia, encerrando a solenidade, o Padre Francisco de Assis Portela dirigiu o discurso de

congratulação à comunidade, enaltecendo o “régio presente” (grupo escolar) que o engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó proporcionou às crianças.

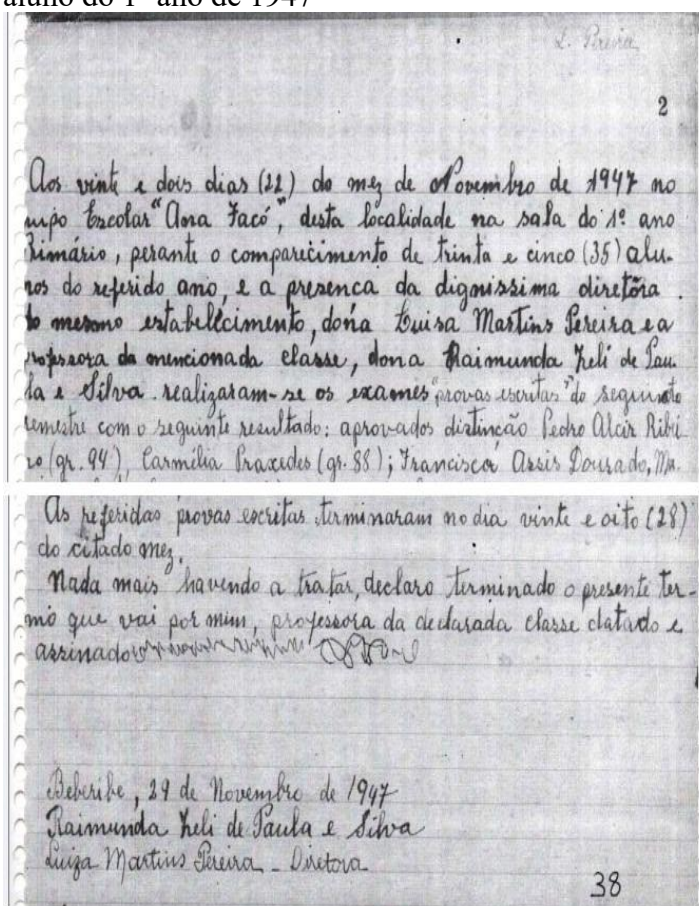
Figura 52 – Solenidade de inauguração do *Grupo Escolar Ana Facó*



Fonte: Colaço, Oliveira e Almeida (2003).

Pedro Alcir Ribeiro, um dos primeiros alunos do 1º ano do *Grupo Escolar Ana Facó*, deixou consignado no Memorial da escola o registro histórico de sua alegria no primeiro dia de aula. Apresentamos, na Figura 53, o relato dele e uma Ata de Resultados Finais dos trinta e cinco alunos matriculados no primeiro ano, assinada pela professora Raimunda Zeli de Paula e Silva e pela diretora Luiza Martins Pereira do *Grupo Escolar Ana Facó*, em 29 de novembro de 1947. Na Ata consta o resultado da aprovação, com distinção, de Pedro Alcir Ribeiro.

Figura 53 – Ata de resultados finais do *Grupo Escolar Ana Facó* 1947 com o relato de um aluno do 1º ano de 1947



PEDRO ALCIR RIBEIRO
- Aluno do Grupo Escolar Ana Facó -

Eu, Pedro Alcir Ribeiro, nasci em 08/06/1936, filho de Pedro Mamede Ribeiro e Maria Augusta Ribeiro, natural de Beberibe – Ce, residente no Sítio Leite, tenho a satisfação de fazer parte deste insigne memorial, como um dos primeiros alunos do Grupo Escolar Ana Facó, no ano de 1947.

Meu primeiro dia de aula foi maravilhoso. Fiquei encantado quando entrei nesta Escola que, para mim representava um sonho. A mesma tinha seis salas de aula e a sua forma era como se fosse a letra “U”. Ficava localizada no centro da Cidade de Beberibe, numa área privilegiada, cercada pelas areias brancas e soltas e brincávamos na hora do recreio.

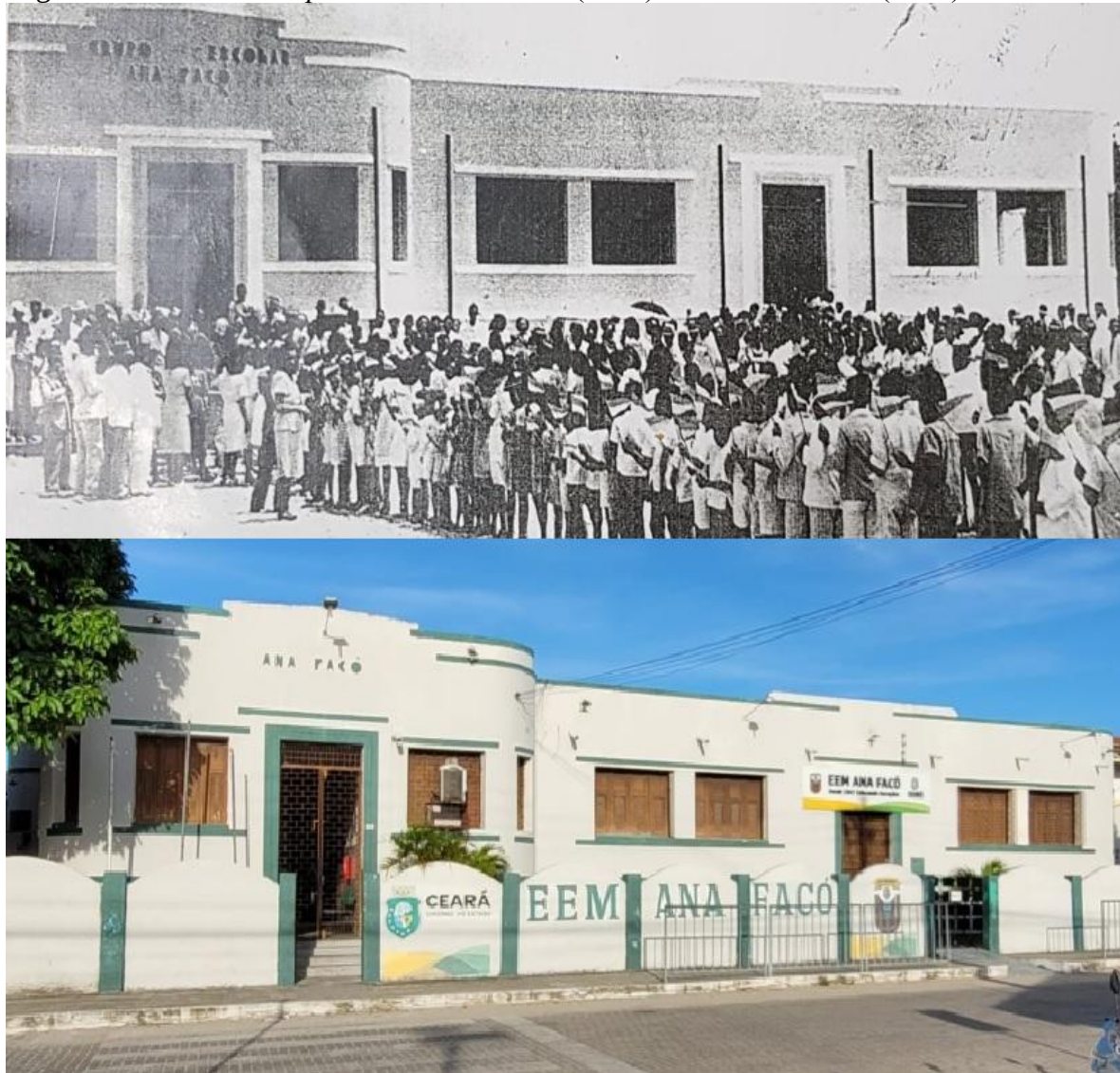
Fonte: Adaptado de Colaço, Oliveira e Almeida (2003, p. 38-39).

Pedro Alcir Ribeiro descreve que o seu primeiro dia de aula representou um sonho conquistado, um dia maravilhoso e cheio de encantos, descrevendo a escola no formato de “U” que na época tinha seis salas de aula.

A seguir, na Figura 54, apresentamos uma montagem comparativa entre a estrutura arquitetônica de 1947 e uma foto da fachada da escola no ano de 2023. Observamos a conservação do patrimônio material que permanece preservado até os dias atuais, que

reverbera no patrimônio imaterial deixado pelos beberibenses, pois possibilitou a oferta da educação pública para o município de Beberibe.

Figura 54 – Foto do *Grupo Escolar Ana Facó* (1947) e *EEM Ana Facó* (2023)



Fonte: Adaptação de foto atual e foto do *Memorial Grupo Escolar Ana Facó 1947-2003* (Colaço; Oliveira; Almeida, 2003).

Atualmente, a *Escola de Ensino Médio Ana Facó* oferta Ensino Médio regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) nível médio. A estrutura arquitetônica foi acrescentada, ao longo dos seus 78 anos, de outros espaços, no entanto, a preservação do prédio escolar permanece como pilar fundamental na instituição, que representa um patrimônio material e imaterial para a comunidade beberibense.

Na Figura 55, apresentamos a *Escola de Ensino Médio Ana Facó*, que, mesmo com a ampliação de espaços, como salas de aula, pátio, quadra poliesportiva, auditório e

laboratório multidisciplinar, mantém preservada a estrutura arquitetônica inicial, idealizada pelo engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó.

Figura 55 – *Escola de Ensino Médio Ana Facó* (2025)



Fonte: Doadada pela gestão da escola (2025).

Consolidada na história educacional de Beberibe desde 1947, a *Escola de Ensino Médio Ana Facó* mantém viva a memória de Anna Facó, sua contribuição como professora e também diretora escolar, continuando a inspirar os educadores. Assim, Antônio Carlos de Queiroz Facó e Anna Facó representam um legado de compromisso com a educação cearense.

5 CONCLUSÃO

Vimos que a história do município de Beberibe, desde seu povoamento até a sua emancipação, entrelaça-se, nos primeiros anos, com a história da família de Anna Facó, seja pela escolha em fixar residência no antigo distrito de Cascavel – no início do século XIX, colaborando com seu povoamento, a partir dos sítios Lucas e Bom Jardim e, posteriormente, no local onde hoje se encontra o centro da cidade – seja pela participação na luta por sua emancipação política, em 1951.

Anna Facó, em vida, deixou sua contribuição para o reconhecimento da história e da cultura dos povos originários ao utilizar um pseudônimo de origem indígena para assinar seus romances. Embora a luta pela posse de terras no Ceará tenha levado à morte e à expulsão de indígenas, em Beberibe, permanece viva parte de seu legado cultural nos nomes de muitas localidades e distritos do município, provavelmente herança dos povos Jenipapo e Tapuio, que se estabeleceram na região, favorecidos pela rica hidrografia do município, composta por lagoas e rios que conectam o sertão ao litoral.

Reconhecendo também o processo de constituição do povo brasileiro como diverso e fruto da miscigenação, Anna Facó recupera, por meio do pseudônimo **Nitio-abá** em seus romances, um sentimento de identidade com os povos originários, promovendo a valorização da cultura indígena brasileira e preservando a memória desses povos, historicamente invisibilizados. Em suas obras, abordou ainda temas sensíveis, como a condição da mulher, desvalorizada e pouco reconhecida na época.

Nesse contexto, o Rio Piranji, no sertão de Beberibe, foi o cenário escolhido para seu romance *Rapto Jocosos*, destacando o município como palco do romance cearense. Anna Facó utilizou a escrita como instrumento revolucionário de reflexão social, denunciando a vulnerabilidade da mulher, submetida a um papel secundário no relacionamento e privada de espaço para desenvolver seu potencial, além de tratar temas relevantes para a formação pedagógica e moral.

Podemos destacar também que Anna Facó registrou sua vida em versos, por meio de suas obras. Em sua autobiografia contida na obra *Páginas Íntimas*, sintetizou sua vida em uma estrofe, que posteriormente tentaremos interpretar: “Minha infância foi manhã clara, mas não festiva; minha mocidade, sol no pino em dia chuvoso; minha velhice, sol no accaso, em tarde sombria. Oxalá seja ao menos sadia, placida, e não cause grande incommodo a ninguém” (*sic*) (Facó, 1938c, p. 124).

Portanto, sua infância, descrita poeticamente “manhã clara, mas não festiva”, reflete a alegria do convívio familiar, porém marcada por um contexto socioeconômico desafiador típico das famílias nordestinas da época. Com poucos recursos financeiros e a morte dos pais, passou a depender da família para seu sustento. Apesar da deficiência visual em uma época em que não havia especialistas em optometria, bem como a escassez de escolas, Anna Facó foi alfabetizada pelo irmão e somente aos 14 anos pôde frequentar uma instituição escolar. Constituem-se, assim, os seus primeiros desafios: a realidade socioeconômica, a perda de entes queridos, a saúde frágil e a falta de oportunidades educacionais.

Na juventude, simbolizada pelo “sol no pino em dia chuvoso” podemos interpretar que a mocidade de Anna Facó foi bem intensa. Aos 26 anos, junto com os irmãos, teve participação ativa na campanha abolicionista, libertando os escravos de posse de sua família. Esse gesto conecta-se às lutas atuais contra o preconceito racial e pela igualdade de condições. Entre conquistas e obstáculos, seguiu enfrentando medos e restrições. Uma das maiores alegrias foi o ingresso na *Escola Normal*, que marcou o início de sua trajetória profissional, permeada por lutas, encontros e desencontros, especialmente no que diz respeito à afirmação do papel da mulher em uma sociedade patriarcal.

Na velhice, Anna Facó descreve que foi como “sol no acaso em tarde sombria”. Compreendemos que sua deficiência visual já comprometia o exercício do magistério e dificultava a escrita, que para ela era a forma de expressar seus sentimentos, de gerar reflexões e aperfeiçoar a prática pedagógica, inovando os métodos de ensino. De sua aposentadoria em 1913 até o seu falecimento em 1926, viveu poucos anos, ratificando sua intenção, segundo seus próprios versos, de não causar incômodo a ninguém.

Essa trajetória nos permitiu refletir sobre as jornadas por instrução de muitas famílias nordestinas, inclusive a nossa, e continua sendo um grande desafio atual, sobretudo nas áreas rurais e mais acentuado no acesso ao nível superior. Muitos estudantes precisam deixar seus municípios rumo a grandes centros urbanos e, frequentemente, abandonam os estudos por falta de condições e apoio financeiro. A trajetória de Anna Facó reflete a superação de uma realidade frequentemente invisível aos olhos do poder público, de garantir o direito a uma educação pública e de qualidade.

Destacamos que a *Escola Normal*, destino de muitas mulheres da época que se dedicaram aos estudos, representou, para Anna Facó e certamente para muitas normalistas, um espaço de desenvolvimento pessoal e profissional, onde pôde deixar seu legado como educadora e escritora, tornando-se porto seguro para muitos dos seus familiares. Sua trajetória

formativa e profissional revela a educação como instrumento de independência e espaço de transformação social. Foi na *Escola Normal* que desenvolveu suas potencialidades e deixou com o seu trabalho marcas indeléveis na educação e literatura do seu tempo.

Conhecer a trajetória de Anna Facó é parte essencial do processo de construção historiográfica da educação no Ceará, sobretudo em razão de sua atuação tanto no campo educacional quanto no literário. Esse reconhecimento é necessário e, ao mesmo tempo, fascinante, exigindo leitura atenta dos fatos, das pessoas e do tempo em que viveu. Reconhecendo essa memória na educação cearense, a vida, o trabalho e a produção literária de Anna Facó impactaram o passado e reverberam até hoje.

No contexto literário cearense, marcado por autores homens no final do século XIX e início do século XX, Anna Facó se destacou, rompendo paradigmas e deixando um legado importante enquanto mulher. Em resumo, como escritora, publicou romances em jornais, escreveu livros; como professora, inovou elaborando métodos de ensino utilizando textos didáticos voltados para a formação integral da criança; como gestora, enfrentou uma sociedade conservadora e patriarcal, dedicando-se com compromisso ao magistério. Sua contribuição no cenário pedagógico e literário se destaca pela sua utilização da escrita como enfrentamento das barreiras sociais impostas às mulheres no século XIX. Sua memória representa a luta das mulheres por espaços de participação na sociedade.

Desse modo, Anna Facó se destacou na educação pública ao criar e aplicar métodos de ensino inovadores, como a educação à distância por meio de jornais impressos, além da escrita de contos como estratégia pedagógica para o ensino de valores morais. Demonstrava, assim, uma preocupação genuína com a formação moral das crianças. Seu exemplo antecipou práticas hoje presentes nas escolas de tempo integral, como os itinerários formativos, que incluem a disciplina de projeto de vida que contempla competências socioemocionais.

Além disso, Anna Facó rompeu os limites da escola da sua época, projetando-se para além dos muros da escola ao utilizar os jornais como meio de alfabetizar e incentivar a leitura. Podemos dizer que incentivou a educação à distância, expandindo um pouco o conhecimento na sua época.

Como gestora do *Primeiro Grupo Escolar* de Fortaleza, onde permaneceu até sua aposentadoria, Anna Facó procurou exercer a função buscando melhores condições de ensino para os estudantes. Em sua trajetória, impulsionou sonhos e alimentou a esperança de dias melhores para seus conterrâneos. Hoje, seu legado continua pujante e se materializa no reconhecimento dado pela *Escola de Ensino Médio Ana Facó*, no município de Beberibe.

Por fim, Anna Facó honrou o magistério ao inovar em suas práticas pedagógicas, criando diversos meios didáticos para a facilitação do processo de ensino-aprendizagem, e na formação moral das crianças. Dotada de notável habilidade literária, deixou contribuições à literatura e à pedagogia, além de defender uma educação voltada ao pensamento reflexivo e ao esclarecimento, em oposição às punições tradicionais, como o uso da palmatória.

Reconhecida em vida e homenageada após sua morte, Anna Facó ainda é lembrada como exemplo de educadora e referência da literatura local. Sua trajetória singular inspira reflexões sobre a dedicação ao projeto de educação popular, sobretudo das crianças pobres. Seu legado foi materializado na construção do *Grupo Escolar Ana Facó*, no município de Beberibe, o qual constitui um patrimônio material e imaterial para os cearenses.

Concluindo, buscamos nesta pesquisa reconstituir a trajetória de Anna Facó, priorizando as evidências que ratificassem o percurso histórico por ela vivido. Cada achado, seja um simples arquivo hemerográfico ou uma fonte bibliográfica, foi fundamental para esta escrita. Desse modo, não podemos afirmar que encerramos a descrição da trajetória de Anna Facó, pois há muito ainda a ser revelado. Contudo, deixamos um ponto de partida para futuras pesquisas, que certamente contribuirão para ampliar a compreensão sobre a sua vida.

REFERÊNCIAS

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **O Cearense (CE) – 1846 a 1891**, ano 36, ed. 47, p. 1, 2 mar. 1882. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&pasta=ano%20188&pesq=manumiss%C3%A3o&pagfis=13409>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE) – 1881 a 1890**, ano 6, ed. 296, p. 3, 28 dez. 1886. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=229865&Pesq=anna%20fac&pagfis=2890>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE) – 1881 a 1890**, ano 7, ed. 57, p. 2, 26 fev. 1887. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=229865&Pesq=anna%20fac&pagfis=3122>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE) – 1881 a 1890**, ano 7, ed. 100, p. 1, 11 abr. 1887. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=229865&Pesq=anna%20fac&pagfis=3293>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Pedro II (CE) - 1840 a 1889**, ano 48, ed. 97, p. 1, 4 dez. 1887. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=216828&pesq=anna%20fac&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11761>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE) – 1890 a 1899**, ano 20, ed. 13, p. 3, 17 jan. 1890. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=229865&pagfis=4259>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **A Republica: Fusão do Libertador e Estado do Ceara (CE) – 1892 a 1897**, ano 4, ed. 81, p. 3, 11 abr. 1894. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=801399&pasta=ano%20189&pesq=ana%20%20fac%C3%B3&pagfis=2056>. Acesso em: 24 maio 2025.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911**, ano 1, ed. 1, p. 3, 16 mar. 1904. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=231894&pesq=1904&pagfis=3>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 1, ed. 4, p. 4, 23 mar. 1904. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=231894&pesq=1904&pagfis=16>.
Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 1, ed. 7, p. 3, 30 mar. 1904. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=231894&pesq=1904&pagfis=27>.
Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 1, ed. 14, p. 3, 14 abr. 1904. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=231894&pesq=1904&pagfis=55>.
Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 3, ed. 586, p. 2, 11 jan. 1907. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=231894&pasta=ano%20191&pagfis=1226>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 532, p. 1, 3 maio 1907. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1417>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 537, p. 1, 10 maio 1907. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1437>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 543, p. 1, 17 maio 1907. Disponível em:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1461>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 549, p. 2, 24 maio 1907. Disponível em:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1486>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.
Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 553, p. 2,

31 maio 1907. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1502>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 559, p. 1, 7 jun. 1907. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1525>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 564, p. 1, 14 jun. 1907. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1545>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 574, p. 1, 28-29 jun. 1907. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1585>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 578, p. 1, 5 jul. 1907. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&Pesq=anna%20faco&pagfis=1601>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 597, p. 1, 2 ago. 1907. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=231894&pasta=ano%20191&pagfis=1677>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 599, p. 1, 6 ago. 1907. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&pesq=anna%20fac%C3%B3&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=1685>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital.

Jornal do Ceará: Político, Comercial e Noticioso (CE) – 1904 a 1911, ano 4, ed. 750, p. 1, 15 fev. 1908. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=231894&pesq=anna+faco&pasta=ano+190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2275>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **O**

Rebate: jornal independente (CE) – 1907 a 1913, ano 6, ed. 4, p. 1, 1 fev. 1913. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721255x&pesq=anna&pagfis=1095>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Relatório da Diretoria Geral de Higiene (CE) - 1894 a 1920**, ed. 6, p. 211-219, 1913.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=391883&pesq=d.%20Anna%20Fac%C3%B3&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1796>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Correio da Manhã (RJ) – 1920 a 1929**, ano 26, ed. 9641, p. 11, 27 jun. 1926. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_03&pasta=ano%20192&pesq=ana%20fac%C3%B3&pagfis=26211. Acesso em: 6 mar. 2024.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL. Hemeroteca Digital. **Âncora (CE) – 1946 a 1954**, ano 5, ed. 34, p. 4, 29 jan. 1952. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=844047&pasta=ano%20195&pesq=anna%20fac%C3%B3&pagfis=178>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ALBUQUERQUE, Edson Pereira de. **Os desbravadores do Nordeste brasileiro no séc. XVII: a saga de Pe. Antônio Vieira e Jerônimo de Albuquerque Maranhão em Beberibe-CE**. Fortaleza: Karuá, 2018. 248 p.

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres Beletristas e Educadoras: Francisca Clotilde na Sociedade Cearense – de 1862 a 1935**. 2012. 356f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

AMARAL, Maria Geraldina Alves do. Ana Facó. In: GALENO, Henriqueta. **Mulheres do Brasil: pensamento e ação**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971. v. 1. p. 71- 100.

ANDRADE, Francisco Ari de. A prática da leitura, o exemplo e a educação moral na escola primária. **Inter-Ação – Revista da Faculdade de Educação da UFG**, Goiânia, v. 43, n. 1, p. 18-34, jan./ abr. 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52100>. Acesso em: 6 mar. 2024.

ANDRADE, Francisco Ari; LOBATO, Ana Maria Leite. A mãe ensina, o filho aprende as lições do ABC pelo jornal. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 13, n. 54, p. 144–155, 2014. DOI: 10.20396/rho.v13i54.8640174. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640174>. Acesso em: 16 jan. 2025.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (NIREZ). **Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001. v. 1. 391 p.

BARROSO, Olga Monte. **Quem são elas**. Ilust. por Aldemir Martins. Fortaleza: IOCE, 1992. 205 p.

BEBERIBE. Prefeitura Municipal. **Portal da Prefeitura Municipal de Beberibe**. Dados do município. Disponível em: <https://beberibe.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 5 set. 2024.

BEBERIBE. Prefeitura Municipal. Secretaria de Administração e Planejamento. **Mapa geográfico do Município de Beberibe**. 2023, Arquivo digital.

BESSA, Evânio Reis *et al.* **Cascavel**: Ceará 326 anos. 3. ed. Fortaleza: Premius Gráfica e Editora, 2021. 400 p.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Revisor António Branco Vasco. Portugal: Porto Editora, 1994. 335 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 57. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção Primeiros Passos; 20).

BRASIL. **Lei nº 14.986**, de 25 de setembro de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País. Brasília, DF: Casa Civil, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14986.htm. Acesso em: 5 set. 2025.

BUENO, Silveira. **Vocabulário tupi-guarani-português**. 5. ed. rev. aum. São Paulo: Brasilivros Editora, 1987. 629 p.

CARVALHO, Cláudia Pereira de Jesus. Memória e literatura: reflexões a partir das biografias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 21, p. 1–14, 2025. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/2033>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário tupi (antigo) português**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.

CASTRO, Carla. **Resquícios de memória**: dicionário biobibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século XIX. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. 372 p.

COLAÇO, Soraia. **Beberibe, a história de um povo**. Fortaleza: OMNI, 2008. 192 p.

COLAÇO, Soraia. **Beberibe**: a história de um povo: diversidade e identidade cultural. 2. ed. rev. ampl. atual. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013. 271 p.

COLAÇO, Valdiva; OLIVEIRA, Maria do Carmo Camelo; ALMEIDA, Francisco Válter Carvalho de (Org.). **Memorial Grupo Escolar Ana Facó (1947-2003)**. Administração Maria Edinir dos Santos. Colaboradores, Maria Edinir dos Santos e Maria do Socorro Evangelista Lourenço Silva. Beberibe-CE, 2003. 150 p.

CUNHA, Cecília Maria. **Além do Amor e das Flores**: Primeiras Escritoras Cearenses. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008. 232 p.

FACÓ, Anna. **Comédias e cançonetas**. [S.l.: s.n.], 1937a. Póstumo. 335 p.

FACÓ, Anna. **Poesias**. [S.l.: s.n.], 1937b. Póstumo. 140 p.

FACÓ, Anna. **Rapto jocoso**: romance popular histórico. [S.l.: s.n.], 1937c. Póstumo. 185 p.

FACÓ, Anna. **Minha palmatoria**. [S.l.: s.n.], 1938a. Póstumo. 143 p.

FACÓ, Anna. **Nuens**. [S.l.: s.n.], 1938b. Póstumo. 253 p.

FACÓ, Anna. **Páginas Íntimas**. [S.l.: s.n.], 1938c. Póstumo. 124 p.

FACÓ, Boanerges. **Cadernos de Lembranças**. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1957. v. 1.

FACÓ, Boanerges. **José Balthazar Ferreira Facó (in memoriam)**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Imprensa Nacional, 1962.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**: dos índios à geração cambéba. Fortaleza: Tropical, 1997. 294 p.

FEITOSA, Adriana Madja dos Santos. **O pedagogo José de Barcellos e a formação do professor primário no Ceará (1856-1891)**. 2024. 303 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

FONTENELE, Maria do Carmo Carvalho. **Pioneiras em evidência**. Fortaleza: Destak, 2000. 160 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 256 p.

GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário da literatura cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987. 234 p.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”? (Aufklärung). In: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Tradução: Floriano de Sousa Fernandes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-117.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 3. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 2002. 107 p.

LOPES, Fátima Maria Nobre; SILVA FILHO, Adauto Lopes. Elementos de uma ética fundamental: a obtenção do bem humano. In: LOPES, Fátima Maria Nobre *et al.* (org.). **Temas de Filosofia e de História da Educação**: bases teóricas e experienciais. Curitiba: CRV, 2018. p. 15-28.

MONTENEGRO, Abelardo Fernando. **O romance cearense**. Fortaleza: Tipologia Royal, 1953. 127 p.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. 384 p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação.** Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 592p.

SILVA, Régia Agostinho da. **Entre mulheres, história e literatura:** um estudo do imaginário em Emília de Freitas e Francisca Clotilde. 2003. 199f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43813>. Acesso em: 4 set. 2025.

STUDART, Guilherme Chambly. **Dicionário Biobibliográfico Cearense.** 2. ed. Fortaleza: Tipografia Progresso, 1980. v. 1. 348 p.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da educação no Ceará:** sobre promessas fatos e feitos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 400 p.

XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. **História, Memória e Educação:** aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p.

ANEXO A – CERTIDÃO DE COMPRA DO TERRENO DO GRUPO ESCOLAR ANA FACÓ

[illegible]

ANEXO B – DECRETO Nº 11493, DE 17 DE OUTUBRO DE 1975

QUINTA-FEIRA, 30

DIÁRIO OFICIAL (Estado do Ceará-Brasil)

OUTUBRO DE 1975 (8922)

DECRETO Nº 11.493, DE 17 DE OUTUBRO DE 1975

Ratifica a criação, de Grupos Escolares com transformação em Escolas do 1.º Grau.

O Governador do Estado do Ceará, no uso da atribuição que lhe confere o Art. 91, Item III, da Constituição do Estado,

D E C R E T A :

Art. 1.º — Ficam ratificados todos os atos de criação dos Grupos Escolares constantes da relação discriminativa publicada em Anexo do presente Decreto, da Capital e das Delegacias do Interior do Estado, Grupos esses que, de já, ficam transformados em ESCOLAS DO 1.º GRAU, na forma da legislação própria em vigor.

Art. 2.º — As Unidades Escolares constantes da discriminativa de que trata o Art. 1.º, que ainda não tiveram publicados os seus atos de criação legal, ficam, pelo presente, criados como Escolas do 1.º Grau, para os fins e na forma da legislação em vigor.

Art. 3.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Ceará, em Fortaleza, aos 17 de outubro de 1975.

ADAUTO BEZERRA

Mário Serpa

Anexo Discriminativo de que trata o artigo 1.º, do Decreto de 17 de outubro de 1975, e que contém as Escolas do 1.º Grau criadas por referido Decreto, na Capital e no Interior do Estado.

Relação de Escolas pertencentes à Delegacia Regional de Educação da 1.ª Região — FORTALEZA

ZONA METROPOLITANA — CAPITAL

01. Escola de 1.º Grau Antônio Bezerra
02. Escola de 1.º Grau Antônio Sales
03. Escola de 1.º Grau Bárbara de Alencar
04. Escola de 1.º Grau Cabo Valdemar Carneiro de Brito
05. Escola de 1.º Grau Capitão Correia Lima
06. Escola de 1.º Grau Centro Educ. Pe. João Piamarta
07. Escola de 1.º Grau Centro dos Retalhistas
08. Escola de 1.º Grau Centro Educacional Moema Távora
09. Escola de 1.º Grau Cláudio Martins
10. Escola de 1.º Grau Clóvis Bevilacqua
11. Escola de 1.º Grau Complexo Escolar Antonieta Siqueira
12. Escola de 1.º Grau Darcy Vargas
13. Escola de 1.º Grau Prof. Domingos Brasileiro
14. Escola de 1.º Grau Dom Manuel da Silva Gomes
15. Escola de 1.º Grau Dom Antônio de Almeida Lustosa
16. Escola de 1.º Grau Dom Helder Câmara
17. Escola de 1.º Grau Doutor César Cals
18. Escola de 1.º Grau Dragão do Mar
19. Escola de 1.º Grau Duque de Caxias
20. Escola de 1.º Grau Eduardo Campos
21. Escola de 1.º Grau Silva Pinho
22. Escola de 1.º Grau Arquiteto Rogério Froes
23. Escola de 1.º Grau Estado de Alagoas
24. Escola de 1.º Grau Estado do Amazonas
25. Escola de 1.º Grau Estado do Maranhão
26. Escola de 1.º Grau Estado do Pará
27. Escola de 1.º Grau Estado do Paraná
28. Escola de 1.º Grau General Eudoro Correa
29. Escola de 1.º Grau Externato São Rafael
30. Escola de 1.º Grau Externato São Vicente de Paula
31. Escola de 1.º Grau Felix de Azevedo
32. Escola de 1.º Grau Figueiredo Correia
33. Escola de 1.º Grau Governador Flávio Marcílio
34. Escola de 1.º Grau Deputado Fêo. de Almeida Monte
35. Escola de 1.º Grau General Tibúrcio
36. Escola de 1.º Grau Hermínio Barroso
37. Escola de 1.º Grau Heráclito de Castro e Silva
38. Escola de 1.º Grau Hermenegildo Firmeza
39. Escola de 1.º Grau Hílza Diogo de Oliveira
40. Escola de 1.º Grau Honório Bezerra
41. Escola de 1.º Grau Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco
42. Escola de 1.º Grau Instituto Cearense de Educação de Surdos
43. Escola de 1.º Grau Instituto dos Cegos

44. Escola de 1.º Grau Johnson
45. Escola de 1.º Grau José de Alencar
46. Escola de 1.º Grau Joaquim Antônio Albano
47. Escola de 1.º Grau José Aurélio Camarã
48. Escola de 1.º Grau José Barcelos
49. Escola de 1.º Grau José Bonifácio de Sousa
50. Escola de 1.º Grau João Mattos
51. Escola de 1.º Grau José Mário Giffoni
52. Escola de 1.º Grau Joaquim Moreira de Sousa
53. Escola de 1.º Grau Joaquim Nogueira
54. Escola de 1.º Grau Joaquim Távora
55. Escola de 1.º Grau José Valdo Ramos
56. Escola de 1.º Grau Juvenal Galeno
57. Escola de 1.º Grau Júlia Giffoni
58. Escola de 1.º Grau Lúcia Jangada
59. Escola de 1.º Grau Martins de Aguiar
60. Escola de 1.º Grau Matias Beck
61. Escola de 1.º Grau Padre Marcelino Champagnat
62. Escola de 1.º Grau Manoel Cordelino Neto
63. Escola de 1.º Grau Marcelino Dias
64. Escola de 1.º Grau Marechal Juarez Távora
65. Escola de 1.º Grau Maria José Medeiros
66. Escola de 1.º Grau Mariano Marinho
67. Escola de 1.º Grau Maria Meneses de Serpa
68. Escola de 1.º Grau Maria Thomásia
69. Escola de 1.º Grau Mercelinos
70. Escola de 1.º Grau Mestre Jerônimo
71. Escola de 1.º Grau Moura Brasil
72. Escola de 1.º Grau Monsenhor Dourado
73. Escola de 1.º Grau Monsenhor Hélio Campos
74. Escola de 1.º Grau Narcisa Borges
75. Escola de 1.º Grau Noel Huguen de Oliveira Pélva
76. Escola de 1.º Grau Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
77. Escola de 1.º Grau Prof. Paulo Ayrton de Araújo
78. Escola de 1.º Grau Padre João Piamarta
79. Escola de 1.º Grau Paróquia da Paz
80. Escola de 1.º Grau Padre Rocha
81. Escola de 1.º Grau Paulo Sarasate
82. Escola de 1.º Grau Paulo VI
83. Escola de 1.º Grau Polivalente Modelo de Fortaleza
84. Escola de 1.º Grau Presidente Roosevelt
85. Escola de 1.º Grau Renato Braga
86. Escola de 1.º Grau Rodolfo Teófilo
87. Escola de 1.º Grau Santo Afonso
88. Escola de 1.º Grau Sebastiana Aldemuri
89. Escola de 1.º Grau São Cora D'Ar
90. Escola de 1.º Grau Sales Campos
91. Escola de 1.º Grau São José dos Arpoadores
92. Escola de 1.º Grau Santa Tereza
93. Escola de 1.º Grau Senador Fernandes Távora
94. Escola de 1.º Grau Visconde do Rio Branco
95. Escola de 1.º Grau Virelho Távora
96. Escola de 1.º Grau Waldemar Falcão
97. Escola de 1.º Grau Walter de Sá Cavalcante
98. Escola de 1.º Grau Ana Bezerra de Sá — Aquirás
99. Escola de 1.º Grau de Aquirás — Aquirás
100. Escola de 1.º Grau Osvaldo Studart — Aquirás
101. Escola de 1.º Grau Branca Carneiro de Mendonça — Caucaia
102. Escola de 1.º Grau Cauana — Caucaia
103. Escola de 1.º Grau José Alexandre — Caucaia
104. Escola de 1.º Grau Taberna — Caucaia
105. Escola de 1.º Grau Antônio M. de Abreu — Maranguape
106. Escola de 1.º Grau Bárbara de Alencar — Maranguape
107. Escola de 1.º Grau Capistrano de Abreu — Maranguape
108. Escola de 1.º Grau Carneiro de Mendonça — Maranguape
109. Escola de 1.º Grau Clóvis Monteiro — Maranguape
110. Escola de 1.º Grau de Jubala — Maranguape
111. Escola de 1.º Grau Luiz Gêro — Maranguape
112. Escola de 1.º Grau Tenente Mário Lima — Maranguape
113. Escola de 1.º Grau Est. do R. G. do Norte — Maranguape
114. Escola de 1.º Grau Manoel S. Barbosa — Maranguape
115. Escola de 1.º Grau Eunice Weaver — Maranguape
116. Escola de 1.º Grau Paulo Sarasate — Maranguape
117. Escola de 1.º Grau Raimundo Cirino — Maranguape
118. Escola de 1.º Grau Cristiana de Albuquerque — Pacatuba
119. Escola de 1.º Grau de Gualuba — Pacatuba

Relação de Escolas pertencentes à Delegacia Regional de Educação da 1.ª Região — FORTALEZA.

ZONA INTERIORANA

01. Escola de 1.º Grau São Sebastião — Apucarana
02. Escola de 1.º Grau Alberto Pinto — Aracatiaba
03. Escola de 1.º Grau de Ideal — Aracatiaba

04. Escola de 1.º Grau de Vazantes — Aracolaba
 05. Escola de 1.º Grau de Aratuba — Aratuba
 06. Escola de 1.º Grau Dom Pedro II — Baturité
 07. Escola de 1.º Grau Estevão Alves da Rocha — Baturité
 08. Escola de 1.º Grau Mons. Manuel Cândido — Baturité
 09. Escola de 1.º Grau Ana Facó — Beberibe
 10. Escola de 1.º Grau Dep. Ernesto G. Valente — Beberibe
 11. Escola de 1.º Grau Frei Orlando — Canindé
 12. Escola de 1.º Grau Frei Policarpo — Canindé
 13. Escola de 1.º Grau Monsenhor Tabosa — Canindé
 14. Escola de 1.º Grau Cel. Fco. N. Cavalcanti — Capistrano
 15. Escola de 1.º Grau de Caridade — Caridade
 16. Escola de 1.º Grau de Cascavel — Cascavel
 17. Escola de 1.º Grau de General Sampaio — G. Sampaio
 18. Escola de 1.º Grau de Guaramiranga — Guaramiranga
 19. Escola de 1.º Grau Rodrigo de Argolo Caracas — Guaramiranga
 20. Escola de 1.º Grau Calo Prado — Itapiuna
 21. Escola de 1.º Grau Demócrito Rocha — Itapiuna
 22. Escola de 1.º Grau Franklin Távora — Itapiuna
 23. Escola de 1.º Grau de Itatira — Itatira
 24. Escola de 1.º Grau Padre Maximiano — Mulungu
 25. Escola de 1.º Grau de Pacajus — Pacajus
 26. Escola de 1.º Grau Menezes Pimentel — Pacoti
 27. Escola de 1.º Grau Maria Amélia Perdigão Sampaio — Palmácia
 28. Escola de 1.º Grau José Idelfonso Campos — Palmácia
 29. Escola de 1.º Grau de Paramoti — Paramoti
 30. Escola de 1.º Grau Etelvina Gomes Bezerra — Pentecoste
 31. Escola de 1.º Grau de Matias — Pentecoste
 32. Escola de 1.º Grau Tabelião José Ribeiro Guimarães — Pentecoste
 33. Escola de 1.º Grau Adolfo Ferreira de Sousa — Redenção
 34. Escola de 1.º Grau Camilo Brasiliense — Redenção
 35. Escola de 1.º Grau José Neves de Castro — Redenção
 36. Escola de 1.º Grau Maria do Carmo Bezerra — Redenção
 37. Escola de 1.º Grau Padre Saralva Leão — Redenção
 38. Escola de 1.º Grau Adelino Cunha Alcântara — São Gonçalo Amarante
 39. Escola de 1.º Grau de Croatiá — S. Gonçalo Amarante
 40. Escola de 1.º Grau Valdemar de Alcântara — S. Gonçalo Amarante
 Relação das Escolas pertencentes à Delegacia Regional de Educação da 2a. Região — CRATEÚS
 01. Escola de 1.º Grau Amadeu Catunda — Crateús
 02. Escola de 1.º Grau Lions Club — Crateús
 03. Escola de 1.º Grau Lourenço Filho — Crateús
 04. Escola de 1.º Grau Presidente Eurico Dutra — Crateús
 05. Escola de 1.º Grau Santa Inês — Crateús
 06. Escola de 1.º Grau Virgílio Távora — Crateús
 07. Escola de 1.º Grau Priscila Maciel de França — Hidrolândia
 08. Escola de 1.º Grau de Independência — Independência
 09. Escola de 1.º Grau Presidente Costa e Silva — Independência
 10. Escola de 1.º Grau José Aloisio Aragão — Ipuéiras
 11. Escola de 1.º Grau Padre Angelim — Ipuéiras
 12. Escola de 1.º Grau Vicente Ribeiro Amaral — M. Tabosa
 13. Escola de 1.º Grau Alfredo Gomes — Nova Russas
 14. Escola de 1.º Grau Monsenhor Leitão — Nova Russas
 15. Escola de 1.º Grau Coelho Mascarenhas — Novo Oriente
 16. Escola de 1.º Grau Franklin Távora — Poranga
 17. Escola de 1.º Grau General Sampaio — Tamboril
 18. Escola de 1.º Grau Jader de Figueiredo Correia — Tamboril
 Relação das Escolas pertencentes à Delegacia Regional de Educação da 3a. Região — CRATO
 01. Escola de 1.º Grau Alexandre Arrais Alencar — Crato
 02. Escola de 1.º Grau Dom Quintino — Crato
 03. Escola de 1.º Grau Estado da Bahia — Crato
 04. Escola de 1.º Grau Estado da Paraíba — Crato
 05. Escola de 1.º Grau Francisco José de Brito — Crato
 06. Escola de 1.º Grau Gov. Virgílio Távora — Crato
 07. Escola de 1.º Grau José Alves de Figueiredo — Crato
 08. Escola de 1.º Grau Presidente Vargas — Crato
 09. Escola de 1.º Grau Teodoro Teles de Quental — Crato
 10. Escola de 1.º Grau Santa Tereza — Altaneira
 11. Escola de 1.º Grau Antônio Mota — Antonina do Norte
 12. Escola de 1.º Grau Neomécia Nogueira de Lima — Araripe
 13. Escola de 1.º Grau de Assaré — Assaré
 14. Escola de 1.º Grau de Camões Sales — Campos Sales
 15. Escola de 1.º Grau Presidente Médici — Campos Sales
 16. Escola de 1.º Grau Getúlio Vargas — Farias Brito
 17. Escola de 1.º Grau Pe. Luís Figueiras — Nova Olinda
 18. Escola de 1.º Grau de Potengi — Potengi
 19. Escola de 1.º Grau Profa. Maria Luíza — Santana do Cariri
 20. Escola de 1.º Grau Figueiredo Correia — Várzea Alegre
 21. Escola de 1.º Grau José Correia Lima — Várzea Alegre
 Relação das Escolas pertencentes à Delegacia Regional de Educação da 4a. Região — IGUAU
 01. Escola de 1.º Grau Carlota Távora — Iguaú
 02. Escola de 1.º Grau Doutor Carlos Gouveia — Iguaú
 03. Escola de 1.º Grau Maria Pacifico Guedes — Iguaú
 04. Escola de 1.º Grau Nossa Senhora do Perpétuo Socorro — Iguaú
 05. Escola de 1.º Grau Murilo Serpa — Acopiara
 06. Escola de 1.º Grau Padre João Antônio — Acopiara
 07. Escola de 1.º Grau Mons. Heráclito Teixeira — Baixio
 08. Escola de 1.º Grau Adail Barreto — Cariris
 09. Escola de 1.º Grau Antonieta Jucá Marques — Cedro
 10. Escola de 1.º Grau Profa. Fca. Albuquerque de M. — Cedro
 11. Escola de 1.º Grau Gabriel Diniz — Cedro
 12. Escola de 1.º Grau de Várzea — Cedro
 13. Escola de 1.º Grau Ana Vieira Pinheiro — Icoá
 14. Escola de 1.º Grau Professora Lourdes Costa — Icoá
 15. Escola de 1.º Grau Viviana Monteiro — Icoá
 16. Escola de 1.º Grau Dom Francisco de Assis Pires — Ipauimirim
 17. Escola de 1.º Grau João de Sá Cavalcante — Jucás
 18. Escola de 1.º Grau Dom Francisco de Assis Pires — Jucás
 19. Escola de 1.º Grau Alda Ferrer — Lavras da Mangabeira
 20. Escola de 1.º Grau Figueiras Lima — L. da Mangabeira
 21. Escola de 1.º Grau Paulo VI — Lavras da Mangabeira
 22. Escola de 1.º Grau Epitácio Pessoa — Orós
 23. Escola de 1.º Grau Sen. Olavo Oliveira — Saboeiro
 24. Escola de 1.º Grau Mons. Manoel Carlos de Moraes — Umari
 Relação das Escolas pertencentes à Delegacia Regional de Educação da 5a. Região — JUAZEIRO DO NORTE
 01. Escola de 1.º Grau Amália Xavier — Juazeiro do Norte
 02. Escola de 1.º Grau Figueiredo Correia — J. do Norte
 03. Escola de 1.º Grau Isabel da Luz — Juazeiro do Norte
 04. Escola de 1.º Grau José Bezerra — Juazeiro do Norte
 05. Escola de 1.º Grau Padre Cicero — Juazeiro do Norte
 06. Escola de 1.º Grau São Rafael — Juazeiro do Norte
 07. Escola de 1.º Grau Virgílio Távora — Juazeiro do Norte
 08. Escola de 1.º Grau Domingos Sávio — Juazeiro do Norte
 09. Escola de 1.º Grau Cel. Adauto Bezerra — J. do Norte
 10. Escola de 1.º Grau de Abajara — Abajara
 11. Escola de 1.º Grau Dr. José Dácio Leite — Aurora
 12. Escola de 1.º Grau Tsh. José Pinto Quesado — Aurora
 13. Escola de 1.º Grau Mons. Vicente Bezerra — Aurora
 14. Escola de 1.º Grau Padre Cicero — Aurora
 15. Escola de 1.º Grau Sen. José Martiniano de Alencar — Barbalha
 16. Escola de 1.º Grau Virgílio Távora — Barbalha
 17. Escola de 1.º Grau Gov. César Cals — Barro
 18. Escola de 1.º Grau Justino Alves Feitosa — Barro
 19. Escola de 1.º Grau Joaquim Gomes Basilio — Brejo Santo
 20. Escola de 1.º Grau José Matias Sampaio — Brejo Santo
 21. Escola de 1.º Grau Plácido Aderaldo Castelo — Caririagu
 22. Escola de 1.º Grau São Pedro — Caririagu
 23. Escola de 1.º Grau de Grangeiro — Grangeiro
 24. Escola de 1.º Grau Doutor Romão Sampaio — Jardim
 25. Escola de 1.º Grau de Jati — Jati
 26. Escola de 1.º Grau André Cartaxo — Mauriti
 27. Escola de 1.º Grau Adauto Leite — Mauriti
 28. Escola de 1.º Grau Antenor Lins — Milagres
 29. Escola de 1.º Grau Padre Joaquim Alves — Milagres
 30. Escola de 1.º Grau Wilson Gonçalves — Milagres
 31. Escola de 1.º Grau Fco. Arrais Maia — Missão Velha
 32. Escola de 1.º Grau Pedro Rocha — Missão Velha
 33. Escola de 1.º Grau de Penaforte — Penaforte
 34. Escola de 1.º Grau Manuel Tavares Rosendo — Porteiros
 Relação das Escolas pertencentes à Delegacia Regional de Educação da 6a. Região — LIMOEIRO DO NORTE
 01. Escola de 1.º Grau Arsenio Ferreira Lima — L. do Norte
 02. Escola de 1.º Grau Pe. Joaquim de Menezes — L. do Norte
 03. Escola de 1.º Grau Lauro Rebouças de Oliveira — L. do Norte
 04. Escola de 1.º Grau Mons. Otávio Santiago — L. do Norte
 05. Escola de 1.º Grau Urcesina Moura Cantídio — Alto Santo
 06. Escola de 1.º Grau Enéas Olimpio da Silva — Iracema
 07. Escola de 1.º Grau José Furtado Macedo — Jaguaribe
 08. Escola de 1.º Grau Carlota Távora — Jaguaribe
 09. Escola de 1.º Grau Militana Paes — Jaguaribe
 10. Escola de 1.º Grau de Mapuá — Jaguaribe

ANEXO C – HINO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ

**HINO DA ESCOLA ANA FACÓ**

Autor da Letra: Eder de Oliveira Lima
 Autor da Música: Sávio Monteiro

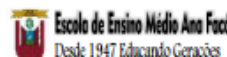
**A tua vontade atravessa os portões
 Educar tá no teu coração
 Firme e forte, a jangada da vida
 Consagrar e formar cidadãos** } **Estrilho**

**Ana Facó tua luz não se ofusca
 Esquecida jamais deixaremos
 Tua história é rica e exalta
 O conhecimento de ti herdaremos**

**Seguiremos a bradar ventos fortes
 Ao horizonte de ricas vitórias
 O sucesso, a vida, a glória
 Já passaram, por ti, passaremos
 (Estrilho)**

**Ana Facó o teu nome é orgulho
 Ou aprendo contigo ou não
 Tua força está na tua forma
 Forma "U" reflete união**

**Comparamos a tua existência
 A um feito de força divina
 Tua alma, tua onipotência
 Oferece, recebe, ensina
 (Estrilho)**



Fonte: Acervo da *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.

ANEXO D – BANDEIRA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ

Fonte: Acervo da *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.

ANEXO E – ESCUDO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ

Fonte: Acervo da *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.

ANEXO F – GALERIA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANA FACÓ

Fonte: Acervo da *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.

ANEXO G – LEI Nº 14.986, DE 25 DE SETEMBRO DE 2024**Presidência da República****Casa Civil****Secretaria Especial para Assuntos****Jurídicos****LEI Nº 14.986, DE 25 DE SETEMBRO DE 2024****Vigência**

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de **PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), passa a vigorar acrescida do seguinte art. 26-B:

“Art. 26-B. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, é obrigatória a inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares.

Parágrafo único. As abordagens a que se refere este artigo devem incluir diversos aspectos da história, da ciência, das artes e da cultura do Brasil e do mundo, a partir das experiências e das perspectivas femininas, de forma a resgatar as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas científica, social, artística, cultural, econômica e política.”

Art. 2º Fica instituída a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História, campanha a ser realizada anualmente na segunda semana do mês de março nas escolas de educação básica do País.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor no ano subsequente ao de sua publicação.

Brasília, 25 de setembro de 2024; 203º da Independência e 136º da República.

GERALDO JOSÉ RODRIGUES ALCKMIN FILHO

Macaé Maria Evaristo dos Santos

Aparecida Gonçalves

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14986.htm

ANEXO H – MEMORIAL GRUPO ESCOLAR ANA FACÓ (1947-2003)

MEMORIAL GRUPO ESCOLAR ANA FACÓ (1947-2003)



**ADMINISTRAÇÃO:
MARIA EDNIR DOS SANTOS**

Fonte: Acervo da *Escola de Ensino Médio Ana Facó*.